

ANAIIS

XII SEMANA DE HISTÓRIA POR UM BRASIL DEMOCRÁTICO ENSINO DE HISTÓRIA, TRABALHO E GÊNERO

DE 06 A 10 DE FEVEREIRO

REALIZAÇÃO:



DIRETÓRIO ACADÊMICO DE
HISTÓRIA DA UFRPE - MANUEL
CORREIA DE ANDRADE

APOIO:



Programa de
Pós-graduação
em História



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



Laboratório de Estudos
e Escrita sobre a Região



NUPECS
Núcleo de Pesquisas de Ciências Sociais da UFRPE



UFRPE

Reitor

Prof. Marcelo Brito Carneiro Leão

Vice-reitor

Prof. Gabriel Rivas de Melo

Diretor do Sistema de Bibliotecas da UFRPE

Edson Cordeiro do Nascimento

DIRETÓRIO ACADÊMICO DE HISTÓRIA - MANUEL CORREIA DE ANDRADE - UFRPE

Diagramação

Jaime de Lima Guimarães Junior

Arte

Willams Clark Gonçalves de Araújo



Diretor

Antão Marcelo Freitas Athayde Cavalcanti

Coordenador Administrativo

José Abmael de Araújo

Chefe de Produção Gráfica

Josuel Pereira de Souza

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

XII Semana de História por um Brasil democrático (2. : 2023 : Pernambuco, PE) Anais da XII Semana de História por um Brasil democrático [livro eletrônico] : ensino de história, trabalho e gênero. -- 1. ed. -- Recife, PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2023.
PDF.

Vários autores.

Vários organizadores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85711-07-4

1. Decolonialidade 2. Gênero e sexualidade 3. História - Estudo e ensino 4. Literatura - História e crítica 5. Patrimônio cultural I. Título.

23-160466

CDD-981.06

Índices para catálogo sistemático:

1. Congressos: Brasil: História 981.06

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

REALIZAÇÃO

Diretório Acadêmico de História - Manuel Correia de Andrade - UFRPE
Departamento de História – UFRPE

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Humberto da Silva Miranda
Dr. Uiran Gebara da Silva
Dra. Janaina Guimarães Fonseca e Silva
Dr. Walter Valdevino do Amaral
Dra. Alcileide Cabral do Nascimento
Dra. Elizabet Soares de Souza
Dra. Maria Rita Ivo de Melo Machado

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Alcileide Cabral do Nascimento
Profa. Dra. Andréa Bandeira Silva de Farias
Prof. Doutorando Carlos Bittencourt
Profa. Doutoranda Karuna de Paula
Prof. Mestrando Jonas Clevison Pereira de Melo Júnior
Prof. Mestrando Jaime de Lima Guimarães Junior
Graduanda Wirlanny Evelyn Oliveira Barros
Graduanda Ivanyele Clara Canto Araújo
Graduanda Danielle Roberto Bastos
Graduanda Dayane Gomes de Moura
Graduando Eduardo Alves Ferreira de Carvalho
Graduando Willams Clark Goncalves de Araújo

MONITORIA

Andrelly de Oliveira Santiago
Arthur Santana Almeida
Bárbara Rebeca Ponzi Müller
Eraldo Rodrigues Da Silva Filho
Felipe Sanches Lopes dos Santos
Gecilainy Gomes da Silva
Iuna Cananda Soares de Lima
João Gabriel Tadeu dos Santos
Juliana Ribeiro Sobral
Kevin Luiz Oliveira Araújo Silva Lima
Larissa Vitoria Andrade Stin
Letícia Gabriela da Silva Dutra
Lídia da Silva Souza
Luan Ferreira da Silva Paz
Maurilio Carlos Bezerra da Silva
Maysa Andrade Santos
Nicole Soares e Guimarães
Pedro Henrique da Silva
Rafaela Cibelly Barbosa de Melo
Ronald Felipe Oliveira dos Santos
Vanessa Vitória Campos Costa

APOIO

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Departamento de História da UFRPE
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFRPE)
Laboratório de Estudos e Ensino Sobre o Recife (RecLab - UFRPE)
Núcleo de Pesquisa de Ciências Sociais da UPE (NUPECS)
Núcleo de Pesquisa e Estudos em Gênero (NUPEGE)
Editora Universitária da UFRPE

APRESENTAÇÃO

O Diretório Acadêmico do Curso de Licenciatura em História - Manuel Correia de Andrade - da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com a colaboração dos docentes, estudantes e a comunidade em geral promoveu a **XII Semana de História: Por um Brasil democrático – Ensino de História, Trabalho e Gênero** entre os dias 6 a 10 de fevereiro de 2023 em formato híbrido, com atividades na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Campus Dois Irmãos, na cidade do Recife - PE. O evento teve o apoio do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional (PPGH - UFRPE), do Departamento e da Coordenação do Curso de História da UFRPE, do Curso de Ciências Sociais da Universidade de Pernambuco (UPE), Laboratório de Estudos e Ensino Sobre o Recife (RecLab - UFRPE), do Núcleo de Pesquisa de Ciências Sociais da UPE (NUPECS), do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Gênero (NUPEGE) e da Editora Universitária da UFRPE

O evento **Por um Brasil Democrático** se propôs a refletir e debater os desafios contemporâneos para a área de Ensino de História, duramente atingida pelo *turbotecnomachonazifascismo* que ganhou fôlego no Brasil e no Ocidente nos últimos anos, como também o desemprego em massa, a precarização do trabalho e como essas dimensões alcançam as relações de gênero - numa perspectiva interseccional. Estamos hoje com uma taxa de desemprego que ultrapassa 10 milhões de pessoas, enquanto cerca de 40 milhões vivem em empregos informais, sem perspectivas de inserção no mercado de trabalho, não havendo políticas para inclusão de jovens egressos dos Institutos Federais e das Universidades Públicas. Este quadro é fruto de uma péssima gestão, a qual visa exclusivamente manter o colonialismo da Casa Grande, ao mesmo tempo que aprofunda todos os tipos de desigualdades e promove o desinvestimento em ciência e tecnologia, apostando no obscurantismo neofascista para sobreviver politicamente.

Por isso, reunimos todas, todos e todes, comprometidos a discutir, numa perspectiva decolonial, ações e alternativas para um país que deseja e sonha com trabalho, comida, lazer e dignidade.

O evento ofertou diversos minicursos, simpósios temáticos, mesas redondas e conferências. As atividades dos simpósios temáticos foram exclusivamente remotas. Contudo, manteve a qualidade dos debates promovidos pelo DA em História, em plataformas on-line, possibilitando a participação de pesquisadores de todo Brasil. As conferências, mesas redondas e demais atividades acadêmicas e culturais foram realizadas presencialmente no Campus Sede da UFRPE em Recife - PE.

No evento, foi possível reunir as professoras, professores, alunas e alunos de pós-graduação, da graduação e demais pessoas interessadas. E mais, foi uma oportunidade formativa para estudantes de graduação que puderam apresentar suas pesquisas de Iniciação Científica e/ou Iniciação à Docência nos amplos Simpósios Temáticos. As conferências e mesas redondas foram compostas por pesquisadoras e pesquisadores que apresentaram debates e reflexões sobre os desafios do Brasil democrático no âmbito das Relações de Gênero, Ensino de História e Trabalho.

Neste documento, será possível se aproximar dos diversos temas de pesquisas da graduação e pós-graduação ofertados pelos Simpósios Temáticos através dos resumos disponíveis a seguir.

Desejamos um bom aproveitamento deste material.

Comissão Organizadora

SUMÁRIO

Simpósio Temático 01

Aprendizagem escolar, História Pública e novas linguagens digitais: abordagens e perspectivas no Ensino de História

Coordenação: Augusto Cesar Acioly Paz Silva | Alvanir Ivaneide Alves da Silva 13

Professores youtubers de História: práticas e perspectivas para o Ensino de História midiático e audiovisual

Pedro Botelho Rocha 14

O Axé está on: reflexões sobre os usos e desusos do YouTube como ferramenta de ensino sobre os fundamentos de Umbanda

Paula Roberta Libanori Haenisch 14

Museus Virtuais e o Ensino de História nos Espaços Públicos

Alvanir Ivaneide Alves Da Silva 15

A guerra do Paraguai em quadrinhos: uma abordagem para o Ensino de História

Cleberon Vieira de Araújo 15

Idade Média à direita: o uso de memes sobre cavaleiros medievais pela extrema direita brasileira e o ensino de História

Núbia Challine de Oliveira Coelho 16

Simpósio Temático 02

Gênero e feminismos - entre normatização e transgressão

Coordenação: Karuna Sindhu de Paula | Carlos Bittencourt Leite Marques 17

Doses de "marechalite": a representação feminina em charges favoráveis à candidatura de Hermes da Fonseca (1909-1910)

Bruno Corrales Pereira 18

Símbolos do sangue: percepções da menarca segundo adolescentes e sua relação com a desigualdade de gênero

Letícia Santos Ferreira 19

A prostituta despudorada: a narrativa da Exposição Chantecler pelo periódico Diário de Pernambuco (1973)

Olívia Tereza Pinheiro de Siqueira 20

Em nome do pai, do filho e do espírito santo: Gênero e Ordenações Manuelinas no contexto ibero-português do século XVI.

Laryssa Victória dos Santos Valente 20

Mulheres na luta: a representação das militantes femininas no jornal O Globo (1968 - 1971)

Maria Clara Bandeira Ortiz de Carvalho 21

Criptojudasmo feminino: possibilidades de (re)existência na América portuguesa (séc. XVI)

Layane de Oliveira Carvalho 22

A diversidade sexual e de gênero entre os povos indígenas

André da Silva Muniz 22

As representações do feminino no poder no oitocentos através da figura da Princesa Isabel, 1860 - 1887.	Lais Paiva da Ressureição	23
Memória, Patrimônio e Território		
Coordenação: Thuca Kércia Morais Jaime de Lima Guimarães Junior		24
Vasos, cuias, panelas e potes: um olhar sobre a cerâmica Tupiguarani da Mata Sul de Pernambuco	Wirlanny Evelyn Oliveira Barros Ana Lucia do Nascimento Oliveira Suely Cristina Albuquerque de Luna	25
Nem só de aparências se vivia no Recife oitocentista: os objetos cerâmicos e o cotidiano	Dayane Gomes de Moura	25
Delfrio e criatividade na obra pictórica de Séraphine Louis	Tamara Silva Chagas	26
A cidade e as pessoas que nela vivem, relação entre memória, espaço e identidade, em Ribeirão das Neves – MG	Maycon Emílio Vicente Alves	26
Peter Lund e sua pesquisa em cavernas calcárias	Marina Silva Cota	27
Gente que vira estátua: o projeto cívico pedagógico brasileiro pós-Segunda Guerra Mundial - o caso do Monumento ao Expedicionário em Campos dos Goytacazes e do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro (1946 - 1960)	Gabriel Motta Costa	28
Serra Talhada capital do Xaxado: memória e patrimônio na definição de uma identidade	José Ferreira Júnior	28
O impacto do processo de Reafricanização na escolha do que preservar e eleger como Patrimônio Cultural dos povos de terreiro	Jaqueline Gonçalves Araújo	29
"Integralismo é obra de Deus": a formação e composição do Integralismo na cidade de Parnaíba – Piauí	Thiago Silva de Sousa	29
O movimento da boa imprensa em Goiás: o Jornal Santuário da Trindade (1922-1931) e o combate aos inimigos da religião	Paulo Afonso Tavares	30
As relações de solidariedade e reciprocidade na construção da etnicidade do quilombo da Lagoa do João em Poções – BA	Isaac Dias Martins do Carmo	31
Espaços afetivos, corpos (de)marcados e memórias dissidentes: heterotopias acerta do patrimônio no Beco da Fome - PE – Recife e na Praça Clementino Procópio em Campina Grande - PB	Rômulo Medeiros Pereira Marco Antônio Gomes dos Santos	31

Simpósio Temático 04	Operação historiográfica e literatura: possíveis diálogos e reflexões teórico-metodológicas	Coordenação: Isabela Padilha Papke Raissa Gouveia de Melo Efrem	33
	Sob o olho dele: uma distopia ou uma forma eufemística de descrever a realidade?	Alessa Nara Fortunato Pena	34
	A relação de Diacuí-Ayres sob a ótica de Ayres Câmara Cunha: uma breve análise do encontro	Bruna Lacerda de Souza	34
	O uso de obras literárias memorialísticas como fonte para a escrita da História Cultural	Ítalo Pereira de Sousa	35
	Notas sobre uma escrita da história revoltada: eixo metafórico, absurdo e revolta no romance "La Peste" (1947) de Albert Camus	Cristian Bianchini de Athayde	36
	Registro literário e mediação cultural: Manuel Diégues Junior e os motivos folclóricos na literatura	Luan de Sousa Batista	37
Simpósio Temático 05	Rastros e ruídos da “gente miúda”: vidas subalternas nos recantos do Brasil nos séculos XVIII e XIX	Coordenação: Lis de Araújo Meira Sebastião Genicarlos dos Santos	38
	“É costume nesta cidade de todos caixeiros”: trabalho, cotidiano e condição dos caixeiros no Pernambuco oitocentista	Manoel Pereira da Silva Neto	39
	Um comerciante no alvorecer da modernidade no oeste mineiro: análise de trajetória de Antônio Elói Cassimiro de Araújo, o Barão de Ponte Alta (1816-1903)	Pedro Júnior Coelho da Silva Nunes	39
	A Associação dos Guarda-Livros (RJ) como forma de compreender a hierarquização da classe caixeiral oitocentista	Guilherme Gonçalves Oliveira	40
	Visões ciganas em disputa: as páginas do a Província e do Diário de Pernambuco em 1877 como fontes de pesquisa	Hiago Murilo Freire Costa	40
	O Barão de Muribeca: um político do século XIX	Marcos Fellipe Nascimento dos Santos	41
	As perturbações do espírito: a racialização da “santa de Juazeiro”	Bruna Karina Ferreira de Lima Melo	41
	“Essa gente rústica, infiel e naturalmente atrevida”: o crime de solicitação e descréditos das testemunhas na freguesia de São Francisco das Chagas do Rio Grande do Sul (século XVIII)	Hortencia Lima Silva	42
	Violência e justiça na Vila de Água Branca, década de 1880	Marília Lima de Araújo	43

Simpósio Temático 06

Embates contra o Império: Borges da Fonseca e a discussão sobre República nos impressos (1843-1855)	Edson José de Meneses Alves	43
O teatro abolicionista em Recife: projetos, profissionais e repercussão (1884-1888)	Luana Beatriz Ferreira Lopes do Nascimento	44
Ensino de história e história dos excluídos: sujeitos, conceitos e práticas Coordenação: Marcone Carlos dos Santos Nascimento Ana Maria Lúcia do Nascimento		45
A importância do ensino de história e história dos excluídos na formação de um Brasil democrático	Lindalva Augusto Santiago	46
Pedagogia do oprimido, consciência histórica, consciência negra. Confluências e divergências na filosofia da práxis de Paulo Freire, Jörn Rüsen e Steve Biko	Márcia Santos Severino	46
Grupo de estudos sobre educação brasileira: o pensar certo na construção crítica de um saber-fazer-docente	Antonia Jamilly Costa Ferreira David Emanuel Pereira de Souza	47
A desigualdade social brasileira em tela: Teremos infância (1971) e o audiovisual no ensino de história	Bianca dos Santos Gomes Fernando Gabriel Costa Volpin	49
O lugar da história das mulheres nos itens das ciências humanas e suas tecnologias no enem (2016-2018)	Stephane de Souza Martins	50
Representações dos povos indígenas na Colômbia do oitocentos: uma análise de "conquista y colonización de américa por los españoles" (1885), de Miguel Antonio Caro	Giovana Eloá Mantovani Mulza	50
Batalhas de rima: resistência e resiliência	Heitor Sena Trindade	51
Brasil Bolsonaro: o uso de charges contra o esquecimento	Kleire Anny Pires de Souza	52
A sociabilidade social do jornal O Dominical durante os primeiros anos da ditadura militar (1964-1969)	Joel Marcos Brasil de Sousa Francisco de Assis de Sousa Nascimento	53
Contextualizando o sionismo cristão católico no cenário neoconservador brasileiro: "sinal" de uma nova cultura política em ascensão no Brasil contemporâneo (2016 - 2022)	Tiago Macedo Bezerra Maia	53

Simpósio Temático 07

História da saúde e das doenças: saberes, práticas, instituições e sujeitos

Coordenação: Ana Karine Martins Garcia | Jonas Clevison Pereira de Melo Júnior

55

Os “índios camacans” pelo olhar do médico João Baptista de Sá Oliveira (Bahia, século XIX)

Beatriz Jesus Rocha dos Santos

56

“Olhai para as ruas desta cidade”: os discursos médicos na produção do Recife enquanto um espaço urbano insalubre (1831- 1845)

Jonas Clevison Pereira de Melo Júnior

56

O cotidiano do leprosário Paracary: circulação de plantas e saberes na Amazônia oitocentista

Ejhn Lucas Dias Costa

57

Trajetórias de Médicos em Goiás no século XIX

Leicy Francisca da Silva

57

"A publicação dele tem por fim (...) expor-me à execução geral": episódios de conflitos e a administração eclesiástica da freguesia da cidade de Alagoas em meio à epidemia de cólera (1856)

Lydio Alfredo Rossiter Neto

59

O flagelado é o flagelo? Migração cearense e epidemias de varíola em Belém (1877-1915)

Júlia Rafaela Silva da Silva

59

O Desinfectorio Central de São Paulo: saneamento urbano na República Velha (1890-1925)

Sergio De Simone

60

A lepra nos periódicos amazonenses (1927-1930): um quadro do Inferno de Dante

Janielly Cordeiro de Castro

61

O “holocausto” brasileiro: Ensaio sobre o controle dos corpos e o processo de desumanização no Hospital Colônia Barbacena, Minas Gerais, entre 1903 e 1980

Clarisse Beatriz Nascimento Ventura | Edinaldo Verissimo da Silva Junior

61

Perspectivas acerca da construção de memórias sobre Covid-19 a partir da voz dos estudantes da PUCRS

Luisa Borgmann de Oliveira

62

Simpósio Temático 10

Gênero, Literatura e História

Coordenação: Maria Clara Martins Cavalcanti

63

Frankenstein ou o Prometeu Moderno, de Mary Shelley e o Prometeu Desacorrentado de Percy Shelley e seus usos do passado. Recepção de mitos gregos antigos na Inglaterra oitocentista.

Luana da Silva de Souza

64

Mulheres negras, sensibilidades e representações na obra Olhos D'Água, de Conceição Evaristo

Francisca Cibele da Silva Gomes

64

Literatura ameríndia: história e memória de mulheres originárias

Bianca Costa de Matos

65

A Literatura na reclusão: Ato de ler e escrever pelas mulheres burguesas do século XVIII em Londres	Indaiá Demarchi Klein	65
À prova de fogo, reflexões acerca da dramaturgia de Consuelo de Castro	Narla Liandra Pastora Vieira	66
Humor e acontecimento: as confraefetuações do personagem gay Gianluca na série “tudo pede salvação”	Weberson Ferreira Dias Suely Henrique de Aquino Gomes Deyvisson Pereira da Costa	67
Poder e autoridade feminina na Ásia seiscentista: as mães fundadoras do Convento de Santa Clara de Macau entre o temporal e o espiritual	Igor Santiago Costa	68

Simpósio Temático 11

História oral e sujeitos subalternizados: narrativas, gênero e cosmopercepções Coordenação: Emanuel da Silva Oliveira Alexandre Gomes Teixeira Vieira		69
Mulheres e a resistência contra a ditadura militar	Nicole Maria Babugia Pinto	70
Gênero, memória e organização popular: O Grupo Mulher Maravilha de Nova Descoberta/Recife	Caroliny dos Santos Marinho	70
Trabalhadores rurais e moradia em fazendas no Agreste pernambucano: história e memória durante a Ditadura Militar (1964-1985)	Emilly Mayara Pereira da Silva Emanuel da Silva Oliveira	71
Militares x militares: a memória sobre o aparato repressivo interno	Rodrigo Musto Flores	72
A representatividade das mulheres na política institucional de Carangola	Stefany Reis Marquioli	73
História Oral, interseccionalidade e direitos: a História Oral como fonte para pensarmos as resistências comunitárias das mulheres do Quilombo Cruz da Menina, em Dona Inês/PB	Fernanda de Araújo Oliveira	73
Historiografia, gênero e contos de fadas: ferramentas para interpretar contos (histórias) de Trancoso	Emanuel da Silva Oliveira	74
Oralidade e culturas negras: Experiência e desafios do uso da história oral como método de pesquisa na contemporaneidade	Sebastião Alves da Rocha	74
O cotidiano do trabalho no Faxinal da Cachoeirinha - Ibituva/PR (1950-1980)	Dener Cristi dos Santos	75
Indígenas Potiguaras LGBTQIAPN+ da Paraíba no contexto da cidade e da aldeia	José Marcos Nascimento Pontes Dayane Nascimento Sobreira	75

O tempo dos ancestrais e o tempo presente: a escrita desana em “antes o mundo não existia”, a história, e as lutas políticas Tukano (anos 80-90, séc. XX)	Lara Oliveira Reis	76
“Os sentidos da hanseníase. Uma batalha de memória no tempo presente”	Luiza Porto de Faria	78
Reminiscências flageladas: narrativas sobre a fome durante a seca de 1958 e 1970 no Cariri cearense	Bartolomeu Humberto de Sousa	78

Simpósio Temático 12

Interculturalidade e decolonialidade no Ensino de História

Coordenação: Juçara da Silva Barbosa de Mello | Felipe Cromack de Barros Correia 79

África: uma viagem no tempo	Anna Elisa da Silva Gomes Mastrangelo Rafael de Albuquerque	80
Patrimônio Cultural Negro, Ensino de História e educação antirracista: um projeto de extensão	Juçara da Silva Barbosa de Mello	80
Decolonialidade no Ensino de História: (re)pensando as crônicas dos viajantes	Wanderson Sousa Costa Rodrigo José Rodrigues Maciel	81
O Encontro de Saberes com Maria Luiza Marcelinos	Felipe Cromack de Barros Correia	81
Ensino de História nos museus: uma perspectiva decolonial	Luisa da Fonseca Tavares	82
Estrofes de História - escrita em rima e letramento histórico	Adriana da Silva Serafim	82
Para além do relativismo cultural: o Ensino de História Indígena na escola básica através da interculturalidade crítica	Vinicius Valadão Gonçalves	83
Políticas educativas para minorias étnico-raciais e o ensino de História em Portugal e no Brasil: experiências nos dois lados do Atlântico	Isabella Pereira Pimentel	83
História única e decolonialidade no currículo do ensino médio paulista: experiências negras no Brasil e estratégias educacionais para o combate ao racismo estrutural	Alan Tomaz de Andrade	84

Simpósio Temático 01

Aprendizagem escolar, História Pública e novas linguagens digitais: abordagens e perspectivas no Ensino de História

Coordenação: Augusto Cesar Acioly Paz Silva | Alvanir Ivaneide Alves da Silva

PROFESSORES YOUTUBERS DE HISTÓRIA: PRÁTICAS E PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA MIDIÁTICO E AUDIOVISUAL

Pedro Botelho Rocha
pedro.botelho.rocha@gmail.com

Resumo:

O YouTube, plataforma digital de vídeos, tem se tornado um dos espaços mais importantes da cultura digital nas últimas décadas, congregando milhões de horas de conteúdo consumido e de usuários. De igual maneira, o site vem se delimitando como um campo onde é possível ensinar e aprender, incluindo nesse escopo o Ensino de História, considerando o trabalho de diversos professores que produzem conteúdo educacional e histórico. Este trabalho tem como objetivo conceituar esses professores de História que utilizam o YouTube como veículo midiático audiovisual para o ensino do conhecimento histórico. Desejamos destacar aspectos das metodologias, práticas e critérios desses profissionais, sua relação com a Didática da História, saberes docentes e demais conceitos que identifiquem o Professor Youtuber de História como um perfil docente próprio da cultura digital, dotado de conhecimentos pedagógicos, profissionais e midiáticos, que traça e desenvolve estratégias didáticas para o ensino e divulgação do conhecimento histórico.

Palavras-chaves: Ensino de História; YouTube; Audiovisual

O AXÉ ESTÁ ON: REFLEXÕES SOBRE OS USOS E DESUSOS DO YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE ENSINO SOBRE OS FUNDAMENTOS DE UMBANDA

Paula Roberta Libanori Haenisch
Mestranda em História Pública pela UNESPAR - Campo Mourão
paulahistuem@hotmail.com

Resumo:

O século XXI é, certamente, marcado pela permanência e pelo crescimento das ferramentas tecnológicas no mundo da educação, quer seja nos ambientes formais onde ocorrem os processos de ensino e aprendizagem ou nos contextos informais onde esses mesmos processos se fazem possíveis. Por meio de redes sociais ou plataformas de interação digital e dialógica, como é o caso do YouTube, dezenas de informações são produzidas dia após dia. Dentre inúmeros assuntos, podemos encontrar diversos canais voltados às temáticas afro religiosas, com discursos ora semelhantes, ora conflitantes entre si, além de canais cujo conteúdo apresenta uma natureza mais informativa, enquanto outros se estruturam com fins mercadológicos, bem como aqueles que usam da curiosidade do público amplo para promover a espetacularização midiática dos fundamentos afro religiosos. Neste sentido, a proposta deste trabalho é refletir acerca de como o YouTube, especificamente, vem sendo utilizado para tratar de temáticas afro religiosas – com foco na Umbanda – a partir das perspectivas da História Digital e da História Pública ao considerarmos que a plataforma em questão seja uma potente ferramenta para o Ensino de História em meio aos seus usos e desusos.

Palavras-chaves: YouTube; História Pública; História Digital; Umbanda; Ensino de História.

A GUERRA DO PARAGUAI EM QUADRINHOS: UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Dr. Cleberson Vieira de Araújo

Pós – Doutor em Política Educativa, Estudos Sociais e Culturais pela CENID/ México

cleberson.historiador@gmail.com

Resumo:

Estudar um conflito continental que deixou tantos mortos, feridos e cidades completamente arrasadas, pode ser instigante, a depender do material de estudos e do público envolvido. Com efeito, estudar a Guerra do Paraguai mediante a história em quadrinhos produzida por Enzo Pertile pode representar uma grande oportunidade para o ensino de história na educação básica. Logo, esse breve trabalho tem por objetivo geral estudar a Guerra do Paraguai através da história em quadrinhos. Esse trabalho se faz importante por apresentar um tema tão relevante para a história da América Latina, a Guerra do Paraguai, sob uma abordagem diferente. A metodologia empregada é qualitativa, parte da análise da obra em quadrinhos “Guerra contra la Triple Alianza – Vencer o murir” de Enzo Pertile entre outros especialistas que se debruçam sobre a temática, a exemplo de Doratioto (2002) e Squinelo (2008).

Palavras-chaves: Guerra do Paraguai; História em quadrinhos; Ensino de história.

MUSEUS VIRTUAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Alvanir Ivaneide Alves da Silva

Mestranda em História UFRPE

alvaniralves2017@gmail.com

Resumo:

No presente trabalho realizamos um debate acerca dos espaços produtores de História pública, dando enfoque aos acervos virtuais que mediados pela mídia digital tem possibilitado um acesso mais amplo à História por parte do público. Os museus sendo espaços de memórias, com a sua vertente virtual através da internet tem possibilitado um espaço propício e didático de aproximação da História com o seu público, já que está produzindo e compartilhando conhecimento histórico para a sociedade. O museu virtual possibilita um acesso sem fronteiras, desta forma, se torna um espaço colaborativo de propagação de uma aprendizagem histórica, contribuindo com a memória social, cultural e histórica da sociedade. Segundo Rute Muchacho (2015, p. 1546) “o museu virtual é um verdadeiro laboratório de experimentação que se manifesta especificamente na maneira como a tecnologia determina a própria forma da experiência”. Sendo assim, para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada a análise da revisão bibliográfica de livros e artigos referente aos espaços de memória diante dos recursos tecnológicos e análise de acervos virtuais de museus, o que tem ocasionado novas formas de ensinar e produzir história. Com a análise da fundamentação teórica, por meio de diálogos entre autores e textos de referência e com a ordenação de informações adquiridas na pesquisa, será possível tornar mais claro e compreensível o estudo acerca da utilização de museus virtuais como espaços de práticas de produção, divulgação e disponibilidade de acesso do conhecimento histórico ao público.

Palavras-chaves: Ensino de História, História Pública, Museus Virtuais.

IDADE MÉDIA À DIREITA: O USO DE MEMES SOBRE CAVALEIROS MEDIEVAIS PELA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Núbia Challine de Oliveira Coelho
Mestranda pela UFNT
n.c.o.c@hotmail.com

Resumo:

A Idade Média é um período histórico que suscita muitas emoções, talvez fruto de sua constante presença em filmes, séries e livros que não possuem rigor historiográfico e repassam, muitas vezes, uma imagem estereotipada do período e das pessoas que nele viveram. Analisar o tema dos cavaleiros medievais e sua utilização pela extrema direita brasileira exige, pelo menos, duas grandes frentes de estudos: os usos e abusos de temas medievais, ou seja, a apropriação, no presente, de temas e elementos medievais (os cavaleiros, no caso específico), com ou sem o rigor ético do fazer histórico, em um processo constante de construção e reconstrução das temporalidades históricas, e o ambiente digital/virtualizado em que os estudantes estão inseridos. A imagem de cavaleiros montados em seus cavalos a caminho de Jerusalém é elemento muito presente no imaginário popular acerca da Idade Média e faz parte daquilo que Berns e Johnston (2019) chamam de “medievalismos”. Trata-se da construção e da adequação de personagens e acontecimentos medievais aos interesses e à lógica de grupos inseridos no presente e guiados por essa temporalidade. Pensar o ensino de História Medieval, neste contexto, requer ter em mente a seguinte reflexão: que tipo de ideias, emoções e suposições são criadas em nosso imaginário através das representações acerca do medieval? Percebe-se que o uso políticoideológico desse tempo histórico, por parte da extrema direita brasileira, está adentrando os espaços escolares e guiando jovens em seus processos de construção de identidade e de consciência histórica. Um dos meios utilizados pela extrema direita brasileira para veicular essas ideias é o meme e as redes sociais. O meme, como linguagem de fácil acesso e compreensão, alcança os jovens e dialoga diretamente com eles - nativos digitais que são. Sendo produzido e repercutido em redes sociais – ambiente em que os jovens passam boa parte do seu tempo – alcança um público cada vez maior e, assim como os filmes e a literatura também fazem, encanta através de uma visão idealizada da Idade Média. O meme de cavaleiros medievais tem sido utilizado para alcançar os jovens e dialogar diretamente com eles. Conhecer e problematizar a produção, circulação, mas principalmente o consumo, dos memes de internet é essencial para a construção de seres humanos críticos e dotados de consciência histórica, como defendido por Paulo Freire (1987) e Jörn Rüsen (2001). Faz-se necessário, portanto, atualizar as metodologias de ensino de História e se apropriar das linguagens digitais, a fim de disputar com outros agentes sociopolíticos as ferramentas de construção de saberes históricos. A pesquisa empírica partirá da análise das concepções dos estudantes (questionário estruturado em Formulário Google, oficinas) acerca da Idade Média e, em particular, dos cavaleiros medievais, com o intuito de construir um quadro comparativo e de coletar informações que constituirão as fontes de pesquisa. Conterá também com a seleção de memes da internet sobre cavaleiros medievais, pela pesquisadora, para análise e discussão com os estudantes durante as oficinas. Serão selecionados memes que circularam nos últimos 5 anos, veiculados e/ou produzidos por perfis associados à extrema direita brasileira.

Palavras-chaves: Ensino de História; extrema direita; cavaleiros medievais; memes; redes sociais.

Simpósio Temático 02

Gênero e feminismos - entre normatização e transgressão

Coordenação: Karuna Sindhu de Paula | Carlos Bittencourt Leite Marques

DOSES DE “MARECHALITE”: A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM CHARGES FAVORÁVEIS À CANDIDATURA DE HERMES DA FONSECA (1909-1910)

Bruno Corrales Pereira

Doutorando - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

brunocorralesp@hotmail.com

Resumo:

O sistema republicano e as alterações urbanas do início do século XX trouxeram uma série de inovações no campo dos costumes, com a ampliação dos espaços de sociabilidade, novas formas de trânsito e diferentes valores veiculados sobre os gêneros e seus lugares de atuação (HAHNER, 2003; SANT'ANNA, 2013; MISKOLCI, 2013). Desta forma, as representações do feminino na imprensa brasileira também fizeram parte da construção da nova realidade, expressando a normatividade de gênero e discutindo quais as formas de conduta adequadas a mulheres e homens na Primeira República (PEÇANHA, 2013). São visíveis os vários esforços simbólicos de legitimação do novo regime, como na sua representação como uma personagem feminina, por exemplo. Trata-se da representação de uma República-Mulher, baseada em modelos pretéritos de idealizações das repúblicas romana e francesa, aqui uma personagem desenvolvida por chargistas homens para elogiar ou atacar o cenário político brasileiro (CARVALHO, 1990). Com isso, a veiculação de valores relacionados às feminilidades e masculinidades se fez muito presente, indicando a importância da normatividade de gênero na construção desses repertórios imagéticos. Neste sentido, entendendo que representações “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1988, p. 17), utiliza-se tal enfoque teórico para analisar a revista humorística carioca *O Malho*. Durante a corrida presidencial de 1909 e 1910, *O Malho* foi favorável ao candidato militar, o Marechal Hermes da Fonseca. Entre as várias representações utilizadas pelas fontes para o apoio ao lado militarista, encontram-se charges que se valem da figura feminina, colocando-a em posições narrativas específicas voltadas a corroborar um lado da eleição e deslegitimar o lado adversário. Neste sentido, foram relevantes as representações da República-Mulher, que ganha destaque aqui, bem como de outras personagens femininas. Além disso, é possível observar como foram feitos recortes de raça e classe na caracterização de tais personagens, não sendo dado a personagens negras, indígenas, ou da classe trabalhadora o mesmo tratamento de personagens brancas e/ou burguesas. Estas utilizações iconográficas são mais relevantes quando se analisam as principais pautas correntes no pleito eleitoral, que incluíam pautas de costumes e o combate às oligarquias. Um dos grandes medos sociais deste período foi a questão da “inversão sexual”, concepção em que a autoridade masculina estaria supostamente sendo atacada, entre outras coisas, pela ascensão feminina ao ambiente público e uma suposta inversão de valores oriunda desse movimento (MISKOLCI, 2013; SOIHET, 2003). Diante disso, características vistas à época como típicas ao gênero feminino foram ora ressaltadas, ora suprimidas para fins de representar nas charges argumentos favoráveis ou contrários a cada um dos candidatos envolvidos na eleição. Por vezes, a mulher era a vítima flagelada pela má política, por vezes era “virilizada” por seu apoio ao candidato militar. A ideia da presente exposição, portanto, é compreender como o gênero (em especial, o feminino) foi mobilizado, normatizado, ou até mesmo subvertido para fins retóricos e narrativos específicos, observando a artificialidade de categorias e a potência política de representações como as charges, amplamente utilizadas no contexto da Primeira República.

Palavras-chaves: Gênero; Charges; Eleição Presidencial; Representação Feminina; Primeira República.

SÍMBOLOS DO SANGUE: PERCEPÇÕES DA MENARCA SEGUNDO ADOLESCENTES E SUA RELAÇÃO COM A DESIGUALDADE DE GÊNERO

Letícia Santos Ferreira

Mestranda na Universidade Federal do ABC - UFABC

ferreira.leticia@ufabc.edu.br

Resumo:

Este projeto se propõe a investigar a experiência da menarca (primeira menstruação) relatada por adolescentes e identificar possíveis relações entre suas vivências e a desigualdade de gênero. Parte-se do campo de conhecimento da psicologia com acréscimo de estudos feministas. A revisão preliminar de literatura mostra que, no Brasil, a experiência da menarca é marcada por medo, vergonha e desconhecimento, sendo comum a associação com o término da infância e o início da maturidade sexual, o que acarreta sofrimento e coloca em risco a integridade e a segurança das pessoas que menstruam, que podem ser submetidas a práticas sexuais precoces (BRETAS *et al.*, 2012; DIÓGENES *et al.*, 2000). Poucas têm acesso a informações suficientes para sentir-se tranquilas, acolhidas e satisfeitas em suas necessidades tanto práticas quanto afetivas e, ainda que tenham aulas de educação sexual, os conteúdos dizem mais respeito a higiene, sistema reprodutor e risco de gravidez na adolescência do que às experiências e percepções das jovens, que sentem-se insatisfeitas com as consultas ginecológicas, reivindicando mais tempo, atenção e paciência por parte dos profissionais que as atendem nos serviços de saúde (PEREIRA *et al.*, 2013). Além disso, o absentismo escolar é elevado e as consequências para a autoestima são pouco exploradas (SOMMER, 2015). Os levantamentos de Rohden (2001), Laqueur (2001) e Martin (2006) demonstram que, historicamente, a menstruação vem sendo associada a um argumento biológico que justificaria o início do papel social reprodutivo esperado das pessoas que menstruam. Seus estudos, somados aos de Keller (2006) e Schiebinger (2001) contribuem desde o ponto de vista das epistemologias feministas com abordagem crítica à visão da ciência sobre o corpo das mulheres. Contemporaneamente, Federici (2017) e Fraser (2021) endossam tal argumento ao ressaltarem a importância da exploração do trabalho reprodutivo para perpetuação do sistema capitalista. É nesse sentido que as narrativas biologicistas contribuem. Assim, os capítulos teóricos abarcarão o conceito de menarca e menstruação na história da medicina e na atualidade, os tabus menstruais e a desigualdade de gênero, os impactos subjetivos da vivência menstrual estigmatizada e novas narrativas menstruais. Quanto à psicologia, Zanello (2018), Kilomba (2019) e Fanon (2020) argumentam pela desconstrução de pressupostos clássicos em psicologia, gerando conhecimento contextualizado sócio-historicamente. O trabalho apresenta relevância social - no sentido produzir materiais que desnaturalizem o tabu menstrual - e para a psicologia como ciência e profissão, gerando conhecimento para pautar intervenções psicológicas de prevenção primária e promoção da saúde. Optou-se por pesquisa qualitativa. Propõe-se a configuração de grupos focais com adolescentes cursando o ensino médio. A partir da pergunta disparadora “como foi ou está sendo a sua menarca (primeira menstruação)?” objetiva-se entender os sentidos e significados atribuídos pelas participantes a esse fenômeno, bem como oferecer devolutiva à comunidade sob a forma de acolhimento e informação para as participantes. A análise dos dados será feita por meio de categorias de sentido levantadas a partir das falas de participantes do grupo e a discussão ocorrerá pela relação entre as categorias de sentido e o referencial teórico.

Palavras-chaves: menstruação; menarca; adolescência; identidade: gênero.

A PROSTITUTA DESPUDORADA: A NARRATIVA DA EXPOSIÇÃO CHANTECLER PELO PERIÓDICO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1973)

Olívia Tereza Pinheiro de Siqueira

Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense – PPGH/UFF

oliviaterzapinheiro@gmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como premissa, a análise da construção de um discurso narrativo sobre a figura da prostituta e seu local de trabalho promovido pelo periódico *Diário de Pernambuco* através das reportagens veiculadas no ano de 1973 sobre a Exposição Chantecler. Tal exposição fora realizada dentro de uma boate com mesmo nome, localizada no seio da zona meretrícia do Recife. No tocante ao discurso narrativo utilizado pelo referido jornal, utilizaremos como embasamento teórico metodológico autores como Stuart Hall, Eugênio Bucci, Jesús Martín-Barbero, Robert Darnton e a Marta Emisia Jacinto Barbosa. Já no que se refere ao discurso imagético sobre o corpo da prostituta, este artigo disporá das análises das autoras como Margareth Rago, Monique Prada, Gerda Lerner e do Pierre Bourdieu.

Palavras-chaves: Prostituição; Gênero; Sexualidade; Arte; Chantecler;

EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO: GÊNERO E AS ORDENAÇÕES MANUELINAS NO CONTEXTO IBERO-PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI.

Laryssa Victória dos Santos Valente

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Laryvvalente@hotmail.com

Resumo:

É notório o número de textos de História Medieval publicados nos últimos anos que empregam a perspectiva de gênero enquanto categoria útil de análise histórica. Entretanto, quando trata-se de fontes documentais ligadas a este período, pouquíssimas são as produções que utilizam a ferramenta de gênero para analisá-las. Documentos como as Ordenações Manuelinas, tem sido explorados a partir de uma perspectiva jurídica ou de um viés que não traz à tona os personagens penalizados\caçados\punidos por esses documentos. Nesse sentido, utilizar o Gênero enquanto possibilidade de leitura, de documentos de natureza Régia importa, pois, tal categoria rejeita o determinismo biológico e frisa que a distinção sexual não é natural, universal ou invariante. Os estudos de gênero fazem parte do campo da História Cultural e se debruçam a discutir como uma visão de gênero se constrói e é imposta de forma discursiva em determinado grupo, em um certo momento, apontando sua historicidade e desconstruindo-a. Nas Ordenações, sobretudo nos livros IV e V, temas como bigamia, sodomia, estupro de virgens, incesto e barreguice são recorrentes e, utilizando a categoria de Gênero enquanto binóculo para o estudo desses documentos, corroboraria para o fomento das pesquisas de gênero dentro do campo da História Medieval. Além de, viabilizar a construção de um panorama de questões conceituais e práticas no que concerne a descolonização e o descentramento na forma de produção de conhecimento histórico sobre o Medievo.

Palavras-chaves: Gênero; medievo; direito régio.

MULHERES NA LUTA: A REPRESENTAÇÃO DAS MILITANTES FEMININAS NO JORNAL O GLOBO (1968-1971)

Maria Clara Bandeira Ortiz de Carvalho
Universidade Federal Fluminense
claraband@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo compreender a relação entre mulheres e política, partindo das experiências de figuras femininas que optaram por lutar ao lado das esquerdas armadas na resistência à Ditadura Militar durante as décadas de 1960 e 1970. A escolha desse recorte temporal se justifica pelo entendimento de que essas décadas representaram um período de efervescência política e cultural que foram fundamentais para o desenvolvimento de mudanças significativas na sociedade brasileira. Esse panorama de transformação desencadeou um salto relevante no processo de inserção das mulheres no mundo político, à medida que passaram a vivenciar alterações importantes em seus cotidianos promovidas pela entrada no mercado de trabalho, maior acesso à educação e a evolução trazida pela pílula anticoncepcional que reduziu o peso da maternidade a essas figuras. O ano de 1968 se apresentou como o ponto mais alto das movimentações revolucionárias iniciadas na década de 1960, tanto no Brasil como no resto do mundo. Este ano representou um momento de articulação em torno de uma Revolução não só política, como também, dos costumes. Os diferentes movimentos, que se fortaleceram nessa conjuntura, tinham como algumas de suas propostas: a libertação sexual e do corpo, a politização do cotidiano, a renovação estética e a transgressão de comportamentos. A introdução de novos hábitos e questionamentos permitiu uma maior inserção feminina nos espaços tradicionalmente dominados por figuras masculinas como o ambiente universitário e a militância. Esse espírito revolucionário que caracterizou essa juventude foi canalizado pelos jovens brasileiros em torno da resistência à Ditadura Militar. Ao longo desse processo, as mulheres progressistas perceberam a necessidade de insurgir contra a ordem política vigente. A presença feminina nas organizações armadas pode ser entendida como um indicador significativo de ruptura com os códigos tradicionais de gênero, uma vez que suas ações evidenciaram questionamentos claros às relações de poder que estavam postas na sociedade brasileira. O ponto central para o debate se concentra em refletir sobre a percepção construída pela repressão, pelos próprios companheiros de luta e principalmente pela grande imprensa no que concerne à participação das mulheres na militância clandestina. Como premissa para análise, os relatos orais de ex-militantes e o jornal O Globo foram tomados como as fontes centrais para a pesquisa. Ao examinar essas narrativas, foi possível perceber a existência de inúmeras proximidades nos olhares lançados e nos vocabulários utilizados por essas três esferas selecionadas no que se refere à atuação dessas figuras femininas na arena política.

Palavras-Chave: Memória, Luta Armada, Repressão, Mulheres.

CRIPTOJUDAÍSMO FEMININO: POSSIBILIDADES DE (RE)EXISTÊNCIA NA AMÉRICA PORTUGUESA (SÉC. XVI)

Layane de Oliveira Carvalho
Graduanda em História pela UEMASUL
layane1404@gmail.com

Resumo:

No espaço desta comunicação pretende-se analisar a atuação feminina na manutenção da tradição judaica na América portuguesa, a partir das confissões de cristãs-novas na Primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia quinhentista. A instituição do monopólio católico sobre o campo religioso da Península Ibérica seria promotora do fenômeno da conversão forçada de judeus para o cristianismo em 1472, bem como a implantação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição no reino de Portugal em 1536. O antagonismo entre cristãos-velhos e cristãos-novos foi determinante para uma vida marcada entre a morte e perseguições constantes, sendo os cristãos-novos o principal alvo das ações inquisitoriais. Esse contexto foi propulsor de uma adesão progressiva de cristãos-novos à emigração para a colônia portuguesa na América, alternativa promissora em crescimento econômico, destacando-se o progresso da produção açucareira no nordeste, e em melhores condições de existência social devido a precária presença eclesiástica e a flexibilização das normas do Estado, que precisava estimular a vinda de colonos. Nessa perspectiva, a ausência inquisitorial seria remediada pelas Visitações, sendo a primeira delas à Bahia, entre 1591 e 1595, em que se ressaltam as confissões de mulheres cristãs-novas por práticas judaicas no cotidiano do ambiente doméstico. Aspectos como dieta alimentar, guardar o sábado como dia santo, orações e expressões próprias de sua cultura, costumes funerários, são os principais atos confessados. A análise dos casos permite notabilizar o ambiente doméstico como principal meio de difusão e resistência da fé e cultura judaicas, evidenciadas as mulheres em um ambiente em que já eram protagonistas, o lar. Para tal, esta análise utiliza-se da teoria do campo religioso de Pierre Bourdieu (2007) para as relações de disputa e dominação entre as religiões cristã e judaica, bem como os conceitos de *estratégia* e *tática* de Michel de Certeau (1998) para os instrumentos de dominação e os métodos de resistência.

Palavras-chaves: Criptojudaísmo; Cristãos-novos; Inquisição.

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO ENTRE OS POVOS INDÍGENAS

Kigéw Puri (André da Silva Muniz)
PPG Ciências Humanas e Sociais – UFABC (Mestrando)
andre.muniz@ufabc.edu.br

Resumo:

Os povos indígenas do continente atualmente conhecido como América não eram organizados em termos de gênero quando os europeus deram início à invasão de seus territórios, a partir de 1492. Possuíam diversas formas de conceber as diferenças anatômicas perceptíveis entre as pessoas e se organizar socialmente, e viviam suas sexualidades de diferentes formas, que foram consideradas pecaminosas, lascivas e libertinas pelos povos invasores. Portanto, no processo de consolidação de seu domínio colonial, os impérios europeus impuseram sobre a população nativa suas próprias normativas de gênero e sua estrutura cisheteropatriarcal, através da violência, do estupro dos corpos anatomicamente femininos e da imposição do cristianismo hegemônico. A desestruturação das sociedades indígenas em seus modos próprios de se organizar socialmente e a coação ao modelo europeu servia aos propósitos da acumulação primitiva que já se desenrolava na Europa com a caça às bruxas e que daria origem ao capitalismo. Todos esses processos levaram à construção de uma colonialidade de gênero, que perdura mesmo após o fim oficial do colonialismo com a independência das colônias, e a adequação a um modo de produção e reprodução social capitalista. Assim, pretendemos resgatar os processos históricos através dos quais

foram construídas no continente atualmente americano as normativas de gênero e sexualidade que são, ainda hoje, o modelo hegemônico legitimado pelos Estados e pelas principais instituições religiosas da região. Isto será feito através de uma revisão bibliográfica de obras sobre a temática que serão analisadas a partir do pensamento decolonial, em especial da argentina María Lugones e da nigeriana Oyèrónkè Oyèwùmí; e da Teoria da Reprodução Social, particularmente nas obras de Tithi Bhattacharya e Silvia Federici.

Palavras-chaves: Povos Indígenas; Gênero e Sexualidade; Pensamento Decolonial; Teoria da Reprodução Social.

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NO PODER NO OITOCENTOS ATRAVÉS DA FIGURA DA PRINCESA ISABEL, 1860-1887

Lais Paiva da Ressureição

Mestranda em História Política – PPGH UERJ

laispaivar@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho define como recorte espacial, o Rio de Janeiro, Corte do Império do Brasil, na segunda metade do século XIX, com a finalidade de analisar a luta de representações tecidas e construídas a respeito da Princesa Isabel, diante de uma perspectiva de gênero como categoria de análise histórica. É de interesse estabelecer um paralelo com a construção do feminino no poder, através da figura de D. Isabel como sucessora do trono imperial e Princesa Regente, e o papel social, de filha, esposa e mãe, postulado as mulheres abastadas no XIX. Em destaque para confluência de dois preceitos básicos, estruturantes e formadores da sociedade imperial, o âmbito público e o privado. Desse modo, a figura da Princesa Isabel, mesmo que proeminente na historiografia, carece de análises críticas à relevância do seu gênero feminino e as respectivas representações construídas por distintos atores e atrizes políticas e sociais. Ainda que, pertencendo à monarquia brasileira e possuindo um título nobiliárquico, a questão em torno do seu gênero é levantada desde o seu nascimento. E a sua dimensão de poder é notoriamente limitada, em contrapartida, pelo fato de ser mulher. Mesmo que, dotada de privilégios materiais, de formação intelectual e de segurança, a construção em torno de sua imagem é marcada por termos qualitativos e predicados que a assemelham as condições femininas postuladas às mulheres de elite no século XIX, sobressaindo assim o gênero em detrimento do poder. É nesta direção que este trabalho tem como objetivo explicitar que a figura da Princesa Isabel constitui uma intersecção entre o gênero, sendo Isabel uma mulher branca integrante da monarquia, e o poder, enquanto futura sucessora do trono e Princesa Regente. Sendo assim, é possível analisar a luta de representações tecidas e construídas por uma camada masculina e letrada de intelectuais que transitavam nos âmbitos políticos e públicos oitocentista, o que representava uma mulher como herdeira legítima da Coroa Imperial, e em um cargo máximo de poder no século XIX. Portanto, este trabalho busca através do cruzamento de fontes de diferente corpus documentais abranger discussões presentes no campo social e político, e historicizar a construção do feminino no poder através da luta de representações, que emergem por intermédio da trajetória de D. Isabel.

Palavras-chaves: Gênero; Poder; Representações; Princesa Isabel.

Simpósio Temático 03

Memória, Patrimônio e Território

Coordenação: Thuca Kércia Morais | Jaime de Lima Guimarães Junior

VASOS, CUIAS, PANELAS E POTES: UM OLHAR SOBRE A CERÂMICA TUPIGUARANI DA MATA SUL DE PERNAMBUCO

Wirlanny Evelyn Oliveira Barros

Graduanda, Universidade Federal Rural de Pernambuco

eveoliveira3@gmail.com

Suely Cristina Albuquerque de Luna

Docente, Universidade Federal Rural de Pernambuco

suely.luna@ufrpe.br

Resumo:

Os vestígios materiais deixados pelos povos originários, presentes nos sítios arqueológicos, permitem reconstituir uma possível interpretação acerca de seu modo de vida e entender os processos de interação com o meio ambiente à sua volta. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma compreensão acerca das dinâmicas culturais dos grupos Tupis que se estabeleceram na região da Mata Atlântica Sul e litoral de Pernambuco. Através das análises da variabilidade artefactual das cerâmicas da tradição tupiguarani, recuperadas pelo "Programa de Salvamento Arqueológico na Área da Refinaria do Nordeste - Abreu e Lima, Município de Ipojuca-PE", buscamos por meio deste trabalho, discutir acerca dos elementos culturais presentes no seu modo de fabricação e decoração, bem como, nas práticas cotidianas ao qual a cerâmica estava presente. Fornecendo novos olhares para o campo da Arqueologia Pré-colonial, contribuindo para construção da história de longa duração dos povos originários do Nordeste, permitindo assim, compreender ainda mais a respeito dos grupos Tupis que habitavam matas litorâneas próximas ao mar.

Palavras-Chaves: Tupis; Cerâmica Tupiguarani; Povos Ceramistas; Arqueologia Pré-colonial do Nordeste; Patrimônio Cultural.

NEM SÓ DE APARÊNCIAS SE VIVIA NO RECIFE OITOCENTISTA: OS OBJETOS CERÂMICOS E O COTIDIANO

Dayane Gomes de Moura

Graduanda pela UFRPE

day_99gomes@hotmail.com

Resumo:

Nesta comunicação, apresentaremos o percurso inicial da pesquisa de Iniciação Científica denominada "NEM SÓ DE APARÊNCIAS SE VIVIA NO RECIFE OITOCENTISTA: os objetos cerâmicos e o cotidiano", que é recorte do projeto "História e Arqueologia do Recife", desenvolvido no âmbito PIC-UFRPE como bolsista do Programa e orientado pela Prof^a Dr^a em história Suely Albuquerque de Luna. O objetivo principal se concentra em evidenciar como a mesa posta para refeição e os utensílios da cozinha na preparação das refeições eram utilizados no que hoje se denomina Comunidade do Pilar, mas que já recebera outras nomenclaturas como "Fora de Portas", localizada no bairro do Recife da Cidade do Recife/PE. Como recorte cronológico temos o século XIX, a fim de observar as características industriais dos oitocentistas por meio do que propõe a Arqueologia Pós-colonial. A metodologia engloba os processos de higienização, catalogação e análise dos fragmentos arqueológicos que são advindos da escavação do Sítio Histórico e Arqueológico do Pilar, na qual a referida comunidade está inserida. Nos sítios arqueológicos do período histórico, os fragmentos de cerâmicas utilitárias são um dos itens mais encontrados nas escavações de ocupações urbanas, bem como nas rurais. Esta proposta almeja analisar não só o objeto como mero fragmento descartado, ou o objeto em si, mas sim, o contexto no qual está inserido e as histórias que os mesmos permitem trazer à luz a partir dos questionamentos direcionados a eles, perfazendo assim um trabalho voltado para a micro história. Com isso, observamos a formação de uma mesa que se contrapõe às que são expostas em museus e instituições voltadas para arte/educação, em sua maioria voltadas ao resguardo da memória de uma elite secular, marcada pelas louças finas com

decorações orientais, peculiaridades francesas, ou qualquer outra questão estrangeira, tudo compõe essa mesa expositiva, menos a argila, à qual é a base para a elaboração da cerâmica vermelha que atendia a demanda da população menos favorecida. Sendo esta última, nosso material de análise, que compõe a matéria prima principal das cerâmicas utilitárias.

Palavras-chaves: Patrimônio; Recife; Comunidade do Pilar; Cerâmica utilitária; mesa.

DELÍRIO E CRIATIVIDADE NA OBRA PICTÓRICA DE SÉRAPHINE LOUIS

Tamara Silva Chagas

Doutoranda pelo PPGHis/UFES

tamara.chagas1@gmail.com

Resumo:

A arte dos povos originários, das crianças e dos delirantes atraiu grande atenção dos artistas e profissionais ligados ao sistema artístico da primeira metade do século XX. Nesse contexto, em 1912, foi descoberta pelo marchand Wilhelm Uhde, especialista em Arte Moderna, a pintora autodidata francesa Séraphine Louis (1864-1942). De origem pobre, Séraphine trabalhou por longos anos como encarregada da limpeza primeiramente de um convento – onde laborou por vinte anos – e, mais tarde, de casas de família. Produziu uma obra profícua, geralmente categorizada como *naïf* e descrita por Uhde como “primitiva moderna”. Séraphine, ao longo de sua vida, vivenciou experiências delirantes e alucinatórias: tratava-se de vozes que a incentivaram a se dedicar à pintura como uma forma de exaltar a Deus. O delírio e as alucinações de Séraphine mesclavam-se, assim, à devoção e à experiência mística. Não se sabe onde uns começam e as outras terminam. A artista alcançou o êxtase e comungou com o Sagrado no interior do ato criativo. Devido à sua condição econômica desfavorável, era obrigada a confeccionar seus próprios materiais de forma artesanal, criando tintas com componentes como cera de vela recolhida na igreja local, argila, sangue de animais e, até mesmo, seu próprio sangue. Também usava plantas e terra, pois suas economias eram escassas para comprar os devidos pigmentos. Muitas vezes, também elaborava o suporte de suas pinturas. Séraphine é, assim, um exemplo de superação da pobreza, condição geralmente ligada à limitação e à exclusão. Sua recorrência a materiais alternativos, que superassem sua posição econômica, é digna de nota, pois tornou a artista em força geradora capaz de transformar, com sua arte, a escassez e a precariedade em pura criação. O mesmo se pode dizer da simplicidade e ingenuidade *naïf* que um primeiro e rápido olhar pode captar em sua obra: a produção de Séraphine é tão potente e complexa que requer mais que uma mirada. Ela compartilha com o espectador a energia impregnada em seus trabalhos, dando a ele migalhas de sua comunhão pessoal com o Sagrado. Dessa forma, com esta pesquisa teórica, para a qual utilizamos o método qualitativo, pretendemos investigar como a experiência delirante influenciou o ato criativo e se manifestou na obra de Séraphine Louis. Assim, propomos cruzar alguns dados biográficos da artista à sua poética e a informações relevantes sobre a psicose, transtorno mental com o qual foi diagnosticada, marcado, sobretudo, pela cisão entre a realidade interna do acometido e a realidade exterior.

Palavras-chaves: Séraphine Louis; Séraphine de Senlis; pintura; artes visuais; psicose.

A CIDADE E AS PESSOAS QUE NELA VIVEM, RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA, ESPAÇO E IDENTIDADE, EM RIBEIRÃO DAS NEVES –MG

Maycon Emílio Vicente Alves

Doutorando no PPGHIS/UFOP

maycon.emilio94@gmail.com

Resumo:

Ribeirão das Neves é uma cidade mineira que se localiza na região metropolitana de Belo Horizonte e tem sua história intrinsecamente ligada a atual capital de Minas Gerais. As duas cidades se uniram por um

processo entendido como conurbação urbana, isto é, a união de dois ou mais municípios em decorrência do crescimento geográfico. Assim, se tornou complexa a definição visual dos limites entre Ribeirão das Neves e Belo Horizonte, porém, nem sempre foi assim. É a partir de um processo de metropolização da capital, iniciado em meados do século XX, que acontece a expansão do território de Ribeirão das Neves e a junção de ambas.

O desenvolvimento da cidade esteve marcado pela presença das cadeias e penitenciárias construídas ao longo do tempo. Antes de se tornar município, Neves viu a construção da primeira penitenciária, a PAN – Penitenciária Agrícola de Neves – datada do início dos anos de 1920, mas sendo inaugurada, de fato, em 1938. A construção e o modo de operação da PAN foram considerados, na época, como uma proposta pioneira de se construir um presídio, sendo exemplo na forma de lidar com os presos. Segundo Salgado (2017) “A PAN teve grande importância no cenário latino americano por ser expressão da modernização, da justiça e da recuperação dos detentos pela via do trabalho.” A autora ainda escreve que se fosse considerada a opinião pública, a penitenciária não teria sido erguida, isso significa que a decisão da construção não passou pela voz e vontade dos moradores. Contudo, a PAN marca o processo de formação da sede de Ribeirão das Neves, que teve como consequência avanços do ponto de vista econômico e social através da geração de emprego e renda para o lugar, assim como atração de novos residentes.

Ribeirão das Neves ainda conta com mais cinco penitenciárias. A presença dos presídios criou-se, ao longo de sua história, um estigma de cidade das cadeias que marca a memória coletiva das pessoas que nela vivem. O objetivo desse trabalho é analisar como se dá a relação entre memória e identidade, considerando o território da cidade um espaço de signos compartilhado pelos seus cidadãos.

Palavras-chaves: Cidade; Memória; Espaço, Identidade; Ribeirão das Neves.

PETER LUND E SUA PESQUISA EM CAVERNAS CALCÁRIAS

Marina Silva Cota

Graduanda em História – Universidade Federal de Ouro Preto
marina.cota1@aluno.ufop.edu.br

Resumo:

Peter Wilhelm Lund (1801 - 1880), naturalista dinamarquês, pode ser considerado uma importante engrenagem para os estudos sobre a paleontologia brasileira no século XIX. No ano de 1833, iniciou diversas escavações em cavernas de formações calcárias no vale do Rio das Velhas, nas proximidades de Lagoa Santa, Minas Gerais. Nesta localidade, seus estudos mobilizaram um mapeamento de importantes cavernas e suas condições geológicas, deixando relatos de campo, como mapas e gravuras que conseguem ilustrar o estado dos materiais fósseis no momento de seu encontro. Ao adentrar as grutas, Lund descobriu um mundo debaixo da camada calcária, como se a natureza estivesse guardando um tesouro. As ossadas identificadas pelo naturalista eram majoritariamente de animais e só estavam em bom estado devido a camada calcária, haja vista que o local era úmido demais para conservar os materiais. O seu trabalho se encontra registrado em memórias, compostas por cartas e sua biografia, este material possui uma edição organizada e traduzida para o português, em 1950, pelo paleontólogo Carlos de Paula Couto, denominada *Memórias sobre a Paleontologia Brasileira*, que compreende todas as memórias de Lund. Considerando estes elementos, esse trabalho possui como objetivo a apresentação dos resultados parciais da pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Iniciação Científica da UFOP e financiado pela Fapemig cuja temática contempla a noção de tempo profundo no continente americano. No desenvolvimento de sua primeira memória *Cavernas existentes no calcário do interior do Brasil, contendo algumas das ossadas fósseis*, a teoria mais aceita para explicar a existência de fósseis, baseava-se na ideia de que eram seres vivos que habitaram a Terra em tempos remotos os quais teriam sido destruídos por grandes catástrofes, como o *Diluvium*. Por meio de revisão bibliográfica, no presente trabalho, serão relacionados a primeira memória, o conceito de Tempo Catastrofista, proposto por Georges Cuvier na obra *Discurso sobre as Revoluções na Superfície do Globo* (1825), e as percepções

sobre Lund ser um *homem de seu tempo* de Ana Paula Almeida Marshesotti na obra *Peter Wilhelm Lund - O naturalista que revelou ao mundo a pré-história brasileira*. Como resultado, demonstra-se que as ideias de Lund partem de uma construção de seu tempo, e que somente a partir delas, ocorre a possibilidade de investigar e detalhar as vivências de animais extintos, a partir de seu material fóssil encontrado nas cavernas, proporcionando conectar um tempo profundo por meio do limite entre o tempo passado e o tempo presente.

Palavras-chaves: Tempo geológico, Peter W. Lund, Memórias Científicas, cavernas calcárias.

GENTE QUE VIRA ESTÁTUA: O PROJETO CÍVICO PEDAGÓGICO BRASILEIRO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - O CASO DO MONUMENTO AO EXPEDICIONÁRIO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES E DO MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO RIO DE JANEIRO (1946-1960)

Gabriel Motta Costa

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ); Bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Campos); Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
mottagabriel10@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho está em processo de desenvolvimento pelo PPGH-UERJ. O início dessa pesquisa se deu na elaboração de uma monografia para a obtenção do título de Bacharel em História, que teve por intuito promover uma análise historiográfica sobre o projeto cívico pedagógico de mobilização social de culto à nação através do Monumento ao Expedicionário da cidade de Campos dos Goytacazes. Houve o alongamento dessa proposta, ao analisar tanto o monumento da cidade de Campos, como o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro, compreendendo ambas as peças como parte do projeto cívico pedagógico. Nesse sentido, buscar-se-á perceber como a imagem dos ex-combatentes serviu aos interesses políticos do Brasil no pós-guerra, já que os mesmos representavam valores democráticos liberais. A proposta deste trabalho pretende, para tal fim, propor uma análise dos dois monumentos para além de seu caráter memorativo. Para tanto, realizar-se-á uma revisão de produções bibliográficas de relevância que contribuem para o debate proposto a respeito das questões estudadas, da mesma maneira que, uma análise crítica de fontes documentais, como periódicos, o livro biográfico dos praças campistas e o Livro de Ouro de Campos dos Goytacazes, documentos da Casa da FEB, além de documentos oficiais.

Palavras-chave: Monumento. FEB. Pracinhas. Projeto cívico pedagógico. Civismo.

SERRA TALHADA CAPITAL DO XAXADO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA DEFINIÇÃO DE UMA IDENTIDADE

José Ferreira Júnior

Resumo:

Berço de Lampião, o mais famoso, conhecido e biografado cangaceiro (LINS, 1997), Serra Talhada é cidade sertaneja pernambucana, localizada às margens da BR-232, distando da capital cerca de 440 km, a maior das dezessete que compõe a Microrregião do Pajeú. Desde finais de 1994, a cidade passou a ser identificada como Capital do Xaxado, sendo tal identidade registrada em cartório. Para que assim fosse conhecida, a nova identidade emerge em substituição à de Cidade Tricampeã da Beleza Feminina, fato explicado por ocorrer sua obsolescência (HOBBSAWM; RANGER, 2002). Por que Capital do Xaxado? Tal resposta passa pelo conhecimento de que na cidade há uma tradição inventada, a tradição lampiônica (FERREIRA JÚNIOR, 2021) e, dentro dessa tradição, que glorifica a memória de Lampião, a afirmação de ser o xaxado uma dança criada por Lampião e seus cangaceiros (SOUZA, 2004). Assim, percebe-se o imbricamento entre a memória lampiônica e a expressão artística xaxado, esta tornada patrimônio cultural

imaterial municipal. Este texto procura mostrar a relação existente entre a identidade do espaço serratalhadense e o imbricamento da memória lampiônica com a patrimonialização da expressão artística xaxado. Para a construção deste texto será lançado mão dos conceitos de memória (LE GOFF, 2003; CANDAU, 2014), patrimônio (CHUVA, 2008), identidade (CASTELLS, 2008; HALL, 2015). No referente à metodologia, será feita revisão bibliográfica e trazida à luz a análise de conteúdo de discursos de cidadãos serratalhadense (BARDIN, 2016).

Palavras-chaves:

O IMPACTO DO PROCESSO DE REAFRICANIZAÇÃO NA ESCOLHA DO QUE PRESERVAR E ELEGER COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DOS POVOS DE TERREIRO

Jaqueline Gonçalves Araújo
Doutoranda em História, UFRPE
jaquelinegonaraujo@gmail.com

Resumo:

Esta comunicação tem por objetivo analisar a lista de bens tombados pelo IPHAN em sua relação com os processos de reafricanização dos candomblés no Brasil. Para tal partirei do argumento do historiador Ricardo Pacheco (2017) de que todo patrimônio histórico se constitui como um campo de disputas, como estratégias de construção de narrativas sobre o passado e como processo de significação dos objetos. Recorte temporal escolhido será dos anos 1970 aos anos 2000, seguindo a trilha proposta por Eduardo Oliveira que aponta a década de 1970 como o início dos processos de reformulação dos candomblés com a Reafricanização, para o autor foi o período que marcará o fim do candomblé étnico e o transformará em uma religião de fôlego universal. Articulando essas reformulações com os congressos e escritos dos anos 1980-1990, buscando continuidades assim como rupturas nesses processos, que entendemos vivos e atuantes nos anos 2000, via redes sociais, e principalmente na produção acadêmica dos povos de terreiros sobre si. Os estudos recentes sobre os processos de Reafricanização costumam centrar seus olhares para os candomblés em São Paulo, Rio de Janeiro e principalmente para a Bahia ou se centram e analisar como os acadêmicos do início do século XX ao anos 1970, produziram sentidos sobre os candomblés, elegendo algumas tradições ao mais posto de mais puras, mais africanas do que outras (FERRETTI, 2006; OLIVEIRA, 2007; HOFBAUER, 2011, FLOR NASCIMENTO, 2017). Um lugar comum a todos é analisar como alguns candomblés a partir dos anos 1970 em busca de legitimidade para suas práticas retornam discursivamente, em alguns casos vão ao continente Africano em busca de ancestralidade/identidade. Sendo assim, foi preciso nos aproximar dos debates sobre identidade, ancestralidade como conceito analítico, sincretismos, e pureza, para entender as redes de relações construídas entre comunidade de terreiro e seus intelectuais. Para tal, esse texto retoma brevemente os estudos sobre o nascimento das políticas culturais no Brasil nos anos 1980, em busca de mapear quais bens foram selecionados para representar a “identidade da nação”, quais estéticas foram escolhidas para serem preservadas e suas relações com os bens do patrimônio cultural dos povos de terreiros.

Palavras-chaves: Patrimônio cultural; Povo de terreiro; Reafricanização; Candomblés; Ancestralidade

“INTEGRALISMO É OBRA DE DEUS”: A FORMAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO INTEGRALISMO NA CIDADE DE PARNAÍBA – PIAUÍ (1933-1939)

Thiago Silva de Sousa
Graduando pela UESPI
thiagossousa06@gmail.com

Resumo:

O integralismo é o maior movimento fascista do mundo fora da Europa entre os anos 1920 e 1940. A Ação Integralista Brasileira (AIB) surgiu em 1932, e rapidamente expandiu nas regiões do país com a formação de núcleos regionais e municipais em todos os estados da década de 1930. Uma das principais formas de expansão da filosofia foi as Bandeiras Integralistas, visando “orientar os militantes regionais e, por meio das lideranças nacionais, legitimar os Núcleos Provinciais instalados naqueles Estados”, como explicado pelo pesquisador João Ricardo de Castro Caldeira. No final do ano de 1933 saiu a “Primeira Bandeira Integralista ao Norte-Nordeste”, chefiada por Gustavo Barroso, essa caravana tinha como foco mobilizar e recrudescer os núcleos integralistas da região norte e nordeste. A caravana chegou ao Piauí primeiramente na cidade de Parnaíba, em meados de dezembro daquele ano. Foi responsável pela introdução e articulação da AIB Núcleo Piauí (AIB-PI). Em fevereiro de 1934 a Bandeira Nacional chefiada por Plínio Salgado chegou ao Piauí, após a passagem da caravana, é fundada em abril de 1934 o núcleo piauiense. Após a fundação da AIB-PI em Teresina, o jornal *A Liberdade*, imprensa integralista piauiense, identificava os parnaibanos como *triumviratos*, posteriormente ela foi alçada a “sub-núcleo”. Em julho de 1934, outra Caravana Integralista passa pelo Piauí, dessa vez liderada por Paulo Eleutherio, chefe da AIB Núcleo do Pará. Após a passagem da caravana do paraense, o “sub-núcleo” parnaibano ganha status de “Núcleo de Parnaíba”, chefiado pelo professor José de Souza Brandão. José de Souza Brandão, mantém um discurso abertamente religioso e anticomunista dizia que o “Integralismo é obra de Deus”, foi um representante forte do Integralismo na região nordeste, proferindo palestras, em outros núcleos provinciais, como Maranhão e Ceará, como demonstram passagens da imprensa integralista desses estados. Em 1936 o militante parnaibano viaja a então capital federal, Rio de Janeiro, para assumir um posto na *Câmara dos Quatrocentos*, segundo Hélgio Trindade essa câmara reunia os principais intelectuais do integralismo nacional. Em 1937, após a intentona integralista, os “camisas verdes” piauienses também sofrem perseguição estatal, segundo excertos de jornais da época, o então interventor federal Leônidas de Castro e Melo solicitou uma lista de funcionários públicos ex-integralistas. Em 1939, José de Souza Brandão mantém contato com Plínio Salgado, já em seu exílio em Portugal, no Brasil, encaminha uma das correspondências à Getúlio Vargas, com medo da repressão que os integralistas piauienses passavam. Além da presença de José de Souza Brandão, sabe-se o nome de outros dois integralistas parnaibanos, João de Carvalho Aragão e Thomaz Catunda, também professores do Liceu Parnaibano e funcionários públicos. Destaque especial para Thomaz Catunda, além de professor do Liceu ele ajudou na fundação da instituição. Importante poeta da sociedade parnaibana dos anos 1920-1940, escrevendo poemas para vários jornais municipais e para o Almanaque da Parnaíba. A AIB-PI núcleo de Parnaíba, assim como o núcleo da capital, formou-se dentro do círculo intelectual que criava formava no Piauí desde a década de 1920.

Palavras-chaves: Integralismo; Intelectuais; Bandeiras Integralistas; Parnaíba; Direitas do Piauí.

O MOVIMENTO DA BOA IMPRENSA EM GOIÁS: O JORNAL SANTUÁRIO DA TRINDADE (1922-1931) E O COMBATE AOS INIMIGOS DA RELIGIÃO

Paulo Afonso Tavares

Doutorando em História pela UFG
jor.pauloafonso@gmail.com

Resumo:

Essa comunicação é de cunho qualitativa tem como objeto de estudo o jornal católico *Santuário da Trindade* e busca examinar a sua atuação como representante da “boa imprensa” no estado de Goiás, assim como procura explicitar seu desejo de combater os inimigos da religião (protestantismo, espiritismo e maçonaria) e de ser uma fonte de conhecimento fiável e sã para os fiéis católicos. Nessa empreitada, adota-se a análise documental, porquanto analisam-se as edições do *Santuário da Trindade*, com o fito de identificar e explicitar seu(s) objetivo(s) e as críticas emitidas relativamente a outras doutrinas religiosas

(protestantismo, maçonaria, espiritismo), e a pesquisa bibliográfica, uma vez que leram-se diferentes publicações (artigos, livros, dissertações, teses, etc.), à procura de informações pertinentes sobre as relações entre o Estado Brasileiro e a Igreja Católica, a “boa imprensa” e o jornal *Santuário da Trindade*. As análises mostram que o periódico analisado afirmava ser o catolicismo a única religião verdadeira, devendo-se, em consequência, rechaçar todas as demais doutrinas. Ademais, o *Santuário* empenhou-se, ao longo de seus nove anos de existência, em combater o protestantismo, o espiritismo e a maçonaria. É perceptível que o maior esforço repressor do *Santuário da Trindade* direcionava-se para o protestantismo e para o espiritismo, como menos textos para a maçonaria. As críticas ao protestantismo denunciavam sobretudo suas pretensões políticas e seus perigos para a unidade e a soberania nacionais. O espiritismo era considerado responsável por distúrbios mentais, levando seus praticantes à loucura, ao suicídio e ao crime. A maçonaria, por ser uma sociedade secreta, era acusada de ter intenções criminosas e ocultas, além de ser inimiga da igreja e da religião.

Palavras-chave: Santuário da Trindade. Goiás. Boa imprensa. Protestantismo. Espiritismo. Maçonaria.

ESPAÇOS AFETIVOS, CORPOS (DE)MARCADOS E MEMÓRIAS DISSIDENTES: HETEROTOPIAS ACERTA DO PATRIMÔNIO NO BECO DA FOME-PE – RECIFE E NA PRAÇA CLEMENTINO PROCÓPIO EM CAMPINA GRANDE-PB

Rômulo Medeiros Pereira

Doutorando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco
romulomedeiros@gmail.com

Marco Antônio Gomes dos Santos

Doutorando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco
Marcosantos743@gmail.com

Resumo:

Esse trabalho objetivou analisar formas de apropriação do espaço urbano para além das políticas de patrimônio vigentes no Brasil, acerca de concepção como campo como um lugar de ações públicas direcionadas à conservação da memória coletiva nacional. Para tanto, evocamos as memórias e vivências de grupos que participaram ativamente da produção do espaço urbano especificamente nos espaços denominados de Beco da Fome – em Recife, capital pernambucana – e em Campina Grande, maior cidade do interior do Estado da Paraíba, ambos localizados na Região Nordeste do País. As concepções de apropriação foram baseadas nos conceitos heterotopia Foucault (2013), nas sensibilidades vividas na cidade, de acordo com Pesavento (2008) e na corpografia urbana de Jaques (apud MUSSE; REIS, 2018). Concluímos que as formas de se apropriar do espaço urbano estão ligadas a afetos e sentimentos que distam das concepções oficiais de patrimônio construídas pela história oficial da categoria que, por vezes, pratica o apagamento de outros grupos que não os construtores da ideia colonial luso-brasileira, considerados como artífices do legado material do patrimônio nacional. Jovens influenciados por um estilo específico de música, um subgênero do rock professavam uma identidade própria, baseada em suas concepções acerca do espaço urbano e, por meio de seus corpos e memórias dissidentes, fizeram desses espaços seus locais de afeto e patrimônio afetivo.

Palavras-chaves: Patrimônio; espaços afetivos; memórias dissidentes; heterotopias; corpografia urbana.

AS RELAÇÕES DE SOLIDARIEDADE E RECIPROCIDADE NA CONSTRUÇÃO DA ETNICIDADE DO QUILOMBO DA LAGOA DO JOÃO EM POÇÕES - BA

Isaac Dias Martins do Carmo

Graduado pela UESB
isaacmdc@gmail.com

Resumo:

O presente estudo faz parte dos resultados da pesquisa *Ancestralidade do trabalho e as relações cotidianas na comunidade remanescente de quilombo da Lagoa do João em Poções – BA*, a qual foi norteadas pelos seguintes questionamentos: (i) Como a comunidade elabora a identidade negra e quilombola? (ii) Quais os elementos acionados para afirmá-las? Para compreender estas relações foi adotada uma metodologia de cunho qualitativo, amparado pela História Oral, utilizando-se de questionários de entrevistas com lideranças e anciãos da comunidade. A partir do material colhido na Lagoa do João, ao analisar a vida familiar e social, foi possível tecer alguns significados por meio dos laços de parentesco consanguíneo e simbólico para homens e mulheres que, historicamente, compartilham as mesmas experiências do dia a dia do Sertão da Ressaca, as quais refletem diretamente nas relações de vizinhança. Diante disso, foram observadas as relações construídas a partir dos sentimentos, como amizade, confiança, consideração, solidariedade e reciprocidade, que são estabelecidos entre os moradores da comunidade quilombola como estratégias de sobrevivência, sendo os laços consanguíneos e simbólicos mecanismos de delimitação das fronteiras étnicas do grupo. Assim, esse estudo buscou investigar como a identidade étnica vai se resignificando a partir das necessidades, demandas e dificuldades impostas à comunidade e como a memória é acionada pelos atuais anciãos da comunidade na construção da identidade étnica. A fundamentação das investigações foi amparada nos estudos de Sabourin (2011) e Rodrigues (2013) discutindo as relações simétricas e assimétricas da reciprocidade em que favorece as relações de solidariedade, potencializando várias formas de redes sociais e relações. A partir da oralidade, percebeu-se que umas das principais características da comunidade, no seu processo de construção identitário, que se estende há gerações, é a coletividade, estando esta presente em todas as dimensões sociais relevantes para o grupo. Para entender melhor como esta coletividade é elaborada na comunidade, pontuamos uma série de elementos, práticas solidárias e recíprocas, as quais são acionadas por meio do espírito coletivo do grupo frente às demandas e necessidades. Levando-se em conta as contribuições de Sabourin (2011), acerca das estruturas de reciprocidade binária, percebe-se que a ajuda mútua entre famílias, núcleos de poder e a comunidade, vem sendo prolongadas mediante as alianças mais duradouras, como os laços parentescos e simbólicos. Vale ressaltar que as relações de solidariedade e reciprocidade presentes no grupo não são homogêneas, pois a Lagoa do João tem seus núcleos de poder e as tensões do dia a dia. Entretanto, a diferença está nos níveis de relações sociais cultivadas cotidianamente, seja pelo casamento, compadrios e também nas relações de solidariedade que são firmadas constantemente.

Palavras-chave: Comunidade quilombola; Identidade étnica; Coletividade

Simpósio Temático 04

Operação historiográfica e literatura: possíveis diálogos e reflexões teórico-metodológicas

Coordenação: Lis de Araújo Meira | Sebastião Genicarlos dos Santos

SOB O OLHO DELE: UMA DISTOPIA OU UMA FORMA EUFEMÍSTICA DE DESCREVER A REALIDADE?

Alessa Nara Fortunato Pena
Graduanda em História pela UFU
alefortt013@gmail.com

Resumo:

Este trabalho apresenta os resultados parciais de um de pesquisa projeto mais amplo que, inspirado na obra “O conto da Aia”, de Margaret Atwood (Rocco, 1985), pretende analisar a atual conjuntura sócio-política brasileira pós-golpe de 2016 que tornou possível a ascensão ao poder de grupos de extrema direita. Para tanto, propõe-se uma leitura que busca uma interseção entre a realidade distópica construída pela obra e a realidade brasileira percebida através de fontes jornalísticas, dos discursos proferidos nas redes sociais em que se encontram a representação das intenções dos políticos do país. Pretende-se *pensar com* a literatura as questões brasileiras contemporâneas procurando-se identificar as aproximações e distanciamentos possíveis entre estas duas realidades, levando-se em conta os aspectos da verossimilhança pelos quais a literatura opera e as escalas de verdade com as quais a história trabalha, entre o falso e o factível, entre o possível e o provável. A hipótese é a de que a realidade distópica descrita na obra literária pode ser uma chave de leitura para a compreensão da realidade sócio-política brasileira. As questões que nos nortearão: Quais as relações possíveis entre os temas do romance distópico e os processos históricos da sociedade brasileira contemporânea? Quais discursos utilizados na sociedade fictícia poderiam ser aproximados dos discursos da chamada (nova) direita brasileira? Considerando essas aproximações, quais comparações são possíveis elencar no que diz respeito aos usos do passado por essas duas sociedades para garantirem o funcionamento dessas articulações? Como ambas gerem a memória e o esquecimento por meio dos vestígios do passado? Quais as perspectivas de enfrentamento? Tendo isso em vista, procuraremos investigar, compreender e evidenciar os aspectos da literatura como artefato histórico que nos possibilita não uma aproximação simples entre a obra e a realidade brasileira, mas uma chave de leitura em busca da compreensão de como se deu esse processo. A comparação historicamente orientada da conjuntura política com o romance nos fornece lampejos, no sentido que Walter Benjamin dá ao termo, para compreender o Brasil contemporâneo. As questões que nos nortearão: Quais as relações possíveis entre os temas do romance distópico e os processos históricos da sociedade brasileira contemporânea? Quais discursos utilizados na sociedade fictícia poderiam ser aproximados dos discursos da chamada (nova) direita brasileira? Considerando as questões de gênero tratadas na obra, interrogamos como esta problemática tem sido gerida no governo de Bolsonaro? Quais as perspectivas de enfrentamento?

Palavras-chaves: Distopia; Sócio-política; História e Literatura; História política; Nova direita.

A RELAÇÃO DE DIACUÍ-AYRES SOB A ÓTICA DE AYRES CÂMARA CUNHA: UMA BREVE ANÁLISE DO ENCONTRO

Bruna Lacerda
Mestranda em História pelo PPHR/UFRRJ
bls.lacerda@outlook.com

Resumo:

Este trabalho pretende analisar os livros do sertanista Ayres Câmara Cunha - *Entre os índios do Xingu* e *A história da índia Diacuí* - em que narra o seu relacionamento com a indígena Diacuí Kalapalo. Nos dedicaremos, mais especificamente, aos relatos sobre o seu encontro com Diacuí durante a Expedição Roncador-Xingu na década de 1940 que ocorreu no estado de Mato Grosso. A partir dele, buscamos entender de que maneira se deu o contato, qual o tipo de relação estabelecida, como foi a reação dos Kalapalo e dos não-indígenas com o contato e a relação dos dois. Teóricos da área da História e da Antropologia nos ajudarão a elucidar as questões levantadas no trabalho situando o contexto político do

período em análise, a atuação indigenista, a cosmovisão do grupo indígena Kalapalo e o pensamento social em atuação na década de 40. Além disso, o relato de uma familiar de Diacuí sobre a relação dela com Ayres nos fará vislumbrar o impacto disto na memória a partir de seu ponto de vista. João Pacheco de Oliveira e Antonio Carlos de Souza Lima desenvolvem grande contribuição na área da pesquisa indígena com seus trabalhos sobre a prática do poder tutelar instaurada pelo Estado brasileiro. José D'Assunção Barros e Maria Teresa Cunha discutem as possibilidades de trabalhar a dialogia presente nas fontes - fator que norteia os estudos históricos sobre indígenas - em conjunto com as escritas sobre si. Entender as lógicas ameríndias pressupõe trazer em consideração suas percepções sobre o mundo, o outro e os valores daquela sociedade por meio do pensamento da construção da pessoa através da corporalidade como explana Seeger, DaMatta e Viveiros de Castro. O reconhecimento de uma agência indígena está envolta do que os próprios indígenas pensam sobre sua comunidade, o que nos leva a importância de nos interessar pelo que os Kalapalo relatam sobre sua etnicidade. No decorrer da análise feita, percebemos que a relação constituída entre Diacuí e Ayres foi um grande mecanismo de romantização das relações interétnicas com o fim de promoção da miscigenação racial. Por se tratar de um grupo indígena tido como “amigável” pelo Estado brasileiro o romance foi posto como fator de comunhão nacional, teatralizando os dois personagens principais em conjunto com um massivo uso dos estereótipos ocidentalizantes do homem branco - em uma suposta superioridade - e da mulher indígena no objetivo de domesticação do seu lócus selvagem.

Palavras-chaves: Povos indígenas; Brasil República; Kalapalo; Literatura; Etnicidade.

O USO DE OBRAS LITERÁRIAS MEMORIALÍSTICAS COMO FONTE PARA A ESCRITA DA HISTÓRIA CULTURAL

Ítalo Pereira de Sousa

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Italops.wow@gmail.com

Resumo:

A historiografia está em constante construção, com o passar dos anos, testemunhou-se a inserção de novas fontes nos estudos historiográficos, principalmente a partir da Nova História Cultural. A partir dessas novas perspectivas, a literatura passou a contribuir com a construção da História. Os historiadores mais ortodoxos ainda resistem a reconhecer a literatura como fontes válidas, devida a subjetividade que elas apresentam, no entanto, percebe-se que é a partir dessa característica dessa fonte que se torna capaz de extrair e entender aspectos, também subjetivos, de determinadas temporalidades, como a cultura cotidiana, por exemplo. Sendo assim, é possível discutir acerca do uso da literatura memorialista como fonte histórica. Os memorialistas são escritores que, em sua grande maioria, acabam homenageando as cidades onde viveram ou onde nasceram. Em suas obras, apresentam uma narrativa em que demonstram uma familiaridade com o objeto de estudo, trazendo inclusive algumas memórias pessoais durante a escrita que remetem ao assunto abordado. A experiência escrita se mistura com a apresentação de fatos históricos, onde, geralmente, são afirmados com a demonstração de alguma fonte histórica coletada pelo autor do livro em certo momento da sua escrita, essa fonte nunca é questionada, é vista como uma testemunha do fato ocorrido e legitima a veracidade dos fatos que o memorialista busca construir com sua narrativa. Não existem regras teórico-metodológicas para a escrita dos memorialistas, nesse sentido, eles são escritores com diferentes suportes em sua escrita e diferentes públicos. trazem a liberdade de escrita, uma vez que não precisam seguir os protocolos acadêmicos em sua escrita, não se preocupando com a subjetividade, pois não buscam a objetividade. Inclusive, é possível afirmar que os memorialistas gozam de liberdade artística quando elaboram suas narrativas. As intencionalidades nunca são omitidas, pelo contrário, estão sempre presente nos textos. O cruzamento do fato com a experiência própria apresentada pelo memorialista é uma forma de afirmar: “o que eu digo é verídico, pois eu vi e estava lá”. O memorialista se coloca como testemunha ocular do próprio fato apresentado, ele se torna autor e fonte da sua própria pesquisa. Uma parcela considerável dos memorialistas surgiu e legitimou suas obras em épocas em que a historiografia brasileira apresentava limitações em relação ao alcance das pesquisas ou

até a total ausência em alguns casos. Nesse contexto, no caso de algumas cidades, é possível perceber a escassez de estudos científicos acerca do seu espaço, dessa forma, o conhecimento acerca da história da cidade acaba sendo construído pelas obras memorialistas. Sendo assim, a historiografia atual, ao escrever a história das cidades representadas pelos memorialistas, pode apropriar-se das obras literárias desses autores para constituir o acervo de fontes. A partir da narrativa subjetiva do memorialista, o historiador, com o olhar técnico das ciências humanas, torna possível evidenciar os aspectos, também subjetivos, nos quais se encontra imbuída a narrativa do autor. Torna-se possível perceber aquilo que os documentos oficiais não trazem: a experiência vivida, o cotidiano, a memória registrada em palavras. Obras literárias de cunho memorialista são um acervo de memória anteriormente vividas.

Palavras-chaves: Historiografia; Literatura; Memorialistas; Fontes; História Cultural.

NOTAS SOBRE UMA ESCRITA DA HISTÓRIA REVOLTADA: EIXO METAFÓRICO, ABSURDO E REVOLTA NO ROMANCE “LA PESTE” (1947) DE ALBERT CAMUS.

Cristian Bianchini de Athayde

Mestrando em História - UFRGS

cristian.athayde@ufrgs.br

Resumo:

A linguagem, não se encerrando em seu eixo conceitual, abarca o âmbito dos fenômenos não-conceituais em cujo centro está a figuração metafórica (COSTA LIMA, 2015, 2021; BLUMEMBERG, 2013). Somado isso à imotivação em potencial do signo linguístico, tem-se a abertura de possibilidades de tensionamento e atualização via narrativa de horizontes hermenêuticos e de semântica histórica sedimentados social e culturalmente (KOSELLECK, 2021; HARTOG, 2020, 2019; RICOEUR, 1976, COSTA LIMA, 2006, SMITH, 2002). No âmbito da escrita da história, não mais seu estatuto discursivo deve ser compreendido a partir de paradigmas pautados pelo construtivismo ou reconstrutivismo - predominantes desde a disciplinarização da história no oitocentos e que vão encontrar na crítica pós-estruturalista e do *linguistic turn* desafios latentes - (MUNSLOW, 2009), mas sim no entendimento das correlações constitutivas entre facticidade e ficcionalidade. Posto que é na *determinação de diferença* entre articulação verbal e experiência extraverbal (KOSELLECK, 2021) que se situam fissuras e pulsam temporalidades, historicidades, sentidos e significados heterogêneos que são, linguisticamente, figurados poética, simbólica e metaforicamente, o que resulta pela consideração do eixo metafórico é uma abertura de horizontes compreensivos ontológicos, estéticos e ético-políticos quanto às possibilidades de representação de temporalidades e sentidos no discurso historiográfico (MUNSLOW, 2009; ANKERSMIT, 2012, RICOEUR, 1996, 2001; COSTA LIMA, 2006, 2021). Assim, em Albert Camus, sua reflexão filosófico-literária sobre a absurdidade da condição humana em *La Peste* (1947), ao reivindicar ficcionalmente o estatuto de um discurso histórico conduzido pelo narrador-personagem Bernard Rieux, permite entradas relevantes para refletirmos e dimensionarmos teórico-metodologicamente a escrita da história em sua dimensão ontológica, epistemológica, e, sobretudo, estética. Pela *poiesis* e semântica camusiana, marcadamente simbólica e metafórica, elementos mobilizados de concepções de mito e tragédia grega, da filosofia nietzschiana e do romance dostoiévskiano, bem como da interlocução junto a vertentes da filosofia da existência e absurdista, compõem o horizonte intelectual e linguístico do autor. Articulado junto à experiência fática e biográfica camusiana dos anos 30 e 40 do século XX, marcadas pela vivência na Argélia e posterior participação na resistência francesa durante a ocupação da França na Segunda Guerra Mundial, esses elementos compõem as *condições de possibilidade da escrita* do romance. Suas *condições de inteligibilidade*, contudo, são renovadas a partir de novos enfoques que pretendem fomentar porosidades, objetivo da presente comunicação ao focalizar o exame do autor e obra em função de uma reflexão sobre a escrita da história pela tensão entre os eixos conceitual e metafórico da linguagem. Suplementarmente, espera-se refletir sobre antinomias como “modernidade” e “pós-modernidade”, “realismo e antirrealismo”, “racionalismo” e “irracionalismo”, “construtivismo” e “desconstrutivismo”, “natureza” e “convenção” da linguagem, “verdade” e “ficção”, “facticidade” e “ficcionalidade”.

Palavras-chaves: Narrativa; escrita da história; ficção; metáfora; Albert Camus.

REGISTRO LITERÁRIO E MEDIAÇÃO CULTURAL: MANUEL DIÉGUES JUNIOR E OS MOTIVOS FOLCLÓRICOS NA LITERATURA

Luan de Sousa Batista – Autor
Graduando em História UFCG/CFP
luansousa016@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar os espaços de atuação intelectual de Manuel Diéguas Junior (1912-1991) e seus agenciamentos políticos e sociais em torno da categoria popular e do folclore para compreender a produção dos saberes culturais. Partimos de uma abordagem que dialoga com as formas de conceber a cultura no pensamento social brasileiro, percebendo a literatura enquanto um campo bastante utilizado pelos estudiosos do folclore. Dialogamos com o contexto, as ideias e as redes de sociabilidade em que esse intelectual está inserido para verificarmos seu lugar político, social e cultural na produção de conhecimento folclórico. Do ponto de vista de uma história intelectual buscamos analisar a atuação de Manuel Diéguas Junior enquanto intelectual por meio do tripé geração, trajetória e sociabilidades. Isso significa, em termos teóricos, fundamentarmos nossa reflexão nas concepções de Angela de Castro Gomes (2016) Sirinelli (1996) e Daniel Pécault (1989) e utilizarmos o conceito de intelectual mediador para tratarmos Manuel Diéguas Júnior como um intelectual que realizou mediações culturais em torno dos motivos folclóricos na literatura. Como principais fontes, utilizamos artigos publicados por Manuel Diéguas Júnior em jornais e revistas nacionais, disponíveis nas Hemerotecas digitais da Biblioteca Nacional e do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Metodologicamente, estabeleceremos uma análise historiográfica baseada na análise de discurso de Michel Foucault (2008). Com este trabalho, possibilita a observação e tomada de conhecimento não só do lugar político, social e cultural, mas ao mesmo tempo a mediação e análise que Diéguas Junior realiza na metade do século XX – período de mudanças acadêmicas e sociais – sobre as produções literárias de outros intelectuais que evidenciam o folclore na literatura.

Palavras-chaves: Manuel Diéguas Junior; Folclore; Literatura.

Simpósio Temático 05

Rastros e ruídos da “gente miúda”: vidas subalternas nos recantos do Brasil nos séculos XVIII e XIX

Coordenação: Lis de Araújo Meira | Sebastião Genicarlos dos Santos

“É COSTUME NESTA CIDADE DE TODOS CAIXEIROS”: TRABALHO, COTIDIANO E CONDIÇÃO DOS CAIXEIROS NO PERNAMBUCO OITOCENTISTA

Manoel Pereira da Silva Neto
Graduando em História - Unicap
manoel.2021103725@unicap.br

Resumo:

O comércio de grosso e pequeno trato nas capitais das províncias do Brasil imperial era constituído por significativo efetivo de caixeiros, que eram trabalhadores que exerciam diversas funções, que poderiam incluir desde do atendimento nos balcões, organizando as contas, chamando a clientela em frentes aos estabelecimentos, e até mesmo na gerência e administração. Esse grupo, como aponta a historiografia, era formado em sua maioria por jovens imigrantes portugueses, que muitas das vezes eram menores de idade, e poderiam ocupar desde da função de aprendizes ou até mesmo o ofício de caixeiro, mesmo com a pouca idade. O cotidiano de trabalho desses sujeitos, era constituído de diversas relações, que muitas das vezes não eram pacíficas e desembocaram em confusões, como a querela que se desenrola numa tarde de 1827 na rua Madre de Deus, quando o João Marques Trindade, caixeiro de 14, é agredido por Antonio Martins do Couto Vianna, negociante que possuía uma loja de molhados em frente a que o caixeiro trabalhava. Diante disso, com o auxílio do seu patrão, João Marques entra com ação judicial contra Antônio Martins. Desse modo, por meio dos conflitos nas ruas e na justiça, pretendemos analisar a caixeiragem e seus sujeitos através da apelação crime presente no Memorial da Justiça do TJPE impetrado por João Marques Trindade contra Antônio Martins do Couto Vianna.

Palavras-chave: Pernambuco oitocentista; Comércio; Caixeiros; Lojas de molhados; Conflitos sociais.

UM COMERCIANTE NO ALVORECER DA MODERNIDADE NO OESTE MINEIRO: ANÁLISE DE TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO ELÓI CASSIMIRO DE ARAÚJO, O BARÃO DE PONTE ALTA (1816-1903)

Pedro Júnior Coelho da Silva Nunes
Mestrando em História pela Unesp
pedro.c.nunes@unesp.br

Resumo:

A comunicação em tela é fruto de ensaio acadêmico realizado para disciplina de pós-graduação. O trabalho consistiu em uma associação da pesquisa realizada no mestrado com as reflexões feitas na disciplina “Tempo histórico, modernidade e modernismo”. Nesse sentido, investiguei a trajetória política, econômica e social de Antônio Elói Cassimiro de Araújo (1816-1903), mais conhecido como barão de Ponte Alta, importante chefe político na região de Uberaba, antigo Sertão da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais. Além disso, observei o progresso que atravessou o local de atuação do sujeito investigado no decorrer do século XIX, que foi impulsionado pela ânsia da modernidade que povoou e conectou as mais diversas regiões do território brasileiro naquele século. Para tanto, além dos recursos vinculados à pesquisa biográfica da sua atuação política, busquei trabalhar com as reflexões relacionadas ao conceito de elites em suas possibilidades para o tema, além das tramas políticas que perpassaram o Brasil do século XIX, visando a compreensão do objeto privilegiado de estudo, uma vez que o barão de Ponte Alta teve presença ativa e marcante na constituição das elites dirigentes locais e nas redes comerciais, inserindo-se no processo de construção do Estado no Brasil imperial ao longo do século XIX.

Palavras-chaves: Barão de Ponte Alta; Uberaba; Elites dirigentes; Sertão da Farinha Podre; Modernidade.

A ASSOCIAÇÃO DOS GUARDA-LIVROS (RJ) COMO FORMA DE COMPREENDER A HIERARQUIZAÇÃO DA CLASSE CAIXEIRAL OITOCENTISTA

Guilherme Gonçalves Oliveira

Mestrando em História na Universidade Federal Fluminense

guilhermego@id.uff.br

Resumo:

A proposta da comunicação consiste em debater a hierarquização da classe caixeiral oitocentista, com ênfase para os trabalhadores da Corte. Nesse sentido, um dos nossos principais esforços é analisar as diferenças entre os guarda-livros e primeiros caixeiros, que se encontravam no topo da hierarquia, e o restante dos caixeiros, que desempenhavam diversas funções na base do pequeno comércio. Uma das nossas chaves de compreensão mais importantes é o fenômeno associativista, muito presente na classe caixeiral. Através dele, identificamos afastamentos entre as diferentes frações da classe, como, por exemplo, na *Associação dos Guarda-Livros (RJ)*, fundada em 1869, e voltada exclusivamente para estes profissionais. O estudo da *Associação* nos permite o aprofundamento em um dos pontos mais caros ao distanciamento interno da classe caixeiral, a saber, a aproximação dos extratos mais ilustrados desta classe com o “mundo” dos patrões. Logo no primeiro parágrafo do primeiro artigo de seus estatutos, a *Associação* estabelece como um de seus fins: “Melhorar e ilustrar seus associados, difundindo a maior soma possível de instrução teórica e prática em todos os ramos de conhecimentos que interessam ao exercício, desenvolvimento e prosperidade do comércio em geral, e muito principalmente o do Brasil”. Esta afirmação, aliada a leitura de seu periódico, intitulado *Revista da Associação dos Guarda-Livros*, demonstra uma tentativa deste grupo de guarda-livros em se tornarem personagens centrais do comércio brasileiro, tal qual seus patrões. Essa análise nos dá um arcabouço para questionarmos se a adesão destes trabalhadores ao imaginário e às práticas das elites econômicas se configura como uma espécie de ato de resistência às diversas dificuldades impostas à classe trabalhadora dos séculos XIX, ou como um esforço do topo da classe caixeiral para conquistar um protagonismo no mundo dos negócios. O movimento associativista, como um todo, nos proporciona um amplo espectro de análise para este tema. O *Club Beneficente dos Guarda-Livros*, que teve seus estatutos aprovados em 1877, por exemplo, segue a mesma linha da *Associação* ao vedar a participação apenas para guarda-livros, excluindo o restante da classe caixeiral. Por fim, o campo de estudos sobre a imigração será um ponto de diálogo fundamental. A convergência se deve, sobretudo, ao fato de que uma parcela considerável dos caixeiros, principalmente entre os que ocupavam as posições de maior destaque, era oriunda de Portugal. O estudo desse movimento migratório, que se deu em famílias portuguesas de diversas classes sócio-econômicas, nos permite investigar a origem desses trabalhadores, e compreender como eles passaram a ocupar seus postos no pequeno comércio carioca.

Palavras-chaves: Classe caixeiral - Brasil oitocentista - Guarda-livros - Associativismo - Imigração.

VISÕES CIGANAS EM DISPUTA: AS PÁGINAS DO A PROVÍNCIA E DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO EM 1877 COMO FONTES DE PESQUISA

Hiago Murilo Freire Costa

Graduando em Licenciatura em História pela UFRPE

hiago.costa@ufrpe.br

Resumo:

O contato com os primeiros grupos de ciganos que chegaram ao continente europeu provocou estranhamento e aversão. Relatos de viagem já mostravam a incompatibilidade desses novos visitantes com a modernidade e a civilização. Na literatura o que mais predominou foi o arquétipo vilanesco dessas comunidades. Parte considerável da historiografia tem recorrido a literatura como um dos objetos de pesquisa para indicar uma origem e reiterada afirmação dessas visões negativas e de estranhamento que acompanharam as comunidades ciganas que migraram para as colônias na América. Ladrões de cavalos, criminosos, sequestradores, hereges, ateus, vadios são alguns dos sinônimos atribuídos e construídos

historicamente para estes povos. Contudo, o exotismo desses grupos não impediu alguns de se relacionar, comprar e vender e criar redes em torno dos mais diversos interesses. Alguns grupos prosperaram, estando presentes na Corte. Além da literatura, os periódicos também reafirmaram essas visões negativas. O presente trabalho é fruto dos primeiros apontamentos em torno de uma pesquisa que tem como fontes preliminares os periódicos A Província e o Diário de Pernambuco no ano de 1877. O primeiro, veículo de comunicação oficial do Partido Liberal da província de Pernambuco, não deixou de reforçar uma visão depreciativa em seus editoriais e colunas, acusando ciganos e autoridades complacentes com a presença destes na província. O segundo, de caráter mais conservador, em um episódio até o momento da pesquisa sem semelhantes, cedeu espaço para a defesa do líder cigano Pedro Velho, acusado pelo A Província de levar o terror à cidade de Pau D'Alho juntamente com seu grupo. O objetivo é apresentar as disputas em torno do episódio de Pau D'Alho, as visões conflitantes e as disputas nos periódicos. Demonstrar a imprensa como uma fonte de pesquisa possível que não apenas reforça a visão negativa, mas também pode ser um instrumento de disputa usado pelos grupos ciganos ou aqueles em seu entorno, e apontar os caminhos possíveis da pesquisa.

Palavras-chaves: Imprensa; ciganos; Pernambuco; A Província; Diário de Pernambuco;

O BARÃO DE MURIBECA: UM POLÍTICO DO SÉCULO XIX

Marcos Fellipe Nascimento dos Santos

Graduando em História pela UNICAP

marcos.00000829929@unicap.br

Resumo:

Ao estudarmos a política do Brasil Imperial, alguns nomes nos chamam a atenção. Principalmente quando esses nomes se repetem várias vezes. Um exemplo disso, são as elites locais que dominavam a província de Pernambuco durante o século XIX. Diante disso, faz-se necessário estudar a importância de dessas famílias, bem como suas ações na política oitocentista. Uma família que nos chamam a atenção é a Cavalcanti de Albuquerque, pois seus nomes já estavam em vários cargos do Império Brasileiro. E, a cada dia que passava, esses números só aumentavam. Por meio disso, o presente trabalho tem o objetivo de estudar essa família, em especial um de seus membros: Manoel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, o Barão de Muribeca, e sua trajetória política ao longo do Império. Estudaremos a partir de periódicos encontrados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, cartas pessoais do Fundo Visconde de Camaragibe, acondicionadas no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP) e inventários post-mortem presentes, anteriormente, no IAHGP e, hoje, no Memorial de Justiça de Pernambuco.

Palavras-chaves: Barão de Muribeca; Política Oitocentista; Cavalcanti de Albuquerque.

AS PERTURBAÇÕES DO ESPÍRITO: A RACIALIZAÇÃO DA “SANTA DE JUAZEIRO”

Bruna Karina Ferreira de Lima Melo

Mestranda em História, Cultura e Espacialidades pela UECE

karinamelohis@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho busca discutir as multiplicidades discursivas sobre Maria de Araújo, que durante os anos finais do século XIX e a primeira metade do século XX foi considerada uma santa pelo catolicismo popular, sendo a mulher mais importante do que hoje consideramos nordeste, durante o período, e uma “negra doentia” e “embusteira” por parte de setores ligados à Igreja oficial e a elite do período. Para o desenvolvimento deste trabalho, são caras as reflexões ensejadas por Michel Foucault, Judith Butler, Erving Goffman, Richard Bauman, sobre corpo, gênero, performance e representação de si. Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, a “Beata do Milagre” não deixou nenhum registro pessoal, as informações sobre Maria de Araújo foram colhidas em diferentes interlocutores, o mais circunstanciado,

seguramente foi o Padre Cícero Romão Batista, seu mestre espiritual. As narrativas performáticas construídas por Padre Cícero a inserem num lugar de abnegação, descrevendo uma Maria de Araújo crente de que todo o sofrimento que passava era fruto da “manipulação de sua Fé, era uma manifestação de sua caridade e misericórdia”. Práticas de piedade, a castidade, e diversas virtudes são destacadas nos escritos e depoimentos de seu mentor espiritual, atributos indispensáveis para uma mulher pura e consagrada, que configura a doação completa de si mesma. O seu corpo é discutido não enquanto um elemento físico dotado de carnes, mas uma compleição impregnada de características peculiares e essenciais aos sujeitos escolhidos, eleitos para demonstração do poder divino, um corpo marcado pelo sagrado. A marca de Cristo inseria a beata em uma vida de dor e sofrimentos, tudo em nome da fé e do amor. Antes mesmo dos acontecimentos de Juazeiro, em março de 1889, Maria de Araújo já figurava as páginas de periódicos do período. No ano de 1885, notícias sobre a “Santa de Juazeiro” ou a “Virtuosíssima jovem de Juazeiro” já estampavam jornais do Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Lisboa. Entretanto, em momento algum, sua aparência física, raça ou quadro clínico eram mencionados. Após a condenação pelo Tribunal do Santo Ofício, em abril de 1894, as narrativas sobre os acontecimentos de Juazeiro e, em especial, sobre a Beata Maria de Araújo, passam a conter um tom eugenizado. Padres e intelectuais passam a descreve-la como uma figura teratológica, uma aberração da natureza, menos humana, uma “criatura de Darwin”. Filha de um ex-escravizados, Maria de Araújo não possuía as “características da santidade”. Sua raça foi utilizada para desqualificar os acontecimentos que protagonizou, ao mesmo tempo que serviu de plano de fundo para a construção da imagem de santidade de seu diretor espiritual. Mesmo após o seu falecimento, seu corpo foi violado, e diversas doenças lhe foram atribuídas, dentre elas, hemossialorréia, tuberculose, hemofilia e histeria.

Palavras-chaves: Maria de Araújo; Narrativas; Racialização; Representação; Juazeiro do Norte.

“ESSA GENTE RÚSTICA, INFIEL E NATURALMENTE ATREVIDA”: O CRIME DE SOLICITAÇÃO E DESCRÉDITOS DAS TESTEMUNHAS NA FREGUESIA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DO RIO GRANDE DO SUL (SÉCULO XVIII)

Hortencia Lima Silva

Graduanda

contatohortencialima@gmail.com

Resumo:

Resultado de uma investigação desenvolvida junto ao programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia, esta comunicação pretende contribuir para a história das mulheres na região do médio Rio São Francisco no século XVIII, assim, buscando discutir como a misoginia e o racismo atuaram como um fator que levou ao arquivamento de algumas denúncias do crime de solicitação. A denúncias do delito de solicitação são documentos que estão arquivadas no *Caderno de Solicitantes*, essa foi uma pasta criada para arquivar as várias denúncias feitas contra os padres que cometiam o crime de solicitação. Esses documentos estão disponíveis digitalmente para consulta e download no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Este delito era um crime punido e perseguido pelo Santo Ofício, cometido única e exclusivamente por clérigos, pois configurava-se quando o confessor, durante a confissão sacramental, proferia para sua penitente palavras de cunho sexual ou amoroso a convidando para manter algum tipo de relação com ele, poderia ocorrer até mesmo através de cartas, bilhetes, poemas e músicas, nas quais eles se declaravam. Além disso, ela também podia ocorrer por meio de “tocamentos”, quando o sacerdote acariciava o corpo da penitente com ou sem o seu consentimento. Na maioria das vezes essa relação se configurava no que atualmente designamos como assédio sexual, mas as situações de assédio não eram exclusividade, pois podemos nos deparar com documentos que relatem a existência de relações consensuais. Essa consensualidade, contudo, precisa ser vista com cuidado, pois os sacerdotes, homens responsáveis por ouvir as confissões e absolver as almas, ocupavam uma posição de poder nas sociedades coloniais, assim, essa consensualidade pode ter sido condicionada pelo temor que as mulheres tinham de futuras represálias caso não cedessem a solicitação. Essa documentação, juntamente

com a bibliografia especializada, dos quais destacamos os (as) autores(as): Lana Lage da Gama Lima (1990), Ronaldo Vainfas (1997), Elisângela Oliveira Ferreira (2013) e Jaime Ricardo Teixeira Gouveia (2012), nos permitiu, entre outras coisas, observar aspectos do cotidiano de confessores e penitentes dentro do espaço reservado para a confissão sacramental através da análise de caso, afora isso, possibilitou averiguar os fatores de gênero, classe e raça que contribuíram diretamente para o descrédito das testemunhas e conseqüentemente para o arquivamento de suas denúncias.

Palavras-chave: Inquisição. Solicitação. América Portuguesa.

VIOLÊNCIA E JUSTIÇA NA VILA DE ÁGUA BRANCA, DÉCADA DE 1880.

Marília Lima de Araújo

Doutoranda em História UFRPE

E-mail: prof.marilia13@gmail.com

Resumo:

Os indivíduos que viveram no Alto Sertão do São Francisco alagoano fizeram usos da justiça e da violência para a resolução de conflitos, em diferentes situações e com motivações diversas. A presente pesquisa traz dados sobre os crimes ocorridos na vila de Água Branca, região sertaneja da província das Alagoas, na década de 1880. Como fonte histórica, conta-se com os sumários crimes abertos pelo poder judiciário da vila de Água Branca, documentação guardada no Fórum Miguel Archanjo de Siqueira Torres. Por meio de uma leitura dos processos, analisa-se as ocorrências de crimes na vila de Água Branca, tais como a tipologia segundo o Código Criminal do Império (1830), os locais, a condição social das vítimas e réus. A partir desses dados, pretende-se entender os significados da violência no cotidiano da sociedade sertaneja e o uso do poder judiciário para resolução de conflitos.

Palavras-chaves: Violência. Poder judiciário. Sertão. Brasil Império.

EMBATES CONTRA O IMPÉRIO: BORGES DA FONSECA E A DISCUSSÃO SOBRE REPÚBLICA NOS IMPRESSOS (1843-1855)

Edson José de Meneses Alves

PGH-UFRPE

edsonjose355@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um novo olhar sobre as discussões políticas no Brasil logo após a subida ao trono de D. Pedro II. Após o golpe da maioria, em 1840, o recém imperador consegue tranquilizar, em certa medida, os ânimos exaltados da política brasileira. Entretanto, um publicista, em especial, nunca aceitou que o Brasil continuasse no sistema monárquico, estamos falando de Antônio Borges da Fonseca. Borges da Fonseca, durante o período citado, utilizou da imprensa e dos jornais, por diversas ocasiões, para travar diálogos e ataques ao sistema monárquico como também ao imperador, argumentando que a república era o sistema político a qual o país deveria seguir. Essa pesquisa parte de uma história Vista de Baixo, como argumenta José D'Assunção Barros, ao mostrar que um publicista também poderiam fazer oposição ao imperio. Para isso, esse trabalho contará com a análise de três fontes: O Nazareno, publicado entre 1843 e 1848, A Revolução de Novembro, em 1852, e, por fim, O Republico, entre 1853 e 1855. Como argumenta Evaldo Cabral de Mello, a historiografia brasileira neste período foi contada somente pelo olhar imperial, sendo assim, vozes como a de Borges da Fonseca foram ignoradas até mesmo no posterior a Proclamação da República. Sendo assim, este trabalho, fruto de uma pesquisa em andamento para uma dissertação, justifica-se em dar voz a sujeitos que foram ignorados pela historiografia brasileira.

Palavras-chaves: República, Borges da Fonseca, Império, Imprensa, Jornais.

O TEATRO ABOLICIONISTA EM RECIFE: PROJETOS, PROFISSIONAIS E REPERCUSSÃO (1884 - 1888)

Luana Beatriz Ferreira Lopes do Nascimento

Graduanda pela UFRPE

luana.l.nascimento8@gmail.com

Resumo:

O teatro abolicionista foi constituído por eventos estreitamente ligados à defesa da abolição realizados no espaço dos teatros (CASTILHO, 2012). Em Recife, desde 1870, esse tipo de manifestação incorporava diferentes atividades, de performances artísticas a cerimônias de manumissão e campanhas de arrecadação. Essas manifestações poderiam ter configurações diversas: espetáculos teatrais, concertos, conferências e conferências-concerto. A programação tinha um repertório diverso, podendo incluir recital de poesia, orquestras, conferências, encenação teatral e a entrega de cartas de alforria. A representação de peças teatrais e poesias tinha o intuito de disseminar a moral antiescravista e sensibilizar a sociedade para a causa abolicionista (ALONSO, 2015). A partir da década de 1880, tornou-se um dos principais meios de ativismo do abolicionismo brasileiro e se difundiu por províncias de todo o Império (ALONSO, 2015). No entanto, a recorrência desses eventos varia de acordo com as possibilidades impostas pela conjuntura política local e nacional. O Diário de Pernambuco entre 1884-1888, divulgou 78 eventos teatrais de propaganda abolicionista na cidade do Recife. Ocupando o palco do Teatro Santa Isabel, Teatro de Variedades da Cervejaria Nova Hamburgo e o Teatro Santo Antonio. A organização desses eventos demandava um esforço coletivo, contando a participação de mulheres, pessoas negras, estudantes, trabalhadores do comércio e do teatro (atores, atrizes, músicos, cabeleireiros, contrarregra, maquinistas, porteiros, entre outros.), vendedores ambulantes e condutores dos transportes. Neste trabalho de iniciação científica, temos o objetivo de compreender de que forma o movimento abolicionista utilizou o campo teatral como instrumento de crítica à escravidão na cidade do Recife, bem como sua repercussão e os profissionais envolvidos. Produziremos também análises do texto e repercussão de duas peças teatrais de maior projeção no circuito das ações do movimento abolicionista pernambucano. Mobilizaremos as questões, técnicas e métodos da História Social e da Micro-História. Fazendo uso do recurso biográfico e examinando a diversidade de perfis dos envolvidos nesta atividade, pretendemos dar visibilidade às trajetórias dos que vem debaixo. Para isso, faremos o levantamento e análise das notas presentes nas páginas do Jornal do Recife entre os anos de 1884-1888. As quais servirão de subsídio na quantificação e seleção de peças encenadas e profissionais a serem estudados. Além de servir na compreensão da repercussão de tais eventos.

Palavras-chaves: Abolição; Movimento Abolicionista; Teatro; Imprensa; Brasil Império.

Simpósio Temático 06

Ensino de história e história dos excluídos: sujeitos, conceitos e práticas

Coordenação: Marcone Carlos dos Santos Nascimento | Ana Maria Lúcia do Nascimento

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA DOS EXCLUÍDOS NA FORMAÇÃO DE UM BRASIL DEMOCRÁTICO

Lindalva Augusto Santiago

Graduanda em Ciências Econômicas pela UFPE-CAA

lindalva.santiago@ufpe.br

Resumo:

Toda vez que nós narramos uma vida, damos vida a esta história, na dimensão de torná-las visíveis, perceptíveis, valorizadas e significativas, nas suas singularidades, nos seus projetos, nas suas realizações, decepções e enfrentamentos. Enfrentamentos que em muitas sociedades, e na sociedade brasileira principalmente, estão associados a profundas desigualdades marcadas em hierarquias e exclusões de toda natureza. A história não é apenas um campo de consagração dos grandes, mas o conjunto de vidas construídas pelas ações de cada um de nós, gente comum, simples em cada momento do nosso cotidiano. Há uma necessidade de construir uma narrativa, onde os grandes e os excluídos estejam presentes. As sociedades com passados coloniais, como é o caso da sociedade brasileira, precisam fazer um percurso de sair da delegação da culpa, da vergonha e caminhar tanto ao reconhecimento quanto a reparação, especialmente de todos estes que no passado ou no presente foram excluídos dos direitos mais fundamentais. As pesquisas sobre pessoas comuns não são frequentes dentre os historiadores tradicionais. Tipicamente esses historiadores pesquisam sobre a história de grandes personagens, grandes personalidades, pessoas que tiveram muito destaque na história, essas pesquisas têm como base, como fontes históricas, os documentos oficiais, ou seja, aqueles que eram produzidos pelo estado. Os historiadores investigam e interpretam criticamente os acontecimentos, buscando salvar a memória humana e ampliar a compreensão da condição humana. Seu trabalho é baseado principalmente no estudo de documentos como manuscritos, gravuras, gravações de áudio, filmes, objetos e fotografias, e por serem pessoas comuns e não terem papéis de destaque na história, não possui esse tipo de registros. Essa busca por estudar pessoas comuns, faz parte do movimento da nova história, onde se começa a trabalhar com os sujeitos históricos, e todos somos sujeitos históricos importantes para história. A partir daí começou a se pensar em como expandir estudos e pesquisas, e não com os historiadores chamados tradicionais. Recuperar as experiências históricas de pessoas, cujas vivências são ignoradas ou retratadas superficialmente (com generalizações, estereótipos e dotada do discurso dos “vencedores / colonizadores” sobre os “vencidos / colonizados”), pela principal corrente da historiografia, auxilia para a recuperação de memórias e formação de identidades, sejam individuais ou coletivas. Enfim, existem muitas pessoas que frequentemente não encontramos dentre aqueles que constituem a narrativa principal sobre a nossa história nos livros didáticos e na narrativa contadas aos alunos no ensino básico. É preciso se livrar dessa visão limitadora. Não só estas pessoas, temos uma quantidade bastante diversificada, portanto, representativa da nossa história. São homens, mulheres, pessoas de diferentes grupos étnico-raciais e de diferentes séculos que também precisam deixar sua contribuição para a história. É importante garantir que diferentes sujeitos tenham preservados as memórias de seus antepassados e também contribuir para o estabelecimento de identidades e assim construir uma sociedade mais justa e democrática.

Palavras-chaves: História dos excluídos. Historiadores tradicionais. Sujeitos históricos. Memórias. Ensino da História.

PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E CONSCIÊNCIA NEGRA. CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS NA FILOSOFIA DA PRÁXIS EDUCACIONAL DE PAULO FREIRE, JÖRN RÜSEN E STEVE BIKO

Márcia Santos Severino

Mestranda em ensino de História pelo Proffhistoria UFG

marcinhafilosofia@gmail.com

Resumo:

Nos anos de 1960 após o golpe civil-militar no Brasil, o pedagogo Paulo Freire se exilou nos Estados Unidos onde trabalhou na Universidade de Harvard. Em contato com a cristã radical sul-africana Anne Hope, que lutava contra o regime de apartheid na África do Sul, sua obra é levada por esta a esse país. Por seu turno o ativista do movimento de consciência negra sul-africano Steve Biko já havia lido a obra de Freire “Pedagogia do Oprimido”. Suas ideias ajudaram o movimento na criação de um sistema de alfabetização na África do Sul e influenciaram Biko na construção de seu conceito de Consciência Negra. Na Alemanha, principalmente a partir dos anos de 1980, o historiador Jörn Rüsen constrói sua matriz teórica para o campo de investigação da teoria da história, qual seja a Didática da História, com a qual ele dá suas contribuições para o conceito de consciência histórica. Vários autores, principalmente no Brasil e também ligados aos estudos decoloniais, têm questionado a apropriação do conceito de consciência histórica para culturas que passaram pelo colonialismo e onde ainda é presente a colonialidade do saber e da episteme. Por outro lado, há a tentativa de aproximação da filosofia da práxis educacional de Paulo Freire à matriz teórica da Didática da História e também a exploração de consciências outras no campo didático/educacional como podemos fazer com o conceito de Consciência Negra de Steve Biko e sua pedagogia e historicidade implícitas. O objetivo da presente comunicação é buscar confluências e divergências do que chamamos de filosofia da práxis educacional nos três autores, nos possibilitando compreender como as diferenças culturais criam processos educacionais que possam nos possibilitar trazer novas perspectivas para o ensino de história no Brasil.

Palavras-chaves: Consciência negra; Consciência Histórica; Pedagogia do Oprimido; Didática da História; Filosofia da Práxis.

GRUPO DE ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO BRASILEIRA: O PENSAR CERTO NA CONSTRUÇÃO CRÍTICA DE UM SABER-FAZER-DOCENTE

Antonia Jamilly Costa Ferreira

Universidade Federal do Tocantins UFT
antoniajamillyferreira@gmail.com

Camile Conceição Carvalho

Universidade Federal do Tocantins
camile.carvalho@mail.uft.edu.br

Ariel Elias do Nascimento

Universidade Federal do Tocantins UFT
ariel@uft.edu.br

David Emanuel de Souza

Universidade Federal do Tocantins
david.emanuel@mal.uft.ed.br

Ana Beatriz Carvalho Baiocchi

Universidade Federal de Goiás
biabaiocchi@gmail.com

Dalila Maria Alves

Universidade Federal do Tocantins
dalila.maria@mail.uft.edu.br

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma reflexão teórica e crítica. “Não há educação fora das sociedades e não há homem no vazio”, escreve Paulo Freire em obra seminal sobre o papel crítico que a educação possui na formação do homem em sociedade (FREIRE, 1994, p. 43). Ressalta ainda que educar é um ato de amor que deve ser construído em um processo dialógico. No livro *Extensão ou comunicação* de 1968 Paulo Freire aborda a questão do diálogo problematizador, para o educador todas as coisas podem ser problematizadas. (FREIRE, 1968, p. 35-36) Nessa perspectiva, este artigo reflete o processo de busca por uma interação mais profunda entre a universidade, a escola e a comunidade externa, a fim de ampliar e aprofundar as discussões e reflexões sobre o processo educativo no Brasil. Assim, de acordo com a professora Maria de Lourdes Fávero: A universidade é convocada a ser palco de discussões sobre a sociedade, mas não em termos puramente teóricos, abstratos. deve ser um espaço em que se desenvolve

um pensamento teórico-crítico de ideias, opiniões, posicionamentos, como também de propostas e alternativas para solução de problemas. FÁVERO (2006, p. 19) Ao considerarmos que a educação acontece também fora do ambiente escolar ou da Universidade, o Grupo de Estudo Sobre Educação Brasileira (GESEB) propôs justamente esse espaço de interação, visando a construção de uma consciência crítica sobre o mundo que nos cerca. Além de ampliar o debate através da extensão, o grupo também visa ampliar os horizontes da pesquisa, uma vez que, como menciona FREIRE (1996), p. 25 e 30, : “ensinar exige pesquisa (...). Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Nesse sentido, podemos pensar o que Paulo Freire chama de “dodiscência” - docência e discência juntas.

DESENVOLVIMENTO

Como pesquisa e extensão, o GESEB tem em sua gênese a ação dos alunos na busca de organizar a construção de um saber, de forma transdisciplinar, que vá além dos meios convencionais produzidos em sala de aula. Isto é possível através das seguintes etapas: a) como ponto de partida, a equipe do GESEB, formada por alunos da graduação em História da Universidade Federal do Tocantins, por professores da rede pública de ensino do Estado do Tocantins, bem como por um professor do curso de História da mesma universidade, se reúnem para discutir e mapear as realidades encontradas nas escolas; b) em seguida, é proposta leituras para que a equipe gesebiana tenha instrumentos teóricos e argumentativos para promover a construção crítica de conhecimentos; c) após amplo debate entre a equipe, elabora-se um calendário de ações temáticas a serem colocadas em execução; d) através de rodas de conversa com a comunidade externa, são pensadas estratégias para superação das dificuldades encontradas “no chão da escola”. Estas etapas conferem ao GESEB uma dinâmica extensionistas, conferindo assim, a possibilidade de se colocar em prática o diálogo de conhecimentos plurais, ou seja, o reconhecimento e importância de um saber produzido pela experiência docente fora dos muros da universidade, em comunhão com o saber produzido pela universidade. Desenvolver rodas de conversa, que sejam pautadas em leituras sobre a história, desafios, expectativas e demais assuntos sobre a educação no Brasil e conhecer relatos de experiência por parte dos professores tanto da educação básica, quanto da universidade, já é um passo largo para uma integração e interação entre a universidade e a escola. Além do mais, a ampliação do debate, da discussão e do questionamento proporciona uma formação crítica mais sólida, a qual pode se tornar o eixo norteador na construção de um saber-fazer docente. As rodas de conversa desenvolvidas pelo GESEB se tornaram em certo ponto, o ápice do grupo, mas também apresentaram novos horizontes, nos direcionando ao efetivo construir-com; um espaço pautado em uma convergência dialógica que possibilita um saber-fazer pedagógico necessário para as práticas educativas do hoje e do amanhã.

CONCLUSÕES

O GESEB entende a educação como um processo de ensinar e aprender, mas um ensinar que assume a consciência de superar o comodismo e desafiar novos horizontes, diante de uma sociedade que traz a informação em apenas um “click”. É preciso pensar uma educação com espaço aberto, que transforme, emancipe e eduque. A educação é uma socialização, um espaço de relações que afeta a forma como somos capazes de relativizarmos nossa própria maneira de refletir sobre o mundo, para tanto, é necessário romper as barreiras presentes nas instituições educativas. Trata-se de trazer o protagonismo para dentro das salas de aulas, de dar voz e favorecer os processos de empoderamento através do diálogo, promovendo uma educação para o reconhecimento do outro, que busque uma interação mais profunda entre a escola e a sociedade. Por fim, não se trata de criar um “novo mundo” para a educação, mas sim trilhar novos caminhos para melhorar a realidade e garantir o direito de uma educação que, sobretudo, faça uma leitura crítica dessa realidade. A educação se faz do entendimento que não se pode mudar tudo, mas é através dessa rede que se constrói um diálogo justo, discutindo o que não está no lugar e os caminhos necessários para uma possível mudança. A educação não deve ser um sistema de opressão, mas um espaço libertário.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico compreensiva, artigo a artigo**. 24° ed. revista, atualizada e ampliada. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Traduzido por Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 67° Edição. São Paulo, 2021.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28>> Acesso em: 11 Nov. 2021 <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200003>
- Filosofia, Educação, Formação: I Jornada Internacional de Filosofia da Educação – III Jornada de Filosofia e Educação da FEUSP / organizadores Cristiane Maria Cornelia Gottschalk, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Julio Groppa Aquino. São Paulo: FEUSP, 2017. cap. 1 - Etienne Tassin. Educar o cidadão: que êxito esperar de um ofício impossível? Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/157/137/684-1?inline=1> Acesso em: 15/11/2021
- FORQUIN, Jean Claude. Escola e Cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43. ed. rev. - Campinas, SP: Autores Associados, 2018.
- SAVIANI, Dermeval. Interlocuções pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação. Campinas(SP): Autores Associados, 2010.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 19. ed. - Campinas, SP : Autores Associados, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. Educação no Brasil: concepção para o século XXI. Histedbr on-line - v. Julho/2001, n. 3 (2001) | Faculdade de Educação <https://fe-old.fe.unicamp.br/publicacoes/lancamentos/4594>
- Política de extensão da Universidade Federal do Tocantins e outras providências. Anexo da Resolução nº 05/2020 – Consepe Aprovada ad referendum do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em 02 de setembro de 2020. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/YTf11bAgRQSeEBZjkRWr0g> Acesso em: 14/11/2021
- TEIXEIRA, Anísio S. **A educação e a crise brasileira**. Companhia Editora Nacional, Série 3: Atualidades pedagógicas, vol. 64. São Paulo, 1956.

A DESIGUALDADE SOCIAL BRASILEIRA EM TELA: *TEREMOS INFÂNCIA* (1971) E O AUDIOVISUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

Bianca dos Santos Gomes

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da UNESP

Bianca.gomes@unesp.br

Fernando Gabriel Costa Volpin

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da UNESP

Fernando.volpin@unesp.br

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo partir do curta-metragem *Teremos Infância* (1971) do cineasta Aluysio Raulino para uma reflexão sobre as possibilidades do uso do audiovisual em contexto de sala de aula como recurso representativo da estrutura social do Brasil e suas desigualdades históricas. O uso do audiovisual no ensino de História não é exatamente recente, o cinema educativo no Brasil remonta ao início do século XX, todavia, seu uso estava limitado a um caráter ilustrativo. Estudos mais recentes dão

conta da necessidade de considerar o filme a partir de suas especificidades, e não apenas como um retrato da verdade ou mero complemento da fonte escrita. Assim, esse trabalho propõe tomar o audiovisual e seus elementos como meio de evocar narrativas contra hegemônicas no que diz respeito à chamada grande História. Em *Teremos Infância*, Raulino registra o relato de Arnulfo Silva, ex-menor abandonado, vitimado pelas mazelas sociais, que faz uma rememoração de sua infância. Ao colocar em tela as memórias de um sujeito atravessado pela violência histórica-social, o diretor parte da esfera individual de um personagem para ilustrar àqueles que, sob a luz da chamada modernidade conservadora, permaneceram (e permanecem) à margem. Desta feita, convertido em instrumento didático, o curta abre possibilidades de abordagens enriquecedoras no que tange o ensino de História, que vai desde seu contexto de produção no regime militar, as discrepâncias que retrata, até as permanências verificáveis em paralelos com os dias atuais.

Palavras-chaves: Cinema; Infância; Desigualdades; Brasil.

O LUGAR DA HISTÓRIA DAS MULHERES NOS ITENS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS NO ENEM (2016-2018)

Stephane de Souza Martins

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

martins23ste@gmail.com

Resumo:

Nas últimas décadas o acesso à universidade no Brasil tem aumentado. Com isso, uma série de questões surgem e necessitam serem problematizadas e superadas. Enquanto processo de acesso às universidades públicas brasileiras, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tem a adesão de diversas pessoas, sendo resultante deste fato que devemos refletir sobre uma elaboração discursiva dos itens, que esteja de acordo com a pluralidade de ideias, para que assuntos como a representatividade sejam exploradas e superadas. Este texto se trata da análise do lugar social das mulheres nos itens de História da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias no ENEM entre os anos de 2016 à 2018. Os encaminhamentos são dados a partir da criação de um contexto avaliativo a nível nacional através dos Exames de Admissão, ou os chamados Vestibulares, permeando a fundação do ENEM e o situando nas questões de importância social como a exemplo da disparidade de mulheres participantes da prova. Para além disso, o texto faz parte de uma denúncia de invisibilização historiográfica das mulheres na participação ativa da História, dos itens e da Matriz de Referência do ENEM. Os documentos utilizados nas análises consistiram nas provas da primeira aplicação dos anos citados, na Matriz de Referência e nas sinopses dadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Para que possamos avançar no sistema de avaliação nacional tendo como objeto do conhecimento questões socialmente relevantes, este trabalho se propõe a mostrar a necessidade da ampliação do debate sobre o estudo da categoria mulheres na História. Nesse sentido, a intenção desse trabalho é refletir como acontece a abordagem do conteúdo dos itens nas Ciências Humanas e Suas Tecnologias, a fim de que as narrativas históricas em que estão postas nesta categoria, não reproduzam os processos de subalternização e invisibilização.

Palavras-chaves: ENEM; História das Mulheres; Avaliação em Larga Escala

REPRESENTAÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS NA COLÔMBIA DO OITOCENTOS: UMA ANÁLISE DE “CONQUISTA Y COLONIZACIÓN DE AMÉRICA POR LOS ESPAÑOLES” (1885), DE MIGUEL ANTONIO CARO

Giovana Eloá Mantovani Mulza

Doutoranda em História pela UEM

gio_mantovani@hotmail.com

Resumo:

No período denominado como “La Regeneración” (1880-1905), a história política da Colômbia compreendeu um conjunto de presidentes que se caracterizaram por uma postura politicamente centralista e por uma conduta institucionalmente aliada à Igreja Católica. Nesta conjuntura, o clero católico teria sido visualizado pelos governantes como aliados estratégicos para preencher as lacunas que o poder estatal não estava sendo capaz de ocupar – sobretudo no que tangia ao sistema educacional e ao projeto de conversão dos povos indígenas à civilização. A aliança entra ambas as instituições, apareceria firmada através de uma Concordata assinada em 1887 que reconheceria o apoio da Santa Sé ao projeto político e cultural do Estado colombiano. É evidente que a temática indígena não fora preocupação exclusiva dos políticos regeneradores, pois os discursos acerca do lugar que os nativos ocupavam no passado e no presente colombiano antecedem o decênio de 1880 e já era objeto das reflexões de eruditos liberais como José María Samper (1861). Seria pertinente afirmar que as preocupações sobre a incorporação – e/ou exclusão – dos índios gerou intensos debates na maioria dos Estados Nacionais latino-americanos oriundos da colonização ibérica. Os discursos e as representações, porém, irão adquirir um contorno singular na Colômbia de “La Regeneración”, quando a questão indígena irá aparecer nos discursos políticos a partir de uma ótica orientada institucional e simbolicamente pela Igreja Católica. Dentre as reflexões produzidas no período, poderíamos destacar o artigo “Conquista y colonización de América por los españoles” (1885), do futuro presidente Miguel Antonio Caro (1845-1909). Católico fervoroso e defensor da aliança regeneradora com a Santa Sé, o político abordou as virtudes colombianas que haviam sido herdadas da colonização espanhola – como o cristianismo e a bravura dos conquistadores – e atribuiu um amplo destaque ao papel dos missionários na transmissão da “civilização” aos povos nativos. Os índios são representados nesse discurso com os termos “hijos de las selvas” (p. 184), “azorado” [envergonhado] (p. 184), “errante” (p. 184), “gentiles, [...] indios, [...] salvajes, [...] naturales [...]” (p. 193-194), “desdichado” [infeliz] (p. 194), “raza vencida” (p. 195), “pueblo que caduca” [povo que desaparece] (p. 195), demonstrando sua clara visão de uma inferioridade que provinha da falta do cristianismo e da bravura herdada da colonização espanhola. Através do artigo de Miguel Antonio Caro (1885), é possível acessar a maneira como os políticos regeneradores – cujo projeto estaria oficialmente aliado com a Igreja Católica sobretudo a partir da Concordata de 1887 – abordaram a presença indígena naquele Estado Nacional que se constituía e por qual processo eles deveriam passar: um etnocídio promovido pela evangelização católica e pela retomada da herança hispânica. O presente trabalho constitui um recorte de nossa pesquisa de Doutorado em desenvolvimento cujo objetivo é estudar comparativamente os discursos textuais sobre os povos indígenas produzidos na Argentina e na Colômbia entre 1860 e 1890.

Palavras-chaves: História dos povos indígenas; História da Colômbia; História da Igreja Católica; Análise de discursos; La Regeneración.

BATALHAS DE RIMA: RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

Heitor Sena Trindade

Graduando de Licenciatura em História na Universidade Federal do Pará

Htrindade2863@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho busca abordar as Batalhas de Rima, popularmente conhecida como Duelo de Mcs, como uma manifestação cultural negra, no âmbito do Brasil pós-abolição. Além disso, será exposto como a cultura Hip Hop e as batalhas de rima são manifestações culturais afro-diaspóricas, tendo em vista aspectos linguísticos e como poetas africanos usam da sua realidade para escrever suas obras, seguindo a perspectiva de Cruz (2019) e Carvalho (2014). Ademais, o trabalho aborda os processos de Resistência e Resiliência dessa manifestação cultural, sendo a resistência se fazendo necessária frente à marginalização da cultura, à opressão por parte do aparelho estatal, em especial pelas polícias, usando os pontos de vista de Moura (2020). Outrossim, a resiliência é abordada de uma forma mais específica, com exemplos cotidianos, como um processo de reinvenção e adaptação frente a experiência traumática do

racismo. Nessa perspectiva, é abordado o processo de construção do racismo estrutural de acordo com as perspectivas usadas por Almeida (2019), onde são colocadas as mais diversas linhas que o racismo afeta, oprime e segrega a população negra brasileira, destacando a cultura como a mais afetada pelo racismo estrutural. Aprofundando dentro do trabalho os processos de resistência e resiliência, observamos como também são usados pela população negra no pós-abolição como um ambiente de lazer e sociabilidade, exemplificando a ocupação de espaços públicos e a reafirmação de corpos como fatores primordiais para o acontecimento dos processos supracitados. No campo da resistência são destacadas algumas batalhas da cidade de Belém/PA, mostrando os mais diversos artifícios usados pelas pessoas que a organizam para resistir diante da marginalização e segregação da cultura por parte do Estado e da sociedade, de acordo com a perspectiva de Batalha (2019). Nesse sentido, o rapper castanhalense Kratos vai nos relatar como ele observa as batalhas de rima para a juventude negra e relatar também a sua experiência. Outrossim, é destacado como o machismo e o patriarcado são observados no duelo de Mcs, e é nessa linha de pensamento que em entrevista com a rapper Ruth Clark podemos observar através da sua visão como mulher negra LGBTQI+, que esses preconceitos são existentes e persistentes nessa manifestação cultural. Acrescentando a isso, é mostrada a Batalha Girl Power que aconteceu em setembro de 2022, que foi marcada como forma de protesto à acusação de agressão contra o Everton MC, organizador da batalha de São Brás. Eis que aqui surge a questão “Por que que essas mulheres tiveram que criar um evento especificamente feminino para poder protestar?”, “Não há espaços para elas nas batalhas ‘tradicionais’?” Na perspectiva da resiliência, é usada como exemplo a Batalha do Caeté, que acontece na cidade de Bragança/PA, mostrando toda a história dessa batalha que parou de acontecer por um tempo e devido grandes esforços de alguns Mc’s da cidade ela voltou a funcionar no pós-pandemia da covid-19. Diante disso, em entrevista com o MC Osiris podemos observar de forma detalhada todo esse processo.

Palavras-chaves: Batalha; Resistência; Resiliência; Racismo; Hip Hop.

BRASIL BOLSONARO: O USO DE CHARGES CONTRA O ESQUECIMENTO

Kleire Anny Pires de Souza

Mestranda em História na Universidade do Estado de Santa Catarina

kkleire@gmail.com

Resumo:

A História por muito tempo se consagrou como a narração daquilo que nos chega aos olhos, apesar dessa ideia ter sido destronada com a vasta expansão da historiografia. Há ainda coisas que nos afetam como historiadores diretamente, afinal a história é feita por moradas provisórias e por demandas sociais. Assim sendo, o Brasil Bolsonaro período que se refere as eleições de 2018 até o fim do mandato do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro em 2022, é recheado de conflitos e censuras que levam a impulsão do esquecimento até mesmo o silenciamento por parte de seu governo. A partir disso, este trabalho pretende utilizar as charges e seu uso pedagógico como uma forma de enfrentar o esquecimento e o silenciamento. Utilizando-as de fonte e de suas representações para entender como seu uso pode ser ferramentas imprescindíveis a serem utilizadas contra o esquecimento das atrocidades cometidas durante o período no qual o Brasil se viu sufocado pela violência, autoritarismo e o retorno de representações fascistas. Tudo isso a partir da ótica da artista Carol Cospé Fogo e suas charges publicadas em seu perfil na rede social Instagram. Sendo assim, este trabalho se propõe a refletir como o uso das charges podem contrariar o esquecimento e o silenciamento e como seu uso pedagógico é uma importante ferramenta política e histórica de compreensão de um tempo a partir de uma narrativa.

Palavras-chaves: Charges; esquecimento; bolsonarismo

A SENSIBILIDADE SOCIAL DO JORNAL *O DOMINICAL* DURANTE OS PRIMEIROS ANOS DA DITADURA MILITAR (1964-1969)

Joel Marcos Brasil de Sousa Batista

Graduando em licenciatura plena em História (UFPI)

joelmarcosbrasil@gmail.com

Francisco de Assis de Sousa Nascimento

Doutor em História Social (UFPI)

franciscoufpi@gmail.com

Resumo:

O trabalho analisou as representações jornalísticas produzidas pelo jornal piauiense *O Dominical*, referente aos embates políticos, durante a vigência da Ditadura Militar, nos seus primeiros anos. Como objetivo específico, pretendemos identificar a relação dos posicionamentos do jornal religioso com a ação pastoral da Igreja Católica no Piauí na conjuntura do Concílio do Vaticano II (1962-1965) e a associação da Igreja no estado com o regime militar brasileiro, especialmente, na defesa do moralismo de costumes e na oposição ao comunismo. Além disso, almejamos investigar a postura do noticioso religioso em face às prisões políticas, cassações de mandatos e as denúncias de violação aos direitos humanos de opositores do regime. A metodologia do trabalho é de natureza hemerográfica, análise do discurso, qualitativa e bibliográfica. Os jornais *O Dia* e *O Dominical* foram utilizados como fontes históricas. A pergunta norteadora da pesquisa foi: qual a postura da Igreja Católica no Piauí através do jornal *O Dominical* em relação ao golpe civil-militar e como expressava suas preocupações com os problemas sociais e políticos durante o endurecimento da ditadura brasileira? A pesquisa utilizará os conceitos de representação e apropriação elaborados pelo historiador Roger Chartier (2002), os conceitos de tática e estratégias do teórico Michel de Certeau (1998), a análise do discurso defendida por Michel Foucault (1999) e trabalhará a imprensa, de acordo com a metodologia defendida pela historiadora Maria Helena Capelato (2015). A discussão historiográfica será ancorada nos seguintes pesquisadores: Araújo (2008), Carvalho (2006), Castro (2022), Delgado e Passos (2004), Ferreira e Gomes (2014), Gomes (2014), Motta (2002 e 2021), e Napolitano (2020) e Pereira (2015).

Palavras-chave: Igreja; Ditadura Militar; Imprensa; Política; Piauí.

CONTEXTUALIZANDO O SIONISMO CRISTÃO CATÓLICO NO CENÁRIO NEOCONSERVADOR BRASILEIRO: “SINAL” DE UMA NOVA CULTURA POLÍTICA EM ASCENSÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO (2016-2022)

Tiago Macedo Bezerra Maia

Doutorando em Sociologia (PPGS/UFPE), bolsista FACEPE

Licenciando em História (UAEADTec/UFRPE), pesquisador PIC/FUNDAJ

maia.tito.professor@gmail.com

Resumo:

O Sionismo caracteriza-se como uma doutrina de fundamentação religiosa que se expressa, sociocultural e politicamente, em uma intransigente e radical apologia ao Estado de Israel e na adesão e/ou anuência às suas ações, manifestas em atitudes que legitimam e/ou difundem argumentos e práticas em prol do intervencionismo e do expansionismo israelense em escalas regionais médio orientais ou globais. No século XX, com o Concílio Vaticano II (1962-1965), houve uma abertura para mudanças na cultura político-religiosa tradicional católica através de novas orientações quanto ao judaísmo e à milenar “Questão Judaica”, principalmente após a Declaração Conciliar “Nostra Aetate” (1965). Desde então, um uma perspectiva pluralista do catolicismo, é percebida uma gradual reconfiguração de identidades em alguns âmbitos desse campo religioso, impactando profundamente as relações sociais, políticas e culturais entre católicos e judeus, em crescente aproximação. Hoje, no Brasil atual, emergem “sinais” de um novo fenômeno sociopolítico: O Sionismo Cristão Católico. Observa-se esse movimento associado a uma

expansão de novas formas de articulação que surgem na “onda” neoconservadora da “nova direita” brasileira, em ascensão, especialmente, entre 2016 e 2022. Essa proposta de comunicação funda-se em pesquisa exploratória e qualitativa com uso de revisão bibliográfica sistemática, parte da primeira fase de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE). Por se tratar de um tema específico do tempo presente, um debate atualíssimo, pode ser verificada uma lacuna de estudos sobre o mesmo nas literaturas histórica, sociológica, antropológica, politológica e teológica brasileiras, o que evidencia a relevância deste trabalho.

Palavras-chaves: História das Ideias Político-Religiosas no Brasil Contemporâneo; Cultura Política; Neoconservadorismo; Relações Católico-Judaicas; Sionismo Cristão Católico.

Simpósio Temático 07

História da saúde e das doenças: saberes, práticas, instituições e sujeitos

Coordenação: Ana Karine Martins Garcia | Jonas Clevison Pereira do Melo Júnior

OS “ÍNDIOS CAMACANS” PELO OLHAR DO MÉDICO JOÃO BAPTISTA DE SÁ OLIVEIRA (BAHIA, SÉCULO XIX)

Beatriz Jesus Rocha dos Santos

Graduanda em História pela Universidade Federal da Bahia

biajesus@outlook.com

Resumo:

João Baptista de Sá Oliveira foi um médico e político baiano, preparador da cadeira de Medicina Legal e da Faculdade de Farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia, tendo atuado como deputado estadual e ao lado de médicos influentes do período, como Nina Rodrigues. Foi também sócio e membro fundador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia e da Sociedade de Medicina Legal do mesmo estado e seus estudos se concentraram, especialmente, na área da antropologia legal. O presente trabalho tem como objetivo descrever, analisar e interpretar, preliminarmente, as concepções racialistas do médico a respeito do grupo indígena Camacã, sua evolução rumo à “civilização”, doenças, e como a noção de progresso seria posta em prática para esse grupo no contexto do pós-abolição na Bahia. Para tal fim, usaremos como base o texto “Os índios Camacans – Estudos de etnologia” (1892), publicado nos anais do Terceiro Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, sediado em Salvador, em 1890.

Palavras-chaves: Camacãs. Civilização. Racismo científico. Pós-abolição. Bahia.

“OLHAI PARA AS RUAS DESTA CIDADE”: OS DISCURSOS MÉDICOS NA PRODUÇÃO DO RECIFE ENQUANTO UM ESPAÇO URBANO INSALUBRE (1831-1845)

Jonas Clevison Pereira de Melo Júnior

Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional (PGH-UFRPE)

clevisonjonas@gmail.com

Resumo:

Objetivando analisar o processo de produção do Recife enquanto um espaço urbano insalubre pelo discurso médico, este estudo lança olhares sobre o estabelecimento de uma nova ordem urbana no Brasil, o cotidiano do Recife e o papel do higienismo na produção de novos sentidos acerca dos espaços desta cidade durante a primeira metade do século XIX. Mediante a bibliografia consultada, referente às reformas urbanas vivenciadas nesta cidade ao longo do oitocentos, e a documentação histórica analisada, como relatos de viajantes, relatórios médicos, leis sanitárias e correspondências em periódicos, percebeu-se que esse processo se inseriu dentro de um projeto que buscou ordenar e higienizar os espaços públicos do Recife como forma de combater as doenças que acometiam a população. A discussão aqui apresentada, reforçando o que uma historiografia já produzida sobre as questões de saúde pública no Recife oitocentista tem apontado, considerou que se inserindo nas diferentes esferas da vida pública e privada, o higienismo se consolidou como caminho para “civilizar” o Recife.

Palavras-chaves: Higienismo, Recife, Século XIX, Urbanização.

O COTIDIANO DO LEPROSÁRIO PARACARY: CIRCULAÇÃO DE PLANTAS E SABERES NA AMAZÔNIA OITOCENTISTA

Ejhon Lucas Dias Costa
Mestrando PPHIST/UFRPE
ejhonlucas8@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste trabalho consiste em dar visibilidade entre as experiências de Francisco da Silva Castro (1815-1899), médico alopata, Inspetor de Saúde Pública, com o curandeiro Angico, morador da Comarca de Santarém, tendo como base documental os relatórios e ofícios produzidos por Silva Castro, responsável pela “Missão Paracary”, acessados na Hemeroteca Digital Brasileira. Além de mostrar a percepção médica sobre a “outra medicina”, isto é, a de formação não acadêmica, o presente estudo tem por objetivo maior desconstruir a oposição marcada ao longo da historiografia, sobretudo quando se trata do século XIX, período no qual se verifica a medicalização da sociedade. Outro aspecto a ser sublinhado consiste em repensar o lazarento como espaço de reclusão de indivíduos sãos para com os doentes, desse modo, podemos identificar os múltiplos sujeitos ali instalados bem como as redes de solidariedade por eles mantidos para assim garantir a sua sobrevivência. Sendo assim, a “Missão Paracary” ganha destaque por mostrar a interação entre sujeitos que ocupam as extremidades no universo do mundo da cura e também por ocuparem espaços socialmente distintos, porém algo os une: a utilização de plantas no tratamento de seus doentes. As experiências trocadas entre ambos nos esclarecem o quão conectados estavam esses dois mundos. Neste estudo, o foco se concentra nas conexões estabelecidas nas terapias de Silva Castro, médico responsável pelas inspeções que fez uso dos relatos orais e experimentos empíricos do curandeiro para assim comprovar os efeitos anti tóxicos da abundante planta que se encontrava ali no lazarento, mostrando, portanto, a impossibilidade de exclusão mútua entre esses dois universos distintos.

Palavras-chaves: medicina; plantas; leprosário.

TRAJETÓRIAS DE MÉDICOS EM GOIÁS NO SÉCULO XIX

Leicy Francisca da Silva

Resumo:

O principal motivo para escrita deste artigo é o fato de acreditarmos que ao nos perguntarmos quem foram os homens que adentraram o sertão goiano e ali desenvolveram a atividade médica, a resposta possa permitir enveredarmos pela história desses personagens e proceder um inventário de sua relação para com as instituições médicas da região em desenvolverem sua atividade e compreender os seus interesses pela ciência. O problema principal dessa pesquisa é: quem são os médicos que atuaram em Goiás no século XIX, como ele é socialmente percebido? Quem eram esses médicos e qual sua biografia: de onde vinham, como se formavam e que trabalhos desenvolviam? Como se estruturava o trabalho médico nessa capitania/província? Quem foram estes homens? Seus escritos foram publicados em jornais locais ou em revistas médicas de âmbito nacional. E essa publicação deu acesso a um conhecimento médico a um amplo público leigo. Esse é o objetivo deste artigo, pensar a importância científica destes médicos localmente e observar o papel desenvolvido por eles no apoio ao confronto dos problemas sociais vividos localmente. Esse trabalho indica como referência teórica a perspectiva da microhistória. Esse novo gênero nascido no período pós 1970, propõe pensar os objetos históricos microscópicos, o que permite observar elementos que passavam despercebidos das grandes narrativas da história econômica e política. Sugere observar na história social os elementos que a constituem apoiada de uma mirada a partir do local, do individual, e do concreto na experiência histórica (BURKE, 2005, p. 60 e 61). Dentro dessa perspectiva, busca perceber, por meio da trajetória e da vida de médicos no sertão goiano, parte da cultura e da realidade da região no período pontuado. Em suma, pretende constituir a experiência biográficas desses

indivíduos, fugindo, no entanto, das perspectivas triunfalistas e identificadoras de heróis, como tem sido praxe em alguns estudos. Ao contrário da vida dos grandes vultos históricos, e considerando as críticas tecidas pela *Escola dos Annales* ao gênero, a pretensão dessa pesquisa é observar a vida de homens representativos de uma época e suas relações sociais. Na busca pelos documentos que informam sobre a vida desses médicos e apontado as inter-relações estabelecidas entre esses profissionais biografados e a sociedade da qual fazem parte (AZEVEDO, 2000) compreender a história social local e o modo de vida coletivo. O procedimento metodológico, para construção da análise histórica, deu-se considerando o método indiciário, buscando perceber nos documentos mais que simples dados, mas pistas que nos informam o contexto. Em intrigante pesquisa memorialística, Jerônimo Carvalho Bueno (1979) aponta os médicos goianos e deles traça um perfil biográfico. Em sua análise, privilegiando a formação e atuação na assistência médica ao goianos desde o século XIX, ele pontua aqueles que por essas terras passaram e aqui constituíram a medicina (BUENO, 1979). É de seu livro que partimos para produção desse nosso trabalho, foi de sua obra a inspiração para retomar esses nomes, essas histórias, essas ideias e intentar a construção de um índice histórico e biográfico do trabalho dos médicos. O que distingue frontalmente nossa análise, é a busca por uma história da medicina que analisa a atuação desses médicos, observando a construção do conhecimento dentro de um quadro cultural e social na região. Nosso objetivo é abordar as relações entre o conhecimento, a prática da medicina e a administração pública, bem em acordo com a história da medicina proposta a partir dos estudos desenvolvidos posteriormente a 1970 (GAUDILLIÈRE, 2006). Em um segundo ato, as respostas foram buscadas por meio da análise e interpretação das fontes, que se compõem em grande maioria de teses e artigos dos médicos analisados, de recortes de periódicos, revistas e jornais de circulação local e nacional, bem como de documentos oficiais como o Correio Oficial de Goiás e os Relatórios dos Governos de Província. Objetivamos estabelecer a crítica à história da medicina apenas a partir do padrão de abordagem, que ressalta a construção de biografias de grandes homens e da narrativa de seus feitos; optamos pela biografia dos indivíduos no encontro com a história, onde o indivíduo e suas ações interessavam pela sua relação com o ambiente social, buscamos construir uma abordagem sobre a coletividade a partir da experiência profissional, de formação educacional, do cotidiano de determinado sujeito, revelando um época, uma corrente de pensamento e o significado do todo a partir do um (DEL PRIORE, 2009, p. 9). Nesse primeiro exercício, retomamos a vida de médicos que atuaram em Goiás no século XIX. O tema, a abordagem e o período se explicam: o século XIX foi um importante momento de fortalecimento do saber e da prática profissional da medicina, e Goiás e seus médicos não se ausentaram dessa agenda pública. Ademais, existe uma extensa lacuna a ser preenchida na produção desse conhecimento. Além de Jerônimo Carvalho Bueno, há tratando dos médicos e medicina em Goiás, os livros de Lúri Rincon Godinho (2004) e o de Maria Augusta de Sant'Anna Moraes (2012). Godinho privilegiando uma abordagem jornalística, se debruça pouco sobre os séculos XVIII e XIX. Moraes, de outro lado apresenta uma análise que perfaz o longo período do século XVIII a meados do XX, e que arquiteta um importante mapa da saúde desenvolvida (tanto no âmbito público quanto no âmbito privado). Perfazendo um exame do papel das instituições médicas edificadas na região, da trajetória e atuação dos profissionais formados nas Academias de medicina aos práticos, leigos e atores de cura populares, finalizando com a análise do processo de construção de um espaço para formação médica em Goiás: a faculdade de Medicina; nesse processo nos presenteia com um leque de informações importantes sobre os médicos que atuaram em Goiás no século XIX (Moraes, 2012). Após esse apanhado inicial, buscou-se na bibliografia outros dados que completassem o quadro, foram fundamentais as pesquisas de Monica de Paula Age e Maria Augusta de Sant'Anna Moraes. Esse primeiro ordenamento nos possibilitou constituir o quadro de profissionais e categorização pela sua origem, e datas frias, que definiam sua estadia na região. Esses nomes foram tomados como indício de sua existência e nos permitiu empreender uma enquete sobre suas trajetórias. Para além dos nomes e datas, buscamos em fontes jornalísticas, informações referentes a suas ações, interligações pessoais e institucionais, conhecimento elaborado e publicado possibilitando o mapeamento empírico do fazer dos médicos, enquanto trabalho curativo, aparição e importância social e política, percebendo-os como sujeitos, parte de uma elite intelectual, historicamente situada nos sertões goianos do oitocentos. Exercício que possibilitou que aqueles nomes ganhassem rostos e sentido histórico para uma profissão, e para sua importância

nesta região. Por isso, ao retomarmos os principais personagens desse processo estrutural, buscaremos compreender como cada um se relacionou com os temas que eram caros à história da medicina e dos médicos naquele momento. Na releitura de fontes documentais que Jerônimo Bueno apontou, perceber detalhes que talvez lhe tenha passado despercebido e daí, expandimos o olhar a partir de novas fontes que acessamos, novas memórias sobre a atuação, os intercâmbios no campo da construção do saber e relação com o espaço do sertão e seu povo. Para afinal, em consonância com a revisão da bibliografia historiográfica goiana e sobre o pensamento médico mundial estabelecer um perfil não apenas dos médicos, mas da medicina praticada em Goiás e de sua importância histórica. Por isso, ao retomarmos os principais personagens desse processo estrutural, buscaremos compreender como cada um se relacionou com os temas que eram caros à história da medicina e dos médicos naquele momento. Na releitura de fontes documentais que Jerônimo Bueno apontou, perceber detalhes que talvez lhe tenha passado despercebido e daí, expandimos o olhar a partir de novas fontes que acessamos, novas memórias sobre a atuação, os intercâmbios no campo da construção do saber e relação com o espaço do sertão e seu povo. Para afinal, em consonância com a revisão da bibliografia historiográfica goiana e sobre o pensamento médico mundial estabelecer um perfil não apenas dos médicos, mas da medicina praticada em Goiás e de sua importância histórica.

“A PUBLICAÇÃO DELE TEM POR FIM (...) EXPOR-ME À EXECRAÇÃO GERAL”: EPISÓDIOS DE CONFLITOS E A ADMINISTRAÇÃO ECLESIASTICA DA FREGUESIA DA CIDADE DE ALAGOAS EM MEIO À EPIDEMIA DE CÓLERA (1856)

Lydio Alfredo Rossiter Neto

Mestrando do Programa de Pós Graduação em História (PPGH) pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudo das Religiões (LIER).
lydio.rossiter@gmail.com

Resumo:

A presente comunicação é uma análise das fontes oficiais e correspondência da Igreja Católica – episcopado olindense e das vigarias da província de Alagoas – assim como de correspondências e artigos transmitidos através de periódicos e jornais; com objetivo de contemplar as atuações desses agentes clericais, sob a tutela do Padroado Régio, na gestão das freguesias. Em particular, este estudo pretende investigar a “denúncia” proclamada pelo Pe. Domingos José da Silva (1800-1870), publicada pelo Diário de Pernambuco em 1856, na qual o vigário da Cidade de Alagoas alegava defender-se do que considerava uma afronta a sua imagem pública, perpetrada pelo então Presidente da Província, Antônio Coelho de Sá e Albuquerque (1821-1868), ao afasta-lo da posição de Presidente da Comissão do Socorro em meio à epidemia de cólera que assolava a região, sob acusação de ingerência. Elege-se conflitos como este com intuito de averiguar de que forma eles contribuem para a compreensão das mudanças de cunho jurídico e administrativo, assim como estudar seu impacto social nas vilas e cidades em face da *moléstia*.

Palavras-Chave: Administração eclesiástica – Epidemias – Relações de Poder

O FLAGELADO É O FLAGELO? MIGRAÇÃO CEARENSE E EPIDEMIAS DE VARIÓLA EM BELÉM (1877-1915)

Júlia Rafaela Silva da Silva

mestranda em História social da Amazônia pela Universidade federal do Pará – PpHist
juliarafaelaa@gmail.com

Resumo:

Esta pesquisa pretende analisar criticamente a relação entre a migração cearense e as epidemias de varíola em Belém a partir da segunda metade do século XIX até início do século XX. O estudo objetiva relativizar o discurso das autoridades médicas e imprensa acerca do tema, procurando desvelar as razões que levaram esses sujeitos a responsabilizar os cearenses pelas epidemias de varíola. A fragilidade dessas acusações, carentes de fundamentação, é o ponto de partida para buscar compreender a relação dos migrantes cearenses com as epidemias de varíola que ocorreram na Belém da belle époque. O interesse pelo tema começou com a percepção de que há um certo consenso envolvendo os discursos produzidos sobre o assunto, verificando-se grande sintonia nas falas dos governantes, médicos e imprensa. Essa sintonia encontrou eco na produção historiográfica que abordou as epidemias de varíola em Belém da segunda metade do século XIX ao início do século XX, pois, como mostramos a seguir, a tese apresentada por Vianna (1975), no início do século XX, prosperou como abordagem da questão, tornando-se lugar comum explicar a origem das epidemias de varíola, em Belém, naquele contexto, como produto da migração cearense. O objetivo principal proposto aqui será mostrar o discurso das autoridades governamentais, dos médicos e da imprensa em relação ao assunto, buscar compreender a fundamentação deste e os possíveis questionamentos que podem ser feitos ao posicionamento destes sujeitos. O tema, desde Vianna não foi devidamente enfrentado pela historiografia, merecendo, portanto, a devida atenção e dedicação investigativa.

Palavras-chave: Migração; varíola; cearenses.

O DESINFECTORIO CENTRAL DE SÃO PAULO: SANEAMENTO URBANO NA REPÚBLICA VELHA (1890-1925)

Sergio De Simone

Centro de Memória – Instituto Butantan

Mestrando em História – Universidade Federal de São Paulo

sergio.simone@butantan.gov.br

Resumo:

O Serviço Sanitário paulista, responsável pelo primeiro Código Sanitário do estado (1894), regulamentou os serviços de saúde pública e introduziu regras urbanísticas dedicadas ao saneamento do meio ambiente urbano. Em 1896, foi criada a Diretoria do Serviço Sanitário; embora, desde 1893, a desinfecção por meio de aspersão de compostos químicos era encargo do recém-criado Serviço Geral de Desinfecções (SGD), sediado no prédio erguido no Bom Retiro: o Desinfectorio Central (DC-SGD). Sua construção foi signo emblemático do período, testemunho primordial da estruturação do atendimento à saúde. Nessa lógica, médicos, engenheiros e arquitetos idealizaram exemplar arquitetônico de programa singular que abrigou novos equipamentos - veículos de períodos diversos, em evolução tecnológica -, procedimentos técnicos e farmacêuticos que atenderam aos processos de desinfecção de objetos e ambientes. Trata-se de modelo remanente dessa concepção, e, seu caráter diferenciado, exigiu modelos singulares e ajustes das instalações e aparelhos importados à estética arquitetônica do período. Novos equipamentos e tecnologias estabeleceram inéditos parâmetros tectônicos. Operaram profundas mudanças em busca de modernidade e progresso material e científico que a sociedade paulistana almejava conquistar, naquela conjuntura de pujança econômica, resultante da expansão da cultura do café. Até a década de 1920, o SGD foi o centro das ações de combate à transmissão de moléstias. Ao final, teorias miasmáticas verificaram-se equivocadas e medidas profiláticas caíram em desuso, como as desinfecções. O período de atividade o Desinfectorio revelou resquícios práticos da convivência entre ideias em momento de transição da medicina. Em 1925, o SGD foi extinto e o prédio abrigou outros setores de saúde. Pouco conhecido, fruto do silêncio que paira sobre sua concepção, o Desinfectorio é testemunho da metrópole fascinante e ameaçadora; ao provocar o horror sob o tenebroso prenúncio da morte pela ação silenciosa da peste. Nesse contexto, causou estranhamento à população em função de introduzir aparatos inusitados na prevenção das maleitas. Ao enunciar novos programas de uso para as edificações e do espaço público, os

códigos sanitários tomaram-se aparato de controle urbano e social, em função das epidemias. Assim, o prédio do Desinfectorio foi centro do vórtice de articulação entre o conhecimento médico, o policiamento da imigração, a profilaxia da cidade e o controle das conexões que se estabeleceram entre cidades interiorizadas no território paulista.

A LEPROSA NOS PERIÓDICOS AMAZONENSES (1927-1930): UM QUADRO DO INFERNO DE DANTE

Janielly Cordeiro de Castro
Universidade Federal do Amazonas
janiellycordeirodecastro@gmail.com

Resumo:

Percebendo nos periódicos amazonenses um número recorrente de notícias sobre a lepra entre os anos de 1927 e 1930, surgiram questionamentos a respeito da repercussão da doença nos periódicos do estado do Amazonas. Diante disso, o presente trabalho propõe-se a refletir sobre os periódicos amazonenses como instrumentos de propagação de discursos das autoridades médicas sobre a lepra durante esse período. Dessa maneira, a partir da análise das falas do médico Achilles Lisboa no Jornal do Comércio (1930) e das mensagens presentes no Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (AM) do ano 1927, pretende-se discutir sobre o cenário preocupante pelo qual o Amazonas enfrentava naqueles anos com o aumento do número de casos de lepra, a necessidade do auxílio da União para conter a doença nos estados, além da busca dos doentes por outros métodos de cura, recorrendo às práticas de pajés e curandeiros.

Palavras-chaves: Lepra; periódicos; doença; saúde.

O “HOLOCAUSTO” BRASILEIRO: ENSAIO SOBRE O CONTROLE DOS CORPOS E O PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA BARBACENA, MINAS GERAIS, ENTRE 1903 E 1980

Clarisse Beatriz Nascimento Ventura
Graduada em História pela ASCES-UNITA
clarissenventura@gmail.com

Edinaldo Verissimo da Silva Junior
Graduado em História pela ASCES-UNITA
edinaldoverissimodasilva@gmail.com

Marco Luppi
Doutor em História Moderna e Contemporânea pela Università di Cagliari
luppimarco.77@gmail.com

Resumo:

A “cidade das rosas”, como era conhecida Barbacena, no estado de Minas Gerais, viria a tornar-se a “cidade dos loucos” após a construção do Hospital Colônia em 1903, unidade de tratamento psiquiátrico que abrigou, por quase um século, pacientes com doenças mentais, bem como, os “indesejáveis” da sociedade brasileira. Na década de 80, a unidade foi alvo do movimento antimanicomial devido às denúncias de torturas e mortes diárias devido ao tratamento desumano. Esta pesquisa objetiva compreender, através da análise histórica e documental, de que modo, o controle dos corpos e o processo de desumanização, aplicados como tratamento psiquiátrico no Hospital Colônia, foram utilizadas para uma “higiene social”, reforçando uma possível aplicação da teoria eugenista. Utilizaremos como métodos de pesquisa a revisão bibliográfica, os depoimentos presentes na obra “Holocausto Brasileiro” de Daniela Arbex (2013), assim como nos valem das concepções de loucura e manicômios ao longo da história do filósofo Michel Foucault (2009; 2010), e os estudos sobre a luta antimanicomial do psiquiatra Franco Basaglia (1981). Como materiais para coleta de dados faremos uso de produções filmográficas e produções jornalísticas sobre o Hospital Colônia presentes em periódicos da época disponíveis em acervos digitais. Tendo em vista o caráter autoritário e segregatório acerca dos tratamentos psiquiátricos

dos manicômios, discutido anteriormente através dos estudos de Basaglia, é possível observar que as instalações médicas utilizavam mecanismos de disciplina para a efetivação do desenvolvimento da institucionalização. Estes procedimentos eram utilizados para regressar à uma “normalidade” então conhecida pela sociedade como condutas aceitáveis para o ser, desta forma, os manicômios julgavam os pacientes como seres em desacordo com a moralidade. Ao analisar a matéria “Hospício de Barbacena: Sucursal do Inferno” presente na revista O Cruzeiro (1961), observamos que o Hospital Colônia, ao seguir com tratamentos de critério médico questionável, desde castigos corporais, à eletrochoques para conter a “desobediência”, intitulando Barbacena como a “cidade dos horrores”. Por trata-se de uma pesquisa em andamento, os resultados são inconclusivos, entretanto, podemos perceber que os tratamentos oferecidos pelo Hospital Colônia são mecanismos para manter-se uma ordem social, exercendo relações de poder, docilizando os corpos expostos, demonstrando a coerção política dentro de uma perspectiva eugenista e dilatória de uma qualificação humanizada das doenças, de acordo com uma sensibilidade que começava a existir em outros Países e sociedades.

Palavras-chave: Hospital Colônia; Barbacena; Movimento Antimanicomial; História cultural; Eugênia.

PERSPECTIVAS ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS SOBRE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS A PARTIR DO RELATO DISCENTE DA PUCRS

Luísa Borgmann de Oliveira
Graduada em História pela PUCRS
luisa.borgmann@edu.pucrs.br

Resumo:

O presente trabalho é fruto do “Documentando a Experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul”, projeto interinstitucional iniciado pela UFRGS e pelo APERS, com parceria de outras instituições, dentre elas a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Com o objetivo geral de registrar as diferentes formas pelas quais a pandemia afetou a população do estado, procurou observar as particularidades do cotidiano de categorias específicas, promovendo o recolhimento e a difusão de registros produzidos durante o período pandêmico. No caso da PUCRS, o corpo discente da graduação foi escolhido como público alvo, com o foco de documentar por meio dos relatos orais as formas como a pandemia têm afetado os alunos da universidade, além de construir um acervo que colabore com estudos futuros sobre a experiência do coronavírus. Inicialmente, buscou identificar como se deu a adaptação dos estudantes ao Ensino Remoto e registrar a experiência do isolamento social, com uma primeira fase de pesquisa realizada entre 2020 e 2021. Para dar continuidade à observação deste cenário, foi ampliado para uma segunda fase, voltada para o resultado da vacinação e da volta da presencialidade, em andamento durante 2022. Os relatos individuais permitiram a análise da realidade coletiva por um viés subjetivo, colocando em pauta a dimensão do tempo presente, e servem para a reflexão sobre qual memória está sendo construída sobre o coronavírus. As subjetividades que marcam o período são fatores determinantes para a construção de memórias sobre a Covid-19, como a situação econômica, se teve familiares ou conhecidos vítimas do vírus, a posição frente a vacina e a doença. Assim, compreender as formas que os alunos passaram por essa experiência foi considerado de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa e para integrar o arquivo de registros sobre o evento histórico que se presencia. Deste modo, o objetivo deste trabalho será analisar quais as memórias que estão sendo construídas acerca da Covid-19 a partir do relato dos estudantes, compreendendo as mudanças entre as duas fases de pesquisa.

Palavras-chaves: Covid-19; História Oral; História do Tempo Presente; relato; estudantes.

Simpósio Temático 10

Gênero, Literatura e História

Coordenação: Maria Clara Martins Cavalcanti

FRANKENSTEIN OU O PROMETEU MODERNO, DE MARY SHELLEY E PROMETEU DESACORRENTADO DE PERCY SHELLEY E SEUS USOS DO PASSADO. RECEPÇÃO DE MITOS GREGOS ANTIGOS NA INGLATERRA OITOCENTISTA

Luana da Silva de Souza

Doutoranda pelo PPGH/UFSM – Bolsista CAPES-DS

TheLuana2010@gmail.com

Resumo:

Ao dissertar nossos objetivos, apontamos que o estudo aqui apresentado se insere no âmbito de investigações sobre os usos do passado clássico, e desta forma preocupamo-nos em compreender em que medida as criações literárias feitas por escritores oitocentistas Ingleses, mais especificamente Mary Shelley e Percy Shelley, contribuíram para reforçar os usos de mitos gregos, sendo este o mito de Prometeu, e como a condição de ambos, mais especificamente Mary enquanto mulher em seu tempo histórico teve influência na representação do mito em sua obra de acordo com as suas experiências. Neste momento inicial de pesquisa, temos mais perguntas do que respostas, porém temos como hipótese que Frankenstein faz uma releitura do mito de Prometeu a partir de elementos da autora enquanto uma mulher em seu contexto específico. Pensamos que seja possível que a criatura Frankenstein, simbolizando a humanidade do mito grego, seria uma espécie de metáfora de realidade feminina da época. Uma vez que no mito de Prometeu, Zeus se nega a beneficiar a humanidade, necessitando da interferência do Titã, acreditamos que talvez Mary Shelley esteja dialogando com a condição feminina de não receber o mesmo suporte educacional, bem como os direitos que os homens recebiam no contexto do início do século XIX. Assim, a criatura Frankenstein, abandonada pelo seu criador, simbolizaria o feminino desamparado pelo Estado, tendo menores condições de educação. Portanto, apontamos para a possibilidade de Frankenstein ter uma influência direta da obra *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), da mãe da autora.

Referências:

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Trad. J. B. Melo e Souza. S.P.: Martin Claret, 2004.

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou O Prometeu Moderno*. Tradução Christian Schwartz. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

SHELLEY, P. B. *The Complete Poetical Works of Percy Bysshe Shelley*. Oxford edition: Including materials never before printed in any edition of the poems; Edited with textual notes by Thomas Hutchinson, M. A. Editor of the Oxford Wordsworth, 1914.

WOLLSTONECRAFT, Mary Godwin. *A vindication of the rights of woman*. Disponível em: <oll.libertyfund.org/title/2513>. Acesso em: 10/09/2020.

Palavras-chaves: Literatura, Mitos Gregos, Prometeu, Mary Shelley, Percy Shelly.

MULHERES NEGRAS, SENSIBILIDADES E REPRESENTAÇÕES NA OBRA OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Francisca Cibele da Silva Gomes

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí

Cs6445758@gmail.com

Resumo:

A presente pesquisa possui como objeto de estudo as representações e as sensibilidades das personagens negras que protagonizaram os contos da obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo. Nessa conjuntura, ressalta-se os problemas sociais, violência, exclusão e marginalização impostos as mulheres que constituíram os enredos e fizeram da suas vozes manifestações de repúdio e denúncia as suas

condições de vida e sobrevivência. Para tanto, tem-se como objetivo geral analisar as expressões identitárias do público feminino negro na literatura contista de Evaristo. Os objetivos específicos foram destacar os contextos de formação dos discursos das protagonistas e especificar suas expressões de revolta e contestação imprimida no protagonismo afro-brasileiro. A metodologia baseou em um estudo bibliográfico de cunho qualitativo a partir das teorias expressas pelos autores Kilomba (2019), Castro (2021), Souza (2021), Ribeiro (2021), entre outros teóricos que abordaram o feminino negro e o lugar de fala das mulheres negras, para a análise das produções contistas, especialmente os papéis femininos e dos problemas raciais e sexistas que fizeram parte dos seus enredos. Em termos de resultados, a subjetividade empreendida nas obras literárias transformaram os seus contextos de suplício em vozes de denúncia e representatividade de mulheres que transpassaram o espaço fictício para a realidade ao trazer para si e para seus papéis os problemas sociais dos âmbitos periféricos da sociedade brasileira que afligem as mulheres, em relevo a violência racial, marginalização e o sexismo.

Palavras-chaves: Brasil; Conceição Evaristo; Mulheres Negras; Representatividade; Sensibilidades

LITERATURA AMERÍNDIA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE MULHERES ORIGINÁRIAS

Bianca Costa de Matos

Graduanda pela UERJ

biancacostadematos00@gmail.com

Resumo:

Com este trabalho, apontamos a respeito da produção literária ameríndia, que se destaca a partir da década de 1980, com olhar especial para a autoria de mulheres originárias. Evidenciamos a escrita de Aline Rochedo Pachamama e de Eliane Potiguara, compreendendo que suas narrativas dizem respeito não apenas a suas respectivas etnias, mas fazem parte de reivindicações na história nacional. Criando possibilidades a partir de lutas sociais, políticas e educacionais.

Palavras-chaves: ameríndios; decolonial; gênero; intercultural; mulheres.

A LITERATURA NA RECLUSÃO: ATO DE LER E ESCREVER PELAS MULHERES BURGUESAS DO SÉCULO XVIII EM LONDRES

Indaiá Demarchi Klein

Mestre em Educação pela UFSC

indaia.klein@yahoo.com.br

Resumo:

Durante o século XVIII, após a Revolução Industrial, as mulheres tiveram que adequar-se às suas classes sociais, de acordo com suas aquisições e vinculações familiares, definindo assim como as mesmas usariam seu tempo, dentro desse arranjo. Segundo a historiadora feminista Michelle Perrot, a mulher aristocrata tinha seu tempo dividido entre funções sociais – jantares, encontros, diplomacia – e estudos – latim, grego, equitação, música. Já a mulher operária, possuía tempo, consideradamente, escasso para o entretenimento ou atividade alternativa (a qual não passasse de novo pela conotação de trabalho, pois como sabemos as operárias também criavam seus filhos e realizavam os afazeres domésticos), uma vez que, atreladas a uma carga horária de 18 horas diárias de labor, não lhes era permitido ter tempo ocioso. Entre essas duas classes, surgia a mulher burguesa, que deveria manter-se dentro de um “ideal”, já que esta era vista como alguém que não trabalhava (tão exaustivamente), e que por não possuir dinheiro nem nobreza, para empenhar-se nos compromissos da aristocracia, dispunha de um tempo o qual deveria ser utilizado para “aprender” a ser uma boa esposa. Assim, entre a realização dessas tarefas domésticas, e a ausência de um trabalho fabril, sobrava tempo a essas mulheres para se aprofundar em leituras e posteriormente, para algumas mais audaciosas, à escrita. A grande importância dessas romancistas se fez

a partir de como cada uma, ao seu modo, utilizou-se desse veículo para criticar e denunciar a situação da mulher subjugada e à mercê de figuras masculinas (muitas vezes retratadas nas *novels* como os vilões maquiavélicos e sem escrúpulos), que detinham o poder de controlar as suas vidas, mas cujas protagonistas femininas eram providas de personalidade e sentimentos fortes. Segundo Sandra Vasconcelos a crescente presença feminina no cenário literário, veio em reflexo do crescente público leitor feminino, fenômeno possibilitado também pelas bibliotecas circulantes (com sua primeira datação em Londres, no ano de 1760), as quais consistiam no aluguel de livros, por um preço mais barato que a aquisição do mesmo, criando uma lógica de mercado, onde os livros eram tidos como produtos, produzidos em escalas nas prensas e com uma vastidão de títulos para suprir o público leitor. Havendo influência, majoritariamente, da editora Minerva Press, que publicava títulos que visavam esse público leitor em específico, o que viria a ser considerado nos livros publicados por essa editora, como “para mulheres”, não sendo creditados com seriedade pela comunidade literária e podendo estar dentro das casas burguesas sem suscitar qualquer suspeita acerca do seu conteúdo, de críticas sociais e morais daquela sociedade, a partir da escrita feminina.

À PROVA DE FOGO, REFLEXÕES ACERCA DA DRAMATURGIA DE CONSUELO DE CASTRO

Narla Liandra Pastora Vieira

Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT

liandra.pastora@gmail.com

Cássia Ferreira Miranda

Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA

cassiamiranda@unipampa.edu.br

Resumo:

Esta pesquisa é um desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso que propõe a análise da obra teatral intitulada *À Prova de Fogo*, de Consuelo de Castro, no qual busca-se compreender a trajetória da peça no período histórico em que foi escrita - a Ditadura Militar no Brasil - e a atuação da autora no período destacando a importância da sua obra como forma de luta e resistência à repressão. Consuelo de Castro nasceu em Minas Gerais, mas viveu a maior parte de sua vida em São Paulo, onde se destacou como dramaturga. Estudou Ciências Sociais no prédio de filosofia da USP, mas não teve condições de se formar. Durante o período que esteve na Universidade, ela participou do movimento estudantil, trazendo as pautas de discussões do movimento para sua primeira peça que chegou ao conhecimento do público. Escrita em 1968, *À Prova de Fogo* apresenta uma ocupação do prédio de uma faculdade realizada pelos estudantes com o intuito de resistir às repressões impostas pelo cenário político no sensível período que antecede o recrudescimento das medidas repressivas no País. Mesmo sendo premiada pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), a peça foi censurada e a sua montagem foi proibida em todo o território brasileiro pela Polícia Federal a partir de seu órgão responsável pela censura, o Departamento de Censura e Diversões Públicas (DCDP). A obra traz diversos conflitos entre os jovens universitários, abordando divergências ideológicas, políticas, conflitos individuais e interpessoais que são evidenciados e se desenvolvem ao longo da trama até o clímax, no qual ocorre a entrada da polícia no prédio ocupado e o confronto entre ela e os estudantes. Para a análise da obra, utiliza-se a História Cultural como aporte teórico-metodológico. Nesse contexto, a literatura e a dramaturgia se tornam objetos importantes para a compreensão dos diferentes períodos históricos nos quais foram escritos. Portanto, o texto teatral de Consuelo de Castro estará sob análise enquanto fonte histórica permeada por representações do período em que foi criado. Abordar o olhar das mulheres acerca de sua sociedade dentro de um determinado período histórico, observando as personagens que elas criam e as histórias que julgam importantes contar, revela muito sobre as trajetórias das mulheres, suas opressões e suas práticas de resistência.

Palavras-chaves: Ditadura Militar. Teatro Brasileiro. Dramaturgia.

HUMOR E ACONTECIMENTO: AS CONTRAFETUAÇÕES DO PERSONAGEM GAY GIANLUCA NA SÉRIE “TUDO PEDE SALVAÇÃO”

Weberson Ferreira Dias

Doutorando em Comunicação pela UFG

webersondias@gmail.com

Suely Henrique de Aquino Gomes

Docente do PPGCOM/UFG

suelyhenriquegomes@gmail.com

Deyvisson Pereira da Costa

Docente do ECCO/UFMT

deyvissonpereiracosta@gmail.com

Resumo:

Empreendemos neste artigo uma visão teórica deleuziana, que coloca o humor nos trilhos do acontecimento e o observa como uma contraefetuação nas lógicas do sentido, iniciadas por Deleuze (1974). Em Deleuze, o humor é parte do acontecimento e dele o indivíduo pode fruir no sentido de gerir uma potência alegre, capaz de fazê-lo encontrar em si um campo de forças que o move para o que o autor denomina como “devir”. O humor é uma dimensão humana singular, um modo de existir, que busca uma direção crítica destrutiva, um desmoronamento do social. Se em Deleuze (1974), toda vida constitui-se um processo de demolição, precisamos encontrar nas fissuras algo de positivo. Assim, nossa função é aproveitar a tristeza em favor da alegria e o humor é uma ferramenta que pode conduzir a tristeza ao riso. A contraefetuação está em encontrar o sentido alegre da tristeza. A paixão triste deve ser transmutada; precisamos usar a tristeza, aproveitá-la como presente ou dom (FUGANTI, 2022). Assim, interessa-nos no artigo o conceito de “ideias-noções”, que resultam de variações afetivas e desenvolvem em nós a potência de agir. Tais ideias, segundo Deleuze (1978), são oriundas do afeto alegre, que, como trampolins, nos fazem saltar, algumas vezes ter sucesso e, como consequência dele, nos torna inteligentes. Pela ótica deleuziana, o humor se aproxima de uma visão libertária de si. No intuito de tirarmos as ideias encampadas por Deleuze de uma suposta abstração, observamos que é esse salto que demonstra fazer o personagem Gianluca, de “Tudo Pede Salvação” (2022), série italiana de drama e comédia original, distribuída no Brasil pela plataforma de *streaming* Netflix¹. Embora a história central gire em torno de Daniele (Federico Cesari), nosso olhar se volta para o paciente Gianluca, homossexual vivido pelo ator Vincenzo Crea, na série um jovem de 25 anos, afeminado e delicado. Seu pai, general do exército, não aceita a condição sexual do filho. Nas cenas em que surge, o pai demonstra ter vergonha dele e sempre que pode, protela a alta e a volta de Gianluca pra casa. Objetivamos realizar uma análise cartográfica do personagem Gianluca, observando suas contraefetuações no hospital que surgem a partir dos usos do humor. Demonstraremos a contraefetuação a partir de duas cenas da série. A primeira refere-se à chegada do pai na ala psiquiátrica, quando rebaixa o filho e joga o saco de roupas deste no lixo. Já a segunda, mostra a despedida de Gianluca do hospital. Pode-se concluir que fica evidente, nos *takes*, a contraefetuação de Gianluca diante da não-aceitação do seu núcleo familiar e como consegue positivar sua estadia no hospital, demonstrando a visão libertária defendida por Deleuze.

Palavras-chaves: Humor; Acontecimento; Deleuze; Contraefetuação; Gay.

PODER E AUTORIDADE FEMININA NA ÁSIA SEISCENTISTA: AS MADRES FUNDADORAS DO CONVENTO DE SANTA CLARA DE MACAU ENTRE O TEMPORAL E O ESPIRITUAL

Igor Santiago
Mestrando em História Social – PPGH/UFBA
Bolsista Capes
santiagoigorct@gmail.com

Resumo:

Entre o fim de 1633 e início de 1634, foi fundado na Cidade do Nome de Deus na China o segundo mosteiro feminino implantado no âmbito do Império Português moderno. O Convento de Santa Clara de Macau marcava, assim, uma nova fase na vida cotidiana das mulheres daquela cidade. Tornou-se, ainda em seus primeiros meses, um espaço em que diversas senhoras honradas e oriundas de famílias abastadas puderam se recolher e viver uma vida dedicada ao divino Esposo. As fundadoras deste cenóbio, vindas de uma casa feminina da mesma Ordem erigida na cidade de Manila, nas Filipinas, carregavam consigo alguns ideais que remontam a chegada delas na Ásia. Eram, em sua maioria, nascidas na Espanha e pertenciam a um ramo espiritual que dizia buscar uma vida mais próxima aos ensinamentos dos fundadores do seu instituo – São Francisco e Santa Clara. Fundaram a casa em Macau seguindo os princípios reformados de sua Ordem, deixando em evidência alguns agenciamentos e manobras políticas que demonstram seus perfis e seus desejos. Nossa proposta reside na análise desse processo de fundação conventual feminina e nas formas pelas quais as fundadoras agiram para conseguir prerrogativas e assegurar benefícios em prol do bem estar e da segurança de sua comunidade. Partindo de uma documentação administrativa da cidade de Macau, em que são expostas as negociações entre as religiosas e as autoridades civis para a fundação e manutenção do mosteiro, além das biografias devotas escritas sobre essas mulheres ao longo do século XVII, pretendemos compreender em que medida a construção conventual foi sendo adaptada à realidade social da cidade, além de identificar quais foram os argumentos e as táticas lançadas por essas mulheres na constituição de um espaço feminino de autoridade e autonomia frente ao mundo masculinizado do catolicismo.

Palavras-chaves: autoridade feminina, administração conventual, Ordem de Santa Clara, Macau, império português.

Simpósio Temático 11

História oral e sujeitos subalternizados: narrativas, gênero e cosmopercepções

Coordenação: Emanuel da Silva Oliveira | Alexandre Gomes Teixeira Vieira

MULHERES E A RESISTÊNCIA CONTRA A DITADURA MILITAR

Nicole Maria Babugia Pinto
Mestranda pela UEM
nicolebabugia@gmail.com

Resumo:

Por muito tempo as mulheres fizeram parte dos sujeitos excluídos pela História, somente com novas discussões, e também a mobilização de lutas em favor dos direitos e do empoderamento feminino, que elas passaram a ser estudadas pelas/os das/os historiadores/as. Em especial, quando se trata do período da ditadura militar brasileira (1964-1985), os primeiros escritos ficaram restritos à atuação masculina. O pioneirismo feminino coube ao livro *Memórias de mulheres no exílio* (1980), organizado por Albertina de Oliveira Costa, que trouxe uma série de entrevistas com mulheres exiladas em decorrência da ditadura. Entre o final do século XX e início do século XXI, outras pesquisas se aprofundaram no estudo de mulheres atuantes na resistência à ditadura, nelas se tornou evidente que existiram diferentes formas de atuação: militantes de organizações armadas, que pegaram em armas e enfrentaram as normas estabelecidas, taxadas de putas comunistas, militantes de organizações de esquerda que também ousaram sair da área privada para a qual elas eram destinadas, e ainda existiram mulheres que, por conta de suas relações pessoais, foram envolvidas na luta de resistência e acabaram internalizando essa luta para si. Essas últimas eram invisíveis como sujeitos políticos, mas isso não quer dizer que não tiveram um papel de luta e também que não sofreram violência por parte dos agentes do Estado. Tal foi a especificidade da violência contra as mulheres, que a Comissão Nacional da Verdade, instituída por meio da lei nº 12.528/2011, designou um Grupo de Trabalho destinado a estudar a violência de gênero que atingiu mulheres e homens de forma diferente, baseadas nas construções de feminilidade e masculinidade consolidadas na sociedade. O grupo concluiu, por meio da análise de relatos orais coletados entre 2012 e 2014, que a violência não foi abrandada por serem tidas como o “sexo frágil”, e que inclusive as sevícias buscavam atingir seus corpos e sua integridade no que era tido como feminino, como os seios, vagina, útero e como mães, esposas e companheiras. Nesse sentido, cabe ressaltar que elas não ficaram passivas frente a violência que incidiam sobre seus corpos e no de seus companheiros, resistiam com armas, enfrentando, desafiando e resistindo na tortura, além de outro tipo de resistência que passou despercebida, as das mulheres que atuaram por meio dos “caminhos do coração”. Por serem tidas como sujeitos políticos invisíveis, elas conseguiram ajudar de forma que nem mesmo a repressão tomou ciência. Mães, filhas, esposas, passavam recados escondidos nas visitas às prisões, faziam “cafezinho” para dobrar os agentes que invadiam as suas casas, mesmo se utilizaram da paquera, que os agentes tentavam, para conseguir favores e visitas aos seus familiares. Conscientemente ou não, elas se utilizaram da imagem de mulher construída e enganaram a repressão a partir da única arma que tinham, seus corpos, insuspeitos porque femininos. Dessa forma, as mulheres atuaram na resistência, mesmo partindo da própria construção de feminino existente, atuação que se mostrou, em grande medida, através dos relatos orais das mesmas.

Palavras-chaves: Mulheres; ditadura; resistência; Comissão Nacional da Verdade; relatos orais.

GÊNERO, MEMÓRIA E ORGANIZAÇÃO POPULAR: O GRUPO MULHER MARAVILHA DE NOVA DESCOBERTA/RECIFE

Caroliny dos Santos Marinho
Mestranda em História pela UFRPE
caroliny.marinho@ufrpe.br

Resumo:

O Grupo Mulher Maravilha, situado no bairro de Nova Descoberta, Recife-PE, foi fundado oficialmente em 1975 por mulheres que não se conformaram com a situação de opressão que viviam diariamente, uma realidade que, naquele contexto de Ditadura, refletia de forma mais acentuada sobre todo o povo

brasileiro. Dessa maneira, o seguinte trabalho tem o objetivo de compreender a mobilização e a articulação de mulheres em Nova Descoberta/Recife. Assim, destacam-se dois atores externos que nortearam a criação e as ações do Grupo, a Igreja Católica e as organizações clandestinas. A pedagogia educacional de Paulo Freire também foi uma importante ferramenta para processo de ensino-aprendizagem e de construção coletiva do conhecimento desenvolvidos pelos trabalhos do GMM. Destarte, é relevante ressaltar o Mulher Maravilha enquanto memória coletiva, pois muitas ações, mobilizações e encontros do Grupo envolveram mulheres e homens que moravam em Nova Descoberta e nos bairros vizinhos que vivenciavam questões ligadas a Ditadura civil-militar e a busca pela redemocratização enquanto grupos sociais e comunidades afetivas. Nesse aspecto, o uso da História Oral privilegia o estudo de memórias subalternas e seus procedimentos auxiliam na compreensão dos sujeitos e sujeitas dessa pesquisa em relação ao contexto social e político estudado. Assim, é importante analisar o Grupo Mulher Maravilha enquanto um lugar de memória. Dessa forma, essa pesquisa se ancora em debates desenvolvidos pela historiografia sobre movimentos sociais, movimentos periféricos urbanos, estudos de gênero, movimentos feministas e História oral. Do ponto de vista teórico-metodológico, essa pesquisa se apoia em debates levantados por pesquisadoras como Joana Maria Pedro, Rachel Soihet, Rebecca Tarlau e Maria da Glória Gohn. Dessa forma, para atender a proposta investigativa, essa pesquisa fez uso da abordagem qualitativa utilizando fontes orais, provenientes de entrevistas semiestruturadas com mulheres do Grupo, além da pesquisa documental, sustentada pelos materiais encontrados no acervo físico do GMM. Sendo assim, essa pesquisa evidencia a participação das mulheres do bairro de Nova Descoberta como atrizes de articulações sociais que buscavam o fim da Ditadura civil-militar, a redemocratização do país e a garantia de direitos civis, sociais e políticos para as mulheres.

Palavras-chaves: Grupo Mulher Maravilha; Nova Descoberta/Recife; História Oral; Memória; Resistência Feminina.

TRABALHADORES RURAIS E MORADIA EM FAZENDAS NO AGRESTE PERNAMBUCANO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DURANTE A DITADURA MILITAR 1964-1985

Emilly Mayara Pereira da Silva

Graduanda em História pela UPE

emilly.mayara@upe.br

Emanuel da Silva Oliveira

Doutorando em História pelo PGH-UFRPE

emanuelhistoria2012@gmail.com

Resumo:

Este projeto está sendo desenvolvido a fim de conclusão de curso na UPE, Universidade de Pernambuco, Garanhuns-PE, tem como objetivo compreender a relação de poder entre moradores de fazendas e fazendeiros, o campo de pesquisa e acervo de fontes orais trata-se da zona rural do município de Caetés-PE e seu entorno. Assim, analisa-se como se dava o conflito de dominação e violência (simbólica e física) entre moradores de fazenda e fazendeiros na zona rural do município de Caetés-PE, utilizando-se de memórias da oralidade de 1964-1985 no contexto histórico da ditadura militar no Brasil tendo seu desenvolvimento baseado em fontes orais, utilizando a metodologia da história oral como principal base para a compreensão desse fenômeno. Para isso, analisaremos a conjuntura social e histórica brasileira que gerou a desigualdade de poder sobre a terra, contextualizando com a influência da ditadura militar no impedimento do direito a terra e alicerces centralizador do poder de programas governamentais nas mãos dos fazendeiros, ao exemplo as barragens nas terras dessas oligarquias permanecendo as comunidades como dependentes destes. Descrevendo quem são os moradores de fazendas, seus cotidianos e conflitos e submissões com os fazendeiros. E interpretando a vivência dos moradores de fazendas nas memórias dos trabalhadores entrevistados. Para tanto, será necessário partirmos do paradigma qualitativo interpretativo hermenêutico de leitura das fontes, com um arcabouço teórico que envolve História cultural, de modo geral com as teorias de Práticas e Representações e a epistemologia da História cultural suas

práticas e relações de trabalho na campal. O estudo acadêmico se faz necessária para que se possibilite compreender as maneiras de violências e dominação dentro das relações de trabalho, sobre influência do final da ditadura Militar no Brasil, o resultado da pesquisa irá contribuir para a compreensão da atualidade, como o crescimento da pobreza acabou contribuindo fortemente com o aumento da mão de obra, trabalho que muitas vezes é mal remunerado, se assemelhando a uma nova forma de “escravidão/exploração contemporânea”. A pesquisa busca analisar a conjuntura social e histórica brasileira que gerou a desigualdade de poder sobre a terra, contextualizando com a influência da ditadura militar no impedimento do direito a terra e alicerce centralizador do poder de programas governamentais nas mãos dos fazendeiros, ao exemplo as barragens nas terras dessas oligarquias permanecendo as comunidades como dependentes destes. Buscando descrever quem são os moradores de fazendas, seus cotidianos e conflitos e submissões com os fazendeiros, a fim de interpretar a vivência dos moradores de fazendas nas memórias dos trabalhadores entrevistados.

Palavras-chaves: Trabalhador rural, Ditadura Militar, História Oral.

MILITARES X MILITARES: A MEMÓRIA SOBRE O APARATO REPRESSIVO INTERNO

Rodrigo Musto Flores

Doutorando em história pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

rodrigomustoflores89@gmail.com

Resumo:

Segundo as estimativas levantadas pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), a partir de pesquisas realizadas pelo grupo de trabalho “perseguições a militares”, cerca de 6,5 mil militares foram alvos de perseguições pela ditadura, o que caracteriza este grupo como um dos que, proporcionalmente, foram mais atingidos pelos atos institucionais. As estimativas da CNV corroboram os relatórios do projeto “Brasil: nunca mais”, um dos primeiros esforços de recuperação de uma memória sobre as perseguições políticas ocorridas durante os “anos de chumbo”. Segundo o relatório, “o rompimento da ordem estabelecida (com o golpe de 1964) marca também o êxito de uma cirurgia executada pelos generais de abril, para eliminar qualquer foco de oposição dentro do meio militar” (ARNS, 1985, p. 119). Esses dados invalidam, portanto, uma narrativa de memória que determina um comportamento monolítico, coeso e homogêneo no interior das Instituições Militares às vésperas e, posteriormente, ao golpe civil-militar de 1964. O principal objetivo deste texto é desenvolver alguns apontamentos relacionados à problemática dos militares atingidos pelos atos institucionais durante a ditadura militar brasileira, recuperando, mesmo que brevemente, as trajetórias esquecidas e silenciadas destes personagens, bem como alguns dos aspectos de formação deste grupo e suas motivações. Dessa forma, enquanto pontos de vista acerca de uma memória coletiva, a recuperação destas narrativas se apresenta como um desafio, dado o potencial traumático destas memórias e a luta por direitos e reparações, em vista das perseguições e punições sofridas. Nesse sentido, cabe destacar que as principais fontes utilizadas neste ensaio fazem parte de um esforço de pesquisa conduzido pela equipe do Memorial da Resistência de São Paulo, colhidos entre os anos de 2013 e 2014 e pelo grupo de trabalho “perseguições a militares” da Comissão Nacional da Verdade (CNV). O esforço de pesquisa, a qual essa apresentação pertence, ainda está em desenvolvimento, e objetiva entender a construção de uma narrativa de memória sobre a ditadura militar, da qual os militares cassados são agentes, buscando aprofundar o conhecimento sobre os diversos grupos atingidos pela ditadura, ampliando consideravelmente os campos de investigação.

Palavras-chaves: Militares Cassados; Ditadura Militar; História Oral.

A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NA POLÍTICA INSTITUCIONAL DE CARANGOLA

Stefany Reis Marquioli
Mestranda pela UNIMONTES
stefanymarquioli@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho apresenta dados da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História, em nível de Mestrado, da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, que visa analisar a representatividade das mulheres no Poder Legislativo municipal de Carangola, Minas Gerais. Para tanto, o recorte selecionado foi o período de 1992 a 2020, uma vez que em 1992 foi eleita a primeira mulher para atuar no Legislativo municipal e, em 2020, findou o mandato da última vereadora. Este estudo foi desenvolvido tendo como metodologia a história oral e, dessa forma, houve a realização de entrevistas com as ex-vereadoras, a fim de compreender as suas experiências no meio político. Ao analisar os relatos das colaboradoras, foi possível observar a violência política contra as mulheres, além de menções associadas a uma perspectiva da necessidade de uma mudança cultural quanto à atuação feminina nos espaços de poder e decisão.

Palavras-chaves: Eleições; História oral; Mulheres; Poder Legislativo; Violência política.

HISTÓRIA ORAL, INTERSECCIONALIDADE E DIREITOS: A HISTÓRIA ORAL COMO FONTE PARA PENSARMOS AS RESISTÊNCIAS COMUNITÁRIAS DAS MULHERES DO QUILOMBO CRUZ DA MENINA, EM DONA INÊS/PB

Fernanda de Araújo Oliveira
Mestranda (PGH- UFRPE)
afernanda791@gmail.com

Resumo:

A História oral tem se demonstrado como uma importante fonte, sobretudo, nos estudos do tempo presente. No âmbito das pesquisas realizadas nas comunidades quilombolas, a História Oral é fundamental no processo de análise, pois é por meio da tradição oral que é repassada a História do grupo. Para além dessas importantes contribuições, à História Oral, particularmente a Testemunhal, que possui cunho político segundo José Carlos Meihy e Leandro Seawright (2021), pode contribuir para uma denúncia das violências interseccionais nas trajetórias das mulheres, neste estudo iremos nos ater ao caso das mulheres do território de Cruz da Menina, localizado na zona rural do município de Dona Inês, na Paraíba, bem como da negação de seus direitos institucionais, como a titulação dos territórios. Tendo em vista que, no momento presente, ser quilombola significa serem sujeitos e sujeitas de direitos estabelecidos mediante as lutas dos movimentos negros a partir da década de 1980 no Brasil. No entanto, esses direitos são geridos por uma governamentalidade racista, conforme aponta Mariléa de Almeida (2018), que governa as comunidades quilombolas contemporâneas e se expressa especialmente na morosidade do Estado em confirmar os títulos coletivos das terras ocupadas às diversas gerações.

Palavras-chaves: História Oral; Comunidades Quilombolas; Mulheres Quilombolas; Direitos Quilombolas; Interseccionalidades.

HISTORIOGRAFIA, GÊNERO E CONTOS DE FADAS: FERRAMENTAS PARA INTERPRETAR CONTOS (HISTÓRIAS) DE TRANCOSO

Emanuel da Silva Oliveira

Doutorando em História pelo PGH-UFRPE

emanuelhistoria2012@gmail.com

Emilly Mayara Pereira da Silva Oliveira

Graduação em História pela UPE

emillympdasilva@gmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como intuito apresentar uma breve discussão historiográfica conceitual dos usos dos contos de fadas na História dentro de uma perspectiva das relações de gênero fazendo-se leituras das autoras Abramowicz (1998); Estés (2018); Mendes (2000); Witzel (2013), perspectivas que nos sirva para pensarmos e interpretarmos os contos da oralidade – Contos (histórias) de Trancoso – no município de Caetés-PE, espaço de afluições sertanejas e agrestinas. Com isso, contos provenientes da tradição oral a partir da categoria gênero não é algo incomum, boa parte dos trabalhos que lidam com esse tipo de objeto principalmente os conhecidos como contos de fadas tendem a seguir essa perspectiva, haja vista que mesmo direcionadas ao público infantil há uma diferença e opressão de gênero bastante perceptível, mesmo muitas vezes sendo histórias narradas por mulheres, os ensinamentos morais carregam um recorte machista direcionando a culpa principalmente as meninas, são elas tratadas desde cedo como pecadoras ou desvirtuosas de alguma forma, cabendo cada uma aprender desde já controlar o seu ser para se adequar ao patriarcado dominante. Nos levando a tese principal cristã monoteísta – que sustenta essa estrutura de opressão feminina – ao qual a salvação feminina depende do sacrifício da mulher ao homem, submissão as regras do patriarcado.

Palavras-chave: História e Contos de Fadas; Gênero; historiografia.

ORALIDADE E CULTURAS NEGRAS: EXPERIÊNCIA E DESAFIOS DO USO DA HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE PESQUISA NA CONTEMPORANEIDADE

Sebastião Alves da Rocha

Mestre em História pela UFRPE

sebastiao.rocha@gmail.com

Resumo:

Esta comunicação visa apresentar relatos e experiência do uso do método da história oral como ferramenta metodológica de pesquisa em história. As reflexões apresentadas fazem parte do desenvolvimento da minha dissertação de mestrado desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde investigue a temática cultura negra na cidade de Recife, como recorte para o bloco afro Raízes de Quilombo. Desde a formulação do projeto para seleção, a história oral se apresentou como uma opção metodológica, dada a natureza de se trabalhar com a história da população negra. Pois, como se sabe do ponto de vista de arquivos e fontes, não existem muitas informações armazenadas/arquivadas sobre esse segmento populacional. Desse modo, a oralidade e as fontes orais são caminhos para se estudar a história de populações historicamente marginalizadas. Embora tenha ganhado maior validade no mundo acadêmico, a história oral ainda encontra resistência quanto a sua utilização. Entre as dificuldades identificadas, podem ser sinalizados, os diversos tramites burocráticos (comitê de ética, formulários, etc.), como também os procedimentos (coleta, transcrição, interpretação, dentre outros). Esses processos são caminhos necessários e posicionam a história oral frente a outros métodos e fontes de pesquisa. Procedimentos, teorias e/ou mitologia, muitas são as dúvidas sobre como usar a história oral. Para tanto, as reflexões apresentadas tem como objetivo ajudar na compreensão do uso prático da história oral como ferramenta metodológica para as pesquisas históricas, principalmente para quem está não tem experiência com história oral.

Palavras-chave: Oralidade. História Oral. Cultura negra. Relato de Pesquisa.

O COTIDIANO DO TRABALHO NO FAXINAL DA CACHOEIRINHA - IMBITUVA/PR (1950-1980)

Dener Cristi dos Santos

Mestrando em História pela UNICENTRO/PR

Dener11santos@hotmail.com

Resumo:

A pesquisa trata da análise das práticas cotidianas relacionadas ao trabalho agrícola e de criação de animais no faxinal de Cachoeirinha, em Imbituva-PR no período de 1950 a 1980. Para a pesquisa, utilizamos a metodologia da história oral a partir de fontes orais obtidas por meio de duas entrevistas com moradoras do faxinal. A história oral, utilizada enquanto método de uso da oralidade como fonte, tem como base a questão subjetiva, exposta através das narrativas na construção dos argumentos, na visão de mundo do sujeito, etc. A utilização da oralidade como fonte nos permite interpretações das memórias dos sujeitos sociais de determinado contexto histórico. Nos permitem ainda a escuta e o registro das vozes dos sujeitos excluídos da “história oficial”. Os faxinais, concebidos como Comunidades Tradicionais, contam com diversas características consideradas singulares, relacionados à cultura, economia, costumes e práticas, como a organização social comunitária, o desenvolvimento da agricultura de subsistência, o uso comum da terra para a criação de animais soltos e os saberes tradicionais praticados. Nesse sentido, pode-se citar a prática dos puxirões, trabalho coletivo realizado entre os moradores do faxinal, que visava facilitar determinada fase da prática agrícola, seja para limpeza do terreno, plantio ou colheita. Mencionamos também a criação de animais soltos em áreas comuns, que se organiza através do direito consuetudinário baseado nos costumes dos moradores. As práticas citadas, tidas como cotidianas porque persistiram por muito tempo no tempo e no espaço, nos fornecem uma série de significados e costumes construídos pelos sujeitos do faxinal. O cotidiano é entendido como um campo de compreensão do real, constituído pelas práticas dos sujeitos que o inventam na produção constante dos espaços praticados. A partir disso, analisamos as práticas cotidianas de trabalho nos faxinais como forma de compreender elementos culturais e econômicos que se relacionam com um contexto mais amplo, que pode auxiliar na compreensão de processos de mudanças, conflitos e sociabilidades. A pesquisa sobre Comunidade Tradicionais, pode auxiliar no processo de visibilidade e da construção de organizações em defesa de pautas relacionadas à preservação e manutenção da cultura e dos *modus vivendi* tradicionais brasileiros.

Palavras-chaves: Faxinal; Comunidades Tradicionais; Cotidiano, Imbituva-PR; História Oral.

INDÍGENAS POTIGUARAS LGBTQIAPN+ DA PARAÍBA NO CONTEXTO DA CIDADE E DA ALDEIA

José Marcos Nascimento Pontes

Graduando em Licenciatura Plena em História – UEPB

jose.pontes@aluno.uepb.edu.br

Dayane Nascimento Sobreira

Orientadora – UEPB

dayanesobreira26@gmail.com

Resumo

O objetivo desse trabalho é descrever narrativas frente à existência dos Indígenas Potiguaras LGBTQIAPN+ dos aldeamentos e núcleos urbanos dos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição-PB, bem como na necessidade de ampliar as concepções frente às representações dos povos originários tanto na mídia quanto no ambiente educacional, abarcando a urgente necessidade de pautas voltadas para as discussões sobre saúde mental, sexualidade e diversidade de gênero nas terras indígenas. Por vez, utilizam-se fundamentos da história oral, bem como relatos de LGBTQIAPN+ potiguaras acerca de suas vivências e os enfrentamentos frente aos preconceitos, exclusões e discriminações tanto dentro das aldeias quanto na cidade – e mesmo na Academia. Além disso, com ênfase no compromisso ético dessa pesquisa de trabalho de conclusão de curso, ora em andamento, a

escrita de si tornou-se de suma importância numa perspectiva indígena indo ao contraponto de uma história tradicional. Entendemos que essa história também é escrita em primeira pessoa, pensando nas contribuições das epistemologias feministas ao campo da História. Os resultados pairam através dos discursos de ódio, violências físicas, verbais e psicológicas contra os Potiguaras LGBTQIAPN+ na cidade e principalmente dentro do aldeamento, sendo fortemente influenciada pela presença da fé cristã nesses espaços de terra indígena (TI) e o aumento expressivo da perda das tradições originárias, assim como também, o preconceito, afeito sob diversas óticas: são paraibanos/as/es, indígenas, racializados/as/es e LGBTQIAPN+. Em suma, esse trabalho é uma tentativa de sinalizar narrativas da existência desses/as/es sujeitos/as/es silenciados/as/es, suas resistências cotidianas e plurais – e porque não dizer coloridas. Conclui-se pouco se fala sobre os povos originários na perspectiva de sexualidade, aflorando ainda mais o olhar colonizador sobre esses corpos, que são alvos constantes do apagamento e do silenciamento. Logo, são urgentes os debates que elevem esses duros episódios para que se possa haver visibilidade, acolhimento, oportunidade e principalmente respeito, no âmbito da escrita da História – e para além dela.

Palavras-chave: Indígenas Potiguaras; LGBTQIAPN+; Discriminação; Preconceito.

O TEMPO DOS ANCESTRAIS E O TEMPO PRESENTE: A ESCRITA DESANA EM “ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA”, A HISTÓRIA, E AS LUTAS POLÍTICAS TUKANO (ANOS 80-90, SÉC. XX)

Lara Oliveira Reis

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História
Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
lara.oliveira.reis@gmail.com

Resumo:

Este trabalho de pós-graduação procura analisar o primeiro livro publicado por um autor indígena no Brasil, “Antes o Mundo Não Existia”, lançado pela editora FOIRN em 1980 no contexto das lutas pela demarcação de território indígena e ocupação militar da região Norte. O autor Torãm Kehiri redigiu o livro a partir da História cosmogônica do povo Desana como contada pelo seu pai, Umusi Pãrökumu. Como um kumu (*especialista*), Umusi Pãrökumu estudou para receber o conhecimento da kéhti úkusse, a arte do diálogo e das histórias ancestrais, ou seja, o conhecimento da História Desana pelo meio oral. O livro procura traduzir essas histórias para o meio escrito, com o objetivo de alcançar audiências além dos Desana e de revitalizar o interesse dos jovens pela história local. Na época de publicação, as terras da região de São Gabriel da Cachoeira foram divididas para potencializar a extração das seringueiras, da coca, e do garimpo, cujos comércios perduraram desde meados do séc. XIX até os anos 70 do séc. XX. São nestas terras que os Desana, além de outras etnias Tukano, residem. O livro e o território se conectam na medida em que, ao longo da narrativa sobre a história e ancestrais dos Desana, a presença de marcações geográficas importantes que delimitam o território no qual eles ainda residem, demonstra uma reivindicação do pertencimento àquele local. À luz do momento, onde a demarcação de terras indígenas se encontrava em disputa, a narrativa se torna um documento que espelha essa demanda. Além da observação do território, a análise do livro será acompanhada pela trajetória histórica das políticas indigenistas da década e dos conflitos e acordos feitos entre os povos tukano e o impacto do governo do final do período da ditadura militar-empresarial na região, observando em particular a ocupação militar das áreas amazônicas e a influência missionária, de grande parte salesiana. A possibilidade de estudar um livro que represente a história indígena, que traduz um ponto de vista diferente da História, nos oferece um novo olhar não apenas sobre os acontecimentos, mas também sobre a forma de fazer História. A tradução do oral para o literário em si só possui nuances que devem ser consideradas quando se pensa na História Indígena, além de sua relação com o território e a complexa rede que envolve objetos sagrados, marcadores geográficos, rituais e História dentro da cultura Desana. Assim, o processo que levou até o uso da escrita pelos Desana será, também, contextualizado. A hipótese de que o livro pode ser visto como um instrumento político é o norte da pesquisa, e, portanto, será analisada a partir do contexto e do conteúdo das narrativas. Assim, esta fonte será analisada como uma

tentativa de divulgação de uma história tradicional, e como transcrição da História Oral, com questões como a reivindicação e sentido de pertencimento geográfico que estão explícitas no livro, e a literatura como forma de luta política utilizadas como chaves para a análise.

Palavras-chaves: literatura indígena, história oral, cosmovisão, ativismo, desana, tukano, Alto Rio Negro.

Bibliografia básica:

- ALBUQUERQUE, Judite. Captura e resistência: Efeitos do sistema Preventivo de educação Salesiana entre índios do Rio Negro/AM. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO. 2., 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/JuditeGoncalvesDeAlbuquerque.pdf>>.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. O lugar dos índios na história—a contribuição de John Monteiro. *Fronteiras & debates*, v. 2, n. 1, p. 03-04, 2016.
- ANDRELLO, Geraldo. Falas, objetos e corpos Autores indígenas no alto rio Negro. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 25 N° 73*
- BARRA, Cynthia de Cássia Santos. Antes o mundo não existia: imaginário das línguas e livros de autoria indígena. *Raído, Dourados*, v. 14, n. 34, p. 122-137, jul. 2020. ISSN 1984- 4018. Disponível em: . Acesso em: 24 mar. 2021. doi:<https://doi.org/10.30612/raido.v14i34.11084>.
- BERNSTEIN, Serge. A cultura política. In: Jean-Pierre Rioux & Jean François Sirinelli. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 349-363.
- BRAZ, Batista Vas Daiana Roze Pajeú Silva Castro. Oralidade E Escrita: Afirmação E Resistência Cultural A Partir De Uma Obra Literária Indígena. *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.3 - 2020.
- BUCHILLET, Dominique. Interpretação da doença e simbolismo ecológico entre os índios Desana. _____, Dominique Sorcery beliefs, transmission of shamanic knowledge and therapeutic practice among the Desana of the upper Rio Negro region, Brazil. In: Whitehead N. (ed.), Wright R. (ed.). *In darkness and secrecy: the anthropology of assault sorcery and witchcraft in Amazonia*. Durham: Duke University Press, p. 109-131.
- CHARTIER, R. "Por uma sociologia das práticas culturais. [Trad.]. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002, p. 13-28.
- DIAKARA, Jaime. *Rio de Janeiro, o Lago de Leite*. Ed. Dantes, 2021.
- FERREIRA, Mariana Kawall Leal; VIDAL, Lux Boelitz. *Da origem dos homens a conquista da escrita: um estudo sobre povos indígenas e educação escolar no Brasil*. 1992. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- FREIRE, J. R. B. A canoa do tempo: tradição oral e memória indígena. In: Gerson Rodrigues de Albuquerque; Maria Antonieta Antonacci. (Org.). *Desde as Amazônias: colóquios* javascript:void(0). 1ed. Rio Branco: NEPAN, 2014, v. 2, p. 13-61.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. *Mairi revisitada - a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi*. São Paulo, NHII/USP/. F APESP, 1994.
- GINZBURG, Carlo. "A áspera verdade - um desafio de Stendhal aos historiadores." In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. SP: Cia das Letras, 2007, p. 170 – 188.
- GUERRA, François Xavier. "El renacer de la historia política: razones y propuestas", en: Andrés Gallego, José (dir.) *New History, Nouvelle Histoire: Hacia una nueva historia*. Madrid Actas, 1993.
- GUESSE, E.B. *Da Oralidade À Escrita: Os Mitos E A Literatura Indígena No Brasil*. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- GUESSE, E.B. *Vozes Da Floresta: A Oralidade Que (Re)Vive Na Escrita Literária Indígena*. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL ISSN 1980-4504.
- KOCH-GRUNBERG, Theodor. "Petróglifos Sul-Americanos Theodor KochGrünberg." *Museu Paraense Emilio Goeldi, Instituto Socioambiental, Sao Paulo* (2010).
- HUGH-JONES, Stephen. 2012. *Escrever na Pedra, Escrever no Papel*. In: ANDRELLO, Geraldo. *Rotas de Criação e Transformação*. São Paulo: ISA: 138-167.
- IUBEL, A.F. *Transformações políticas e indígenas: movimento e prefeitura no alto rio Negro*. São Carlos, 2015.

LIMA, Roberta Enir Faria Neves de; COSTA, Renilda Aparecida. No Rastro Da Cobra-Canoa: Religião, Cultura E Educação No Alto Rio Negro - AM. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, [S.l.], n. 240, p. 137-157, jul. 2017. ISSN 2447-861X. Disponível em: . Acesso em: 17 nov. 2020. doi:http://dx.doi.org/10.25247/2447-861X.2017.n240.p137-157.

MARQUES, Paulo Sérgio. A narrativa dos silenciados. Itinerários: Revista de Literatura, 2010.

NEUMANN, Eduardo Santos. A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai-Século XVIII. História UNISINOS: revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS. Vol. 11, N. 2 (Maio/Ago. 2007), p. 160-172, 2007.

PÃRÕKUMU, Umusi (Firmiano Arantes Lana) e KEHÍRI, Torãmu (Luiz Gomes Lana). Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kehiriporã. 2ª ed. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995

“OS SENTIDOS DA HANSENÍASE. UMA BATALHA DE MEMÓRIA NO TEMPO PRESENTE”

Luiza Porto de Faria

Mestranda Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

luizapfaroa@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho parte da hipótese de que, no tempo presente, existe uma disputa de memórias em torno da doença causada pelo bacilo de Hansen. Essa disputa está articulada entre dois discursos principais - o “discurso da hanseníase” e o “discurso da lepra”. Estes discursos não são externos às instituições de isolamento compulsório construídas no Brasil ao longo do século XX, mas sim, atravessam as narrativas dos indivíduos cujas vidas foram marcadas pela segregação. A fim de diagnosticar este fenômeno, o trabalho analisará quatro entrevistas coletivas de história oral temática realizadas com antigos moradores e pacientes da Colônia Santa Isabel, um dos mais de 30 asilos-colônias construídos no Brasil com o intuito de isolar as pessoas afligidas pela hanseníase.

Palavras-chave: hanseníase; lepra; história-oral; Colônia Santa Isabel

REMINISCÊNCIAS FLAGELADAS: NARRATIVAS SOBRE A FOME DURANTE A SECA DE 1958 E 1970 NO CARIRI CEARENSE

Bartolomeu Humberto de Sousa

Doutorando em História – UFRPE

Professor da Rede Estadual de Ensino da Paraíba

Professor da Rede Municipal de Ensino de Santa Luzia/PB

bartolomeuhumberto@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho discute as memórias construídas *sobre* e *a partir* das secas de 1958 e 1970 que ocorreram no Cariri cearense, problematizando as narrativas orais e os registros escritos, bem como o processo de disputa pelas memórias e as relações sociais envolvidas no processo de rememorar o passado. Assim, a partir das questões teórico metodológicas da história oral temática e da Nova História Cultural, procuramos entender como ocorre o processo de constituição das memórias sobre as secas na narrativa oral dos sujeitos que participaram direto ou indiretamente do flagelo, dialogando com os conceitos de *memória*, *representação* e *sensibilidades*, percorrendo as trilhas teóricas envolvendo os elementos de ancoragem da memória propostos por Sandra Pesavento.

Palavras-chaves: Seca; Memória; Representações; Oralidade; Sensibilidades.

Simpósio Temático 12

Interculturalidade e decolonialidade no Ensino de História

Coordenação: Juçara da Silva Barbosa de Mello | Felipe Cromack de Barros Correia

ÁFRICA: UMA VIAGEM NO TEMPO

Anna Elisa da Silva Gomes Mastrangelo

Mestranda pela PUC-Rio
annaelisagomes@gmail.com

Rafael de Albuquerque

Mestrando pela PUC-Rio
albuquerquerafael@gmail.com

Resumo:

A presente comunicação tem como objetivo relatar o processo de elaboração e prática de uma atividade didática, uma intervenção pedagógica, ocorrida no formato de oficina, que fora realizada no Colégio Estadual Professor José de Souza Marques, no Rio de Janeiro. Tendo como base a BNCC1, os objetivos da atividade foram: identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos (EM13CHS102); Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço (EM13CHS104); Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades (EM13CHS105). A dinâmica realizada procurou articular elementos surgidos no contexto da interação dos/com os alunos, atrelados à tentativa de trabalhar o objeto de conhecimento a partir de diversas fontes de estudo historiográfico, oportunizando aos alunos a construção do conhecimento mais envolvente e significativo. Nesta atividade, os discentes participaram de uma roda de conversa sobre as temáticas presentes nos dias atuais que se relacionam com o objeto de estudo, isto é, as possíveis conexões históricas e culturais entre o Brasil e a Ilha de Moçambique, no continente africano. Da experiência dessa intervenção pedagógica resultou a reflexão sobre um exemplo de como é possível propiciar situações que possibilitem a construção de conhecimento histórico significativo, por meio da observação e reflexão sobre os desencontros entre os registros das primeiras interações dos alunos com os fragmentos e o conteúdo e debate mediado pelo docente durante a atividade.

Palavras-chaves: Ensino de História; Memória e identidade; Conexões Atlânticas; Educação Antirracista; Ilha de Moçambique.

PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO, ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UM PROJETO DE EXTENSÃO RESUMO

Juçara da Silva Barbosa de Mello

Doutorado / PUC-Rio
jucarasmello@gmail.com

Resumo:

O projeto de extensão "Patrimônio cultural negro, ensino de história e educação antirracista", desenvolvido pelo LEEHPAC (Laboratório de Estudos em Ensino de História e Patrimônio Cultural), surgiu como resposta à necessidade de ações no sentido de promover situações propícias à construção do conhecimento histórico escolar em diálogo direto com os sujeitos escolares. Nesse sentido, buscou-se, não a priorização de questões/interesses da universidade, como comumente ocorre, mas o destaque para o protagonismo da comunidade escolar adotando-se uma postura de escuta. O eixo estruturante do projeto consistiu, portanto, na concepção da escola como espaço não apenas de disseminação do conhecimento, mas de sua produção, no qual pesquisa e ensino se apresentam de forma indissociável. Apostou-se, assim, na potência da interdisciplinaridade e do diálogo entre teoria e prática, na profícua

aproximação entre universidade e escola, graduação e pós-graduação, aplicando-se a perspectiva teórico-metodológica cuja centralidade gira em torno dos conceitos de interculturalidade e decolonialidade. Do ponto de vista prático, foram planejadas intervenções didáticas, sob a forma de oficinas, numa perspectiva interdisciplinar. Buscou-se fomentar o que está subjacente à proposta de divisão do conhecimento por áreas, como a das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, em consonância com o previsto pela recém implementada Base Nacional Comum Curricular, bem como pela Lei 13. 415/2017 que regulamentou o Novo Ensino Médio. Consta na referida legislação a necessidade de enfrentar o “desafio de desenvolver a capacidade dos estudantes de estabelecer diálogos entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas”. A escola é espaço privilegiado para a promoção de mudanças das representações sobre os negros africanos e afrodescendentes e da consequente transformação crítica das relações étnico-raciais.

Palavras-chaves: Projeto de extensão; Leehpac; educação antirracista; interculturalidade; decolonialidade

DECOLONIALIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA: (RE)PENSANDO AS CRÔNICAS DOS VIAJANTES

Rodrigo José Rodrigues Maciel

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

rodrigojrmaciel@gmail.com

Wanderson Sousa Costa

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

wanderson.costa@uemasul.edu.br

Resumo:

No espaço desta comunicação, pretende-se discorrer acerca da relação entre a literatura e o ensino de história, atuando em uma perspectiva interdisciplinar que entende a literatura como uma ferramenta pedagógica crítica, levando em conta sua característica de carregar consigo, mesmo em suas entrelinhas, valores presentes no universo social em que foi produzido. O presente trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão acerca das representações dos povos indígenas no contexto das relações interétnicas presentes no Brasil quinhentista para a sala de aula a partir das crônicas dos viajantes, da qual destaca-se a obra do viajante alemão Hans Staden, *Duas Viagens ao Brasil* (publicada originalmente em 1557), pela presença das xilogravuras que ilustram o enredo, possibilitando uma ampla investigação acerca dos símbolos produzidos pelos europeus. A obra em questão expressa a visão dos europeus em relação aos povos indígenas, descrevendo o universo cultural do *Outro* através de uma perspectiva cristã-europeia, ou seja, do ponto de vista do colonizador, fundamentando relações hierárquicas entre o “Velho” e o “Novo” mundo. Ao utilizar-se da literatura dos viajantes no ambiente escolar, busca-se, junto ao aluno, entendido aqui como protagonista de uma construção efetiva do conhecimento, a indagar e problematizar imagens pejorativas e estereotipadas presentes no imaginário social, buscando, através de uma perspectiva decolonial, a desnaturalização de tais imagens e o rompimento de uma narrativa colonial.

O ENCONTRO DE SABERES COM MARIA LUIZA MARCELINO

Felipe Cromack de Barros Correia

Mestrando pela PUC-RIO

LiPe1212@live.com

Resumo:

A colonialidade do saber faz parte da construção dos campos disciplinares. A História, a Sociologia e a Filosofia são segregadas por uma produção de conhecimento linear, hierarquizante, fragmentado e desigual. O surgimento e a consolidação destas disciplinas não ontológicas se deram por meio de uma desvalorização contínua e violenta dos saberes ribeirinhos, quilombolas, indígenas, pretos, de mulheres e de quaisquer outros para além do branco ocidental moderno, que legitimaram expropriações, violências e

genocídios coloniais ainda vistas atualmente, como analisado por Sueli Carneiro (2005) e Mary Pratt (1999). Por isso, Donna Haraway mostra que “a ciência é um texto contestável e um campo de poder” (HARAWAY, 1995, p. 11), cujo projeto colonial, ainda em vigor, produz máscaras de silenciamentos que procuram impossibilitar a proliferação de outros saberes. O conhecimento, a erudição e a ciência estão diretamente ligados ao poder e à autoridade racial epistêmica. Neste sentido, por meio de uma prática decolonial, faz-se fundamental não só apontar as formas pelas quais se constitui a produção do saber moderno colonial, como também o movimento de “descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento” (KILOMBA, 2019, p. 53). A fim de impossibilitar a perpetuação de dinâmicas que reflitam os interesses unicamente de uma sociedade hierarquizante branca, na qual a heterogeneidade, a pluriuniversalidade e a prática de confluir saberes não possuam vez, deve-se potencializar experiências dialógicas de uma História indisciplinada, como o projeto em vigor do Encontro de Saberes. Ao alargar nosso horizonte de expectativa com utopias realistas (SANTOS, 2021), nos aproximamos de uma redistribuição de poder, material social, política e cultural.

Palavras-chaves: Decolonialidade; Ensino de História; Indisciplinar.

ENSINO DE HISTÓRIA NOS MUSEUS: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Luisa da Fonseca Tavares

Doutoranda em Educação pela FE/UFRJ

lufotavares89@gmail.com

Resumo:

Este trabalho compreende a importância do ensino de História na construção de uma sociedade democrática e plural. Entretanto, reconhece as disputas acerca de sua produção, conteúdo, currículo e formação de professores. Nesse aspecto, aposta numa pedagogia decolonial como ferramenta de luta educacional, ao considerar a existência de marcas e feridas abertas latentes em nossa sociedade causadas pela colonialidade do poder do homem branco europeu. Sua opressão e violência não ficaram restritas à uma única ordem temporal ou espacial, atingindo inclusive os museus, espaços discursivos, de memória e poder. Entendendo que os museus participam da produção de conhecimento histórico e tido pelos professores de História como local profícuo de aprendizagem, proponho problematizá-lo, trazendo como exemplo, o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro (MHC/RJ) a partir da decolonialidade e interculturalidade para o ensino de História.

Palavras-chaves: ensino de história; museu; colonialidade do poder; decolonial.

ESTROFES DE HISTÓRIA – ESCRITA EM RIMA E LETRAMENTO HISTÓRICO

Adriana da Silva Serafim

Mestre em Ensino de História pela PUC-Rio

Adrianaserafim1979@gmail.com

Resumo:

A presente pesquisa consiste em utilizar estrofes de versos, inspirados no partido-alto, uma das matrizes do samba no Rio de Janeiro, como ferramenta didática no aprendizado da história escolar. Nossa experiência baseia-se na produção de definições dos conteúdos trabalhados em sala de aula em forma de versos que rimam formado as estrofes. Ao utilizar o partido-alto como ferramenta didática buscamos fortalecer os históricos saberes que os povos afro-brasileiros construíram a partir da diáspora, além de levar o samba para dentro do ambiente escolar nos possibilita desenvolver uma ação de preservação do patrimônio cultural brasileiro e uma forma de apresentar aos estudantes um patrimônio histórico-cultural. Essa prática pedagógica nasceu sem planejamento prévio, a construção dos versos foram acontecendo dentro das aulas como uma atividade e uma brincadeira. A vejo como uma “tática de praticante” desenvolvida no diálogo entre praticantes do cotidiano, estudantes e professores (ALVES, 2003, p.66). Ela

é resultado de uma “combinação singular e única de elementos” (ZAVALA, 2015, p.190) e experiências pedagógicas, acadêmicas e culturais que eu vivenciei. Pensando o cotidiano escolar a partir dela percebo como esse universo carrega processos múltiplos e complexos quando une as experiências vividas por docentes e discentes, seja na sala de aula ou em outros espaços da escola. A análise das produções dos alunos buscou uma reconstrução discursiva desta ação a partir da ideia de professores e estudantes como compositores. E a inovação desta proposta esta no fato de propor aos estudantes sistematizar seus conhecimentos na forma de letra de musica e não apenas usar a cancao pronta, consumindo-a.

Palavras-chaves: samba, partido-alto, ensino de historia, letramento histórico, Experiencia

PARA ALÉM DO RELATIVISMO CULTURAL: O ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA NA ESCOLA BÁSICA ATRAVÉS DA INTERCULTURALIDADE CRÍTICA

Vinicius Valadão Gonçalves

Graduando em História pela UFJF

vinicius.valadao@estudante.ufjf.br

Resumo:

O ensino de história indígena se tornou obrigatório nas escolas brasileiras através da Lei 11.645/08, porém, mesmo depois de uma década, ele ainda é apresentado aos alunos de forma limitada, sem proporcionar uma educação crítica e transformadora. Atualmente, a história indígena é trabalhada nas escolas de maneira reduzida e atrelada principalmente ao “descobrimento” do Brasil. Dessa forma, as discussões são extremamente pontuais e formuladas através de uma carga teórica muitas vezes já superada pela universidade. A partir disso, surge a necessidade do diálogo entre academia e escola, com o objetivo de desconstruir formulações ultrapassadas e também construir novas, que venham em contrapartida aos diferentes tipos de colonialidade perpetuantes na sociedade. Com isso, a apresentação possui como objetivo central refletir sobre as contribuições e possibilidades proporcionadas pela interculturalidade crítica para o ensino de história indígena no ensino básico brasileiro. Pautando-se no pensamento decolonial, pretende-se compreender as limitações impostas pelo padrão ocidental, branco e eurocêntrico de conhecimento e refletir sobre sua superação, prezando pela pluralidade e autodeterminação dos povos originários. Dessa forma, compreende-se que é de extrema importância o ensino de história indígena pautado em perspectivas que ressaltem os saberes tradicionais não como peculiaridades, mas como saberes outros próprios, construídos a partir de sujeitos históricos. Através disso, a apresentação visa propor um ensino de história indígena pautado para além do relativismo cultural e do direito à diferença, mas principalmente em um ensino que utilize da interculturalidade crítica para a reflexões acerca de um pluralismo histórico e autonomia dos povos tradicionais. Esse é um movimento essencial para que os alunos se desloquem de suas zonas de conforto pautadas na ocidentalidade do conhecimento, e pensem além do conceito “acabado” de modernidade, refletindo assim em outras epistemologias.

Palavras-chaves: Ensino de História, História indígena, interculturalidade, colonialidade.

POLÍTICAS EDUCATIVAS PARA MINORIAS ÉTNICO-RACIAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA EM PORTUGAL E NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS NOS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

Isabella Pereira Pimentel

Faculdade de Letras, Universidade do Porto (FLUP)

isabellapimentel86@gmail.com

Resumo:

No que diz respeito às discussões sobre políticas públicas para a inclusão das minorias étnico-raciais no sistema educativo, é notório o aumento do interesse acadêmico-científico sobre a temática. Gerir a diversidade cultural na escola tem se revelado um frutifero laboratório para se pensar e agir sobre os desafios impostos pelas desigualdades sociais e raciais. A escola passa a ser perscrutada enquanto um

espaço epistemológico que potencializa a construção de um conhecimento histórico com natureza própria e status específico, o escolar. Este por sua vez, tem se legitimado através das práticas dos gestores, docentes e discentes, todos agentes sociais deste processo. Neste sentido, consideramos a escola como um locus no qual, particularmente diferentes fontes históricas são produzidas e que, portanto, merecem a atenção dos historiadores. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar alguns resultados preliminares de um estudo piloto realizado entre abril e junho de 2022 no âmbito de um projeto de doutoramento em História intitulado “Entre reconhecer para libertar e descolonizar para aprender: relações étnico-raciais e políticas educativas para a diversidade cultural em Portugal e no Brasil (1986-2018)” desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Tal iniciativa visou testar um dos instrumentos de coleta de dados: o questionário para os docentes de história. Obtivemos a participação de profissionais 18 do ensino fundamental e médio, sendo nove portugueses e nove brasileiros. O quadro teórico utilizado para a análise dos dados é composto por autores que estão vinculados à teoria decolonial, como Candau (2010), Quijano (2001), Walsh (2006), dentre outros. Conceitos como cultura, escolar, conhecimento escolar, código disciplinar da história, saberes disciplinares compõem este estudo. Utilizamos ainda o software Rstudio para gerar os gráficos e para a criação das categorias da análise de conteúdo (Bardin, 1997). De forma mais específica, buscamos observar e analisar como as normas e os agentes sociais se posicionam a respeito das desigualdades sociais e diversidades existentes nos dois países. Desse modo, a proposta do trabalho é explicitar os discursos sobre essa agenda política brasileira e internacional, inserida no bojo das políticas educacionais para a gestão da diversidade cultural e sobre quais questões têm se desdobrado os debates acerca do ensino de História em Portugal e no Brasil. Relativamente pela complexidade que o conceito inclusão social carrega, debruçamos sobre essas fontes, a fim de pensar seus contributos para práticas educativas inclusivas.

Palavras-chave: Ensino de História; Políticas educativas; Conhecimento histórico escolar; educação étnico-racial;

HISTÓRIA ÚNICA E DECOLONIALIDADE NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO PAULISTA: EXPERIÊNCIAS NEGRAS NO BRASIL E ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS PARA O COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL

Alan Tomaz de Andrade

Licenciando em história, Mestre em Mídia e Tecnologia,
Bacharel em Jornalismo e membro do
Neocriativa Unesp-Bauru.
alan.tomaz@unesp.br

Resumo:

Para Chimamanda Adichie (2019, p.27) uma das consequências da história única está no roubo da dignidade dos grupos aos quais se apaga as experiências históricas. Durante o processo de construção do país, várias foram as estratégias de manutenção deste ideal, que conseqüentemente foram incorporadas no sistema de ensino da educação pública. Uma materialização deste cenário, pode ser observada ao analisar o currículo escolar do estado de São Paulo, que prioriza o protagonismo dos fatos históricos europeus, e atribui uma posição de coadjuvante para as experiências culturais e de resistências negras. Mesmo com a lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro brasileira, existe uma grande dificuldade de operacionalizar o debate sobre as violências institucionais que foram aplicadas para população negra no país. Diante deste fato, utilizando as categorias de análise da realidade concreta de Milton Santos (2000) este estudo tem como objetivo geral descrever de que forma a narrativa da história única observada no currículo do ensino médio do estado de São Paulo interfere no processo de compreensão das experiências negras no Brasil e reforça a manutenção de violências, trazendo como objetivos específicos: quebrar as fabulações que foram criadas sobre os processos históricos e as possibilidades disruptivas que podem ser geradas a partir de um ensino de história decolonial e afrocentrado para o combate ao racismo estrutural.

Palavras-chaves: Decolonialidade; Ensino; História; Negro; Racismo.

XII SEMANA DE HISTÓRIA POR UM BRASIL DEMOCRÁTICO

ENSINO DE HISTÓRIA,
TRABALHO E GÊNERO

DE 06 A 10 DE FEVEREIRO



REALIZAÇÃO:



DIRETÓRIO ACADÊMICO DE
HISTÓRIA DA UFRPE - MANUEL
CORREIA DE ANDRADE

APOIO:



Programa de
Pós-graduação
em História



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



Laboratório de Estudos
e Ensino sobre a Raça



UFPE
NUPÉGE
Núcleo de Pesquisas
e Estudos em Gênero

NUPECS
Núcleo de Pesquisas em Ciências Sociais da UFPE